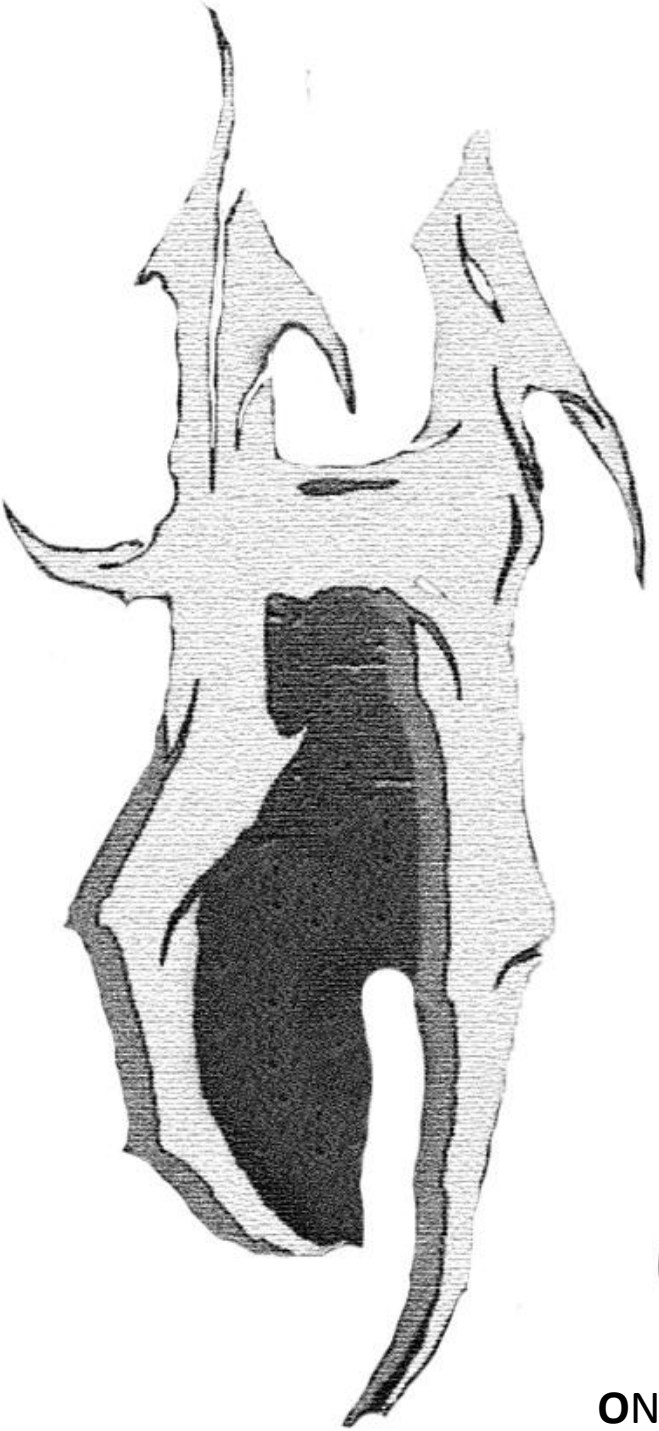
“Esta é uma obra de ficção, qualquer semelhança com nomes, pessoas, fatos ou situações da vida real terá sido mera coincidência”

“Quando um Homem ultrapassa mais de 10 por cento de sua capacidade intelectual, os homens o engrandecem e o reconhecem lhe tornando um arquiteto na terra podendo alterar e modificar, criando quaisquer criaturas. Mas, ele ainda estará abaixo de DEUS, pois tudo que há na terra já foste criado com perfeição. Suas capacidades intelectuais foi DEUS que tirou de si, para dar aos homens e limitá-los, pois, assim que tentam ultrapassar seus limites, coisas ruins acontecem, coisas malfeitas e imperfeitas se criam. Toda glória e poder desabam, para honra de DEUS “

Recorda-se...



ONÉZIO **B.** **G**AMA

RELATOS PRINCIPAIS DO LIVRO

01- Conhecendo Mais ou Menos Nós pág.: *01*
02- Alimentando os Animais Genéticos pág.: *05*
03- Os Anciões e o Refúgio pág.: *12*
04- O Gás HELLARCs pág.: *15*
05- Família pág.: *19*
06- O Relatório Secreto pág.: *24*
07- O Sono Profundo pág.: *29*
08- Flashback pág.: *35*
09- Terapia pág.: *40*
10- Punições pág.: *48*
11- As Estatuas pág.: *54*
12- Um Ato de Loucura pág.: *61*
13- Caos pág.: *65*
14- A Espécie de Zumbis pág.: *74*
15- Devorados págs.: *79*
16- Os AFORTLHES pág.: *86*
17- Lutando até o Último Suspiro pág.: *98*
18- Dia 02 A fumaça Vermelha pág.: *102*
19- Sobrevivendo pág.: *113*
20- O Pastor pág.: *122*
21- O Hotel BJI pág.: *134*
22- Em cima do muro pág.: *143*
23- O Nevoeiro pág.: *153*
24- Os Filhos Perdidos pág.: *163*
25- Motim na Igreja I.P.E. pág.: *177*
26- Os Dois Aís pág.: *186*
27- Um último Aí pág.: *200*

MARÇO,2020

EM QUARENTENA,

o Cientista Genezi Barbosa irá relatar a nós...
as informações perdidas e necessárias para que possamos entender o que ocorreu nas Cidades BJI e BJN, onde se originou uma grande contaminação pelo gás

HELLARCs

e infestações de

ANIMAIS GENÉTICOS

Relato_01

Conhecendo Mais ou Menos Nós.

No início da madrugada do dia 27 de outubro de 2019, a festa no Laboratório H.A.V.Es (Hellarcs, Antivírus, Experimentais) começou. As músicas Flashback dos anos 80 estavam animando o ambiente enquanto comemorávamos os 6 anos de existência da equipe.

Embora ninguém estivesse realmente preocupado com a data em si, todos queriam aproveitar as exatas 1 hora de festa e celebrar os 6 anos que passamos juntos.

Éramos cerca de 90 pessoas, mas apenas metade estava presente na comemoração. Entre nós estavam Doutores, Cientistas, Pesquisadores, Analistas, Médicos, Técnicos de Enfermagem, Fiscais, Estagiários, Equipe de Apoio (limpeza) e outros. A festa não tinha bebidas alcoólicas, mas quem precisava delas? Já estávamos todos separados por duas palavras, quase loucos.

O laboratório não era enorme, mas tinha uma estrutura complexa. Sendo o segundo a ser construído, ele tinha 6 andares para baixo e 4 andares para cima. No entanto, os 4 andares de cima eram fachadas, funcionando como uma farmácia onde os remédios manipulados eram vendidos. O primeiro andar era a recepção, onde os visitantes eram registrados e acompanhados até o elevador secreto.

No subsolo, o primeiro andar era uma grande recepção onde se registrava a entrada e saída de todos os privilegiados.

Os dois andares seguintes eram laboratórios de manipulação, onde eram desenvolvidos novos remédios e realizadas pesquisas avançadas. O quarto andar era o centro nervoso do laboratório, onde ficavam as salas dos chefes de cada departamento e a sala de controle. O quinto andar era a área restrita, onde as experiências mais perigosas eram conduzidas. Finalmente, o sexto andar era a ala de segurança máxima, onde as amostras perigosas eram mantidas em isolamento absoluto.

Na festa, os convidados desfrutavam de uma atmosfera alegre e descontraída, com luzes coloridas e balões enfeitando o ambiente. Todos estavam vestidos de forma casual, deixando para trás o rigor dos uniformes brancos. Alguns arriscavam passos de dança animados, enquanto outros aproveitavam a oportunidade para colocar a conversa em dia. Foi um dia inesquecível.

Nosso trabalho no laboratório era altamente monitorado e reportado, inclusive nossas tarefas eram anunciadas durante o check-in. Nos andares superiores, havia salas de pesquisas, escritórios, banheiros e um centro de vídeo monitoramento. O quarto andar era especial, com um grande pátio de reuniões, alojamentos e uma área para descanso. Lá, os Doutores Leiko Guesa e Sarau Gawa se reuniam com os chefes de pesquisa de cada andar para discutir nossas manipulações genéticas em cães e outras pesquisas secretas realizadas no quinto andar, acessível apenas para cientistas, geneticistas e pessoas de importância.

Eu, como principal cientista na manipulação genética de cães, sempre participava dessas reuniões, mas meu acesso ao quinto andar foi temporariamente bloqueado. Diziam que era para a manutenção do meu pequeno laboratório, mas isso me deixou desconfiado.

Também realizávamos pesquisas sobre o comportamento humano em situações de pânico, incluindo atitudes, planos de sobrevivência e busca por ajuda. Esses estudos eram restritos a pessoas com funções importantes.

Nossa festa, que antes era no quarto andar, foi realizada no terceiro andar dessa vez, mais próximo da saída. Antes da festa, a equipe de apoio limpou bem a sala, deixando-a vazia. Não sabíamos para onde foram levadas as coisas, mas levou cerca de três dias para organizar tudo.

Decidi relatar tudo isso para divulgar o que aconteceu conosco e servir como testemunho e prova caso algo acontecesse comigo. Tínhamos amigos confiáveis e inimigos que poderiam nos retirar do cargo, o que já havia acontecido com algumas pessoas. Se não atingíssemos as metas das avaliações dos Doutores, éramos expulsos do laboratório e outras pessoas assumiam nosso cargo. Optamos por abandonar nossos familiares e cansamos do mundo como ele estava. Sabíamos que a justiça poderia nos procurar, mas nunca descobririam a verdade. Essa ideia, aos poucos, foi se tornando cada vez mais viável.

Me chamo Genezi Barbosa, mas prefiro ser chamado de Gene ok? Eu sou um cientista que conseguiu modificar geneticamente algumas raças de cães durante esses 6 anos. Eu conseguir criar espécie de Animais com formas horrorosas comedores de carne humana, podendo sentir o cheiro a distância. São venenosos, ágeis e espertos. Possuem cerca de 1 metro e meio quando estavam de pé, garras venenosas nas 4 patas, uma bocarra com dentes grandes, uma grossa camada de pele sem pelos e grandes olhos avermelhados. Se for contaminado por eles e sobreviver, não se preocupe eu tenho o antídoto que irá deixá-lo livre da contaminação, mas seus ferimentos e as dores teriam que ser tratadas. O único problema disso tudo é que você terá 5 minutos para me encontrar, ou enfrentará uma dor tão sinistra que não terá mais dente para ranger e certamente morrerá sentindo cada órgão ser incrivelmente destruído no seu corpo.

Relato_02

Alimentando os Animais Genéticos.

- Estamos precisando de pessoas para alimentar meus cães. **(Cientista Gene)**
- Já escolhemos alguns e hoje mesmo estarão conosco. **(Caçador de Vítimas)**
- Cara, com 2 dias sem alimentá-los serão tão agressivos que eles nem terão chances. Isso vai ser dureza novamente. Aliás, está repetindo desde o ano retrasado. **(Cientista Gene)**
- É, mas a política agora é outra. Parece que temos mais noiados nas ruas do que mendigos. Ordens são sequestrá-los primeiros... **(Caçador de Vítimas)**

Bom, esse pequeno diálogo entre mim e o Caçador de Vítimas foi um saco. Antes de tudo, para vocês nos entenderem, infelizmente e felizmente precisávamos sequestrar os mendigos que vagavam pela madrugada nas cidades. Eles por serem mais fáceis de ninguém notar a falta, davam trabalho para os Cães deixando nossas avaliações na hora H, mais fáceis. Avaliamos quanto tempo durariam vivos num ambiente considerado grande. Isso ocorreria no sexto andar, onde os segredos começavam.

Para eles, dávamos armas de fogo, armas brancas, o cenário com obstáculos tudo representando como seria lá fora..., mas os mendigos, é claro, morriam facilmente sendo devorados e mutilados.

Os Animais gostavam de dilacerar a vítima e adoravam comer a cabeça, pois o cérebro era algo muito apetitoso. Se eu soubesse tudo sobre como sequestravam as pessoas eu contava, mas o que eu sei contarei...

Por exemplo, os Caçadores de Vítimas tinham uma cartilha de 10 páginas de como escolher, analisar o local, oferecer drogas, perguntar as pessoas sobre os mendigos, pesquisar e depois fazerem o seu trabalho que é sequestrá-los e trazê-los para nós. Houve uns anos que pessoas normais também eram sequestradas em outras cidades. Foi até bom, pois a maneira de sobreviver nos deu uma visão diferente nas avaliações. Durante anos fizeram isso, mas estavam vindo mais noiados que atrapalhavam o trabalho a polícia e governo, (no caso nenhum deles sabiam onde levávamos, mas deixavam a gente fazer nosso trabalho).

No tempo que ficávamos sem vítimas víamos os vídeos daqueles sobreviventes que foram melhores conseguindo por 7 a 8 minutos ficarem vivos até serem devorados. Mas ninguém conseguia passar esse limite de tempo, enfrentando-os cara a cara.

Os Cães eram bastante espertos, mas por algum motivo bastante estranho é que alguns eram lesados, songamongas. Defeito neles mesmo, é coisa do DNA.

Os Animais depois das atividades voltavam para o local chamado cativeiro, de atrás de uma porta de aço chumbado que evitaria deles fugirem, como possuem garras retráteis nas patas podendo até estraçalhar uma porta de madeira bem resistente, tipo aroeira.

Eram cerca de 90 Animais macho, e naquele momento que eu estava ainda por lá, outros 30 ainda iriam nascer. Mas as fêmeas da raça pitbull morriam não suportando eles, então a expectativa sempre era nessa margem de 14 para nascerem dos 30, a duração da gestação era mais acelerada.

As fêmeas pitbull eram fundamentais para gerar o feto, pois são única raça que resiste até o fim da gestação, mas logo após do parto morriam envenenadas pelo feto sendo que ao chegar na hora de ele nascer, as garras saiam por impulso Animal e então, matavam o hospedeiro... Bom, agora posso ter uma pausa para o cafezinho...Rsrsr

Em respeito dos noiados como vítimas é um saco. Eles não reagiam e morriam facilmente parecendo mortos vivos, mas não poderia deixar os Animais sem se alimentar. Eu já deixei alguns deles uns anos atrás sem comer. Os Animais genéticos depois do sexto dia ficavam desesperados e seus sentidos ficavam bem aguçados. Já no sétimo dia a reação já apresentava pioras, ficando cada vez mais lentos perdendo quase toda a capacidade de caçar em especial os sentidos de faro e paladar. A alteração do paladar tinha uma reação muito estranha e até perigosa para eles, pois confusos acabavam devorando sua própria espécie e morrendo minutos depois por causa do veneno que era tóxico demais. Conclusão, para matar a fome eles com certeza começavam a querer outros tipos de carne. E finalmente no décimo primeiro dia, eu os alimentava.

Não pude saber se morreriam, mas estavam muito debilitados. Agora direi como as vítimas chegavam por lá:

Assim que as vítimas chegavam no quinto andar, podia-se ouvir gritos e palavrões sendo ditos pelo grupo de no máximo 12 pessoas. Apesar da agitação, nós não fazíamos nada para acalmá-los, pelo contrário, até os agredíamos para que ficassem mais nervosos. Dizíamos coisas para abalar o psicológico deles, ameaçando que iriam morrer de maneira terrível e sem volta. Os interrogatórios eram realizados com duas pessoas de cada vez, e as ameaças eram constantes.

Enquanto isso, boatos sobre mudanças ocultas no Laboratório H.A.V.Es. corriam pelos corredores e minha equipe só comentava, já que eu como responsável pelo setor, não tinha acesso a muitas informações. Teorias esquisitas eram criadas para explicar as coisas bizarras que aconteciam ali, inclusive os dias em que agíamos de forma paranoica. Era surpreendente ver que as pessoas ao redor pareciam não se importar com o que acontecia.

As outras equipes se encontravam apenas uma vez por semana, mas ninguém comentava sobre os resultados ou o que estavam fazendo, para evitar concorrência e possíveis surpresas desagradáveis. No quinto andar, eu soube que havia sido retirado muita coisa de lá recentemente, diminuindo o espaço das pessoas e restando apenas 8 salas das 22 que havia anteriormente. Essas 22 salas estavam sendo preparadas para um início em novembro.

Assim que chegavam mais vítimas, eu, o Caçador de Vítimas e alguns membros da equipe íamos para a sala dos Sacrifícios, localizada no sexto andar. Em meu último dia ali, contarei um pouco sobre as reações e atitudes das vítimas.

- Os mendigos chegaram. **(Caçador de Vítimas)**
- Ha! me tirem daqui. seus desgraçados! **(Vítima)**
- Não terá ninguém para salvá-los agora. **(Caçador de Vítimas)**
- Por favor eu prometo mudar minha vida. eu não moro na rua. Eu só sou um andarilho. **(Vítima)**
- Eu também. Nos tire daqui. **(Vítima)**
- Lamento, mas suas madrugadas estarão com as horas contadas. **(Caçador de Vítimas)**
- Mas que desgraça! Que tipo de experiencias vão fazer? **(Vítima)**
- Verão agora. Eu vos agradeço por serem assim, pois sua vida como ela é, é fundamental para nós. **(Cientista Gene)**
- Vão se fuder! Eu vou sair daqui e matarei todos. Eu não ligo se vários de nós terão que morrer para alcançarmos a saída desse inferno. **(Vítima)**
- Isso mesmo! Seus loucos! Seus lunáticos! **(Vítimas)**
- Eu estou aqui a anos! Não me interesso em sair. O mundo lá fora não tem importância mais...Afinal, estamos tão para baixo que jamais subiríamos.
Eu me acostumei aqui e vocês, irão ficar eternamente por aqui. **(Cientista Gene)**
- Ninguém é eterno seus vermes. **(Vítima)**

- Mas quando está morto sim! **(Caçador de Vítimas)**
- Meu Deus! mas que lugar! Fizeram umas casas, ruas, para que são? **(Vítima)**
- Eu não vejo a hora disso começar. **(Vítima)**
- Você, mano, está doidão? **(Vítima)**
- Rsrsrsrs. **(Vítimas)**
- Ei! Aquilo são cães?... Que criaturas são eles? Que troço horrível... **(Vítima)**
- Estão querendo que sejamos alimento para eles? **(Vítima)**
- Claro que não. Vamos gente! Vocês terão que sobreviver a eles. Por aí tem armas e podem enfrentá-los ou até se esconder. Eles irão ser soltos. Apressem! **(Cientista Gene)**
- Ah! Ah! Ah! **(Vítimas gritando)**
- Vou matar eles, e depois vocês! **(Vítima)**

Naquele mesmo dia, logo após termos resgatado as últimas vítimas, fui fazer uma pausa para jantar no pátio do quarto andar, onde me sentei em uma das várias mesas disponíveis. Ao meu lado, estava meu único amigo Patrick, um ótimo piloto de helicóptero que tinha o privilégio de voar sobre as cidades BJI e BJN e fazer tarefas para os Doutores. Eu já havia tido conversas importantes com os Doutores e, apesar de me sentir próximo a eles, eles raramente compartilhavam informações com alguém, mesmo sendo eu o responsável por manipular as genéticas dos cães.

Patrick estava agindo de maneira estranha, suando muito e parecendo bastante preocupado e paranoico. Ele olhava para todos os lados e se calava quando alguém se aproximava. Preocupado, tive que colocar minhas mãos em seu rosto e pedir para que se acalmasse, caso contrário poderia ser interrogado.

Patrick me revelou que a hora do grande acontecimento estava chegando e que algo muito ruim estava prestes a acontecer. Ele me contou que nosso Laboratório H02 havia recebido uma grande quantidade do gás HELLARCs em botijas P90, colocadas no quinto andar alguns dias atrás. Isso acendeu um alerta em todos os aliados, uma vez que foi ocultado de todos os funcionários. Eu nunca poderia ter imaginado que eles trariam esse gás para nosso laboratório. Era um sinal de que algo muito ruim estava prestes a acontecer, o fim estava próximo.

Foi tudo muito rápido, em um piscar de olhos. E agora, justo quando havíamos conseguido uma amostra do verdadeiro gás...

Relato_03

Os Anciões e o Refúgio

Para que possamos entender melhor a história, precisamos voltar três anos no tempo. Nessa época, em meu grupo tinha aliados, amigos e bastante dinheiro, mas descobrimos que os fundos haviam sido desviados para contas fictícias em um arquivo secreto hospedado na internet. Foi graças a um amigo de Patrick, o especialista em informática Rômulo Werneck do Laboratório H022, que essa fraude foi descoberta. No entanto, a comunicação entre os membros do grupo era difícil, feita um por um, e apenas quando Patrick encontrava alguém de outro laboratório pessoalmente. Mesmo com essas dificuldades, o grupo estava crescendo e precisava encontrar uma maneira de sabotar os planos dos Doutores.

A solução veio quando Rômulo encontrou uma maneira de hackear o sinal transmitido pela internet, permitindo que o grupo pudesse se comunicar e compartilhar informações. Com isso, eles criaram um abrigo chamado Refúgio de Cientistas, onde poderiam realizar experimentos e se preparar para uma possível guerra biológica. O grupo levou meses para reunir pessoas, incluindo os Anciões, líderes com mais de 50 anos e grande conhecimento científico. Alguns eram refugiados de outros laboratórios e se juntaram ao grupo voluntariamente.

Com o objetivo de ter um local próprio, Patrick sugeriu a compra de um prédio quase abandonado, onde o grupo adquiriu quatro andares e a cobertura.

Com o tempo, outras pessoas foram recrutadas, incluindo médicos, enfermeiros, engenheiros e soldados do exército, que trariam armas capazes de enfrentar os Animais, criaturas a que o grupo se referia como uma possível ameaça. Algumas pessoas da família dos membros também se juntaram ao grupo, mas todas foram escolhidas a dedo e recrutadas ao longo dos anos. Ao todo, o grupo tinha cerca de 33 pessoas, que seriam a base para manter a esperança e proteger os sobreviventes em caso de uma possível invasão dos Animais ou de outras ameaças.

No entanto, a história não parou por aí. O grupo descobriu a existência de outras ameaças ainda mais assustadoras, e teve que se preparar ainda mais para enfrentá-las. Apesar de tudo, o Refúgio de Cientistas era o único lugar onde eles se sentiam seguros e capazes de sobreviver em meio ao caos.

Desde o começo, sabíamos que cada pessoa teria um papel crucial em nosso plano de sobrevivência. Todos tinham tarefas e habilidades específicas, e teriam que construir e adaptar cada andar e salas do prédio que compramos, para que pudéssemos estudar todas as nossas pesquisas e informações com recursos suficientes para tentar recriar o antídoto contra o veneno do Animal.

Eu, particularmente, me dedicava a orientá-los. Como o criador do antídoto, eu tinha todas as pesquisas em mãos, bem como experimentos e vídeos, e acompanhava de perto o progresso. Mas, infelizmente, sabíamos que poderia levar anos até chegarmos a uma solução definitiva. Uma das maiores dificuldades foi criar um laboratório de manipulação genética, para o qual precisávamos recrutar dois geneticistas. Eu não conhecia ninguém, mas deixei essa tarefa por conta de vocês. E, meses depois, conseguimos finalmente dois caras dos EUA, que foram de extrema importância para o nosso projeto.

O que nos motivava, no final das contas, era a certeza de que havia centenas de Animais espalhados em outros laboratórios, e tínhamos a convicção de que seriam soltos algum dia. O que aconteceria com as pessoas? Milhares morreram, foram transformadas e a ameaça ainda continua...

Foi um longo caminho, mas um ano e meio depois, finalmente o Refúgio conseguiu recriar o inibidor contra o veneno dos Animais. Foi um sucesso inacreditável, que nos encheu de esperança e alegria. Sabíamos que ainda tínhamos muitos desafios pela frente, mas era reconfortante saber que tínhamos conseguido uma importante vitória na luta pela sobrevivência.

Relato_04

O Gás HELLARCs

Há cerca de um ano e meio atrás, os aliados de outros Laboratórios nos comunicaram sobre um terrível segredo que os Doutores estavam escondendo. Eles estavam colocando amostras de um gás tóxico recém-criado em determinadas cidades e em dois laboratórios secretos cuja localização ainda era desconhecida por nós. Esse gás, chamado HELLARCs, era extremamente perigoso e mortal, tendo uma cor peculiar avermelhado intenso e demorando muito para se dissipar. Ele poderia contaminar o ser humano através do contato com a pele ou da inalação, e em qualquer tipo de Animal a reação era forte demais, levando à morte.

No caso dos humanos, o gás causava deformações terríveis na pele, deixando os olhos esbugalhados, vermelhos e agindo descontroladamente com agressividade. Eles se tornavam em uma espécie de Zumbis comedores de carne humana. Essas pessoas transformadas eram capazes de infectar os sobreviventes em questão de minutos através de mordidas ou contato com a saliva, tornando-os lentos e com transformações no corpo semelhantes, mas mais graduais. A única forma de matá-los era destruindo alguma parte do cérebro. Era assustador pensar nas possibilidades que essa arma biológica poderia causar.

No entanto, no final do relatório sobre o gás HELLARCs, havia uma informação muito importante:

era possível desenvolver um antídoto, mas para isso, precisaríamos de uma amostra.

Essa notícia nos deixou cada vez mais apavorados e preocupados. Meses depois, recebemos uma notícia importante: um certo grupo aliado do Laboratório H015 se sacrificou para roubar um botijão P90 numa operação de risco envolvendo soldados do Refúgio. Aquele local receberia a entrega, e por um milagre, conseguiram interceptar e roubar.

Infelizmente, nunca saberemos como a operação ocorreu, pois um grupo de soldados da força tarefa representando os laboratórios matou a todos e, posteriormente, suas famílias. Entretanto, os Anciões decidiram poupar um aliado que continuou a passar informações para nós. Foi um verdadeiro presente de Deus ter em mãos aquela amostra, embora eu particularmente não acredite em Deus. Para garantir a segurança, os resultados ajudaram-nos a manusear a amostra com extremo cuidado no Refúgio, e por isso, isolamos duas salas, deixando-as grandes e bem reforçadas para que não houvesse vazamento algum. Quem fosse escolhido para ficar por lá não poderia sair nunca, caso o gás fosse liberado por acidente. O andar se tornou uma verdadeira caixa de metal envolta em camadas de proteção para garantir que a amostra fosse manipulada com segurança.

Até hoje, vocês continuam a busca pelo antídoto para a contaminação pelo gás HELLARCs, que já levou à morte de muitas pessoas.

No entanto, entendo a importância de realizar testes fora do laboratório para entender melhor o processo de transformação e encontrar uma solução para as duas espécies afetadas. Infelizmente, isso implicou o sacrifício de outras pessoas, como aquela que foi mordida para que pudesse ser acompanhado outro processo.

Embora não haja registros precisos, temos informações de que os médicos possuíam uma vacina para essa doença. No entanto, ainda não sabemos quanto tempo levará para encontrar um antídoto eficaz, mas podemos ter certeza de que os cientistas estão procurando em todos os cantos dos laboratórios em busca de pistas.

Depois que essa descoberta foi feita, fiquei sabendo que Patrick recrutou pessoas de confiança de seu bairro para formar uma barreira discreta em torno da área. Embora esses homens fossem traficantes e ladrões, eles tinham as informações necessárias para sobreviver a uma possível liberação do gás.

No entanto, controlar esses homens estava sendo difícil, e Patrick estava perdendo o controle daquele bairro. O Refúgio estava ciente dessa situação e ajudava a enviar pessoas para ajudar a organizar o grupo. No final, eles tiveram que negociar informações e recursos, como armas e dinheiro, mas a situação acabou fugindo do controle de todos, e o local se tornou independente.

Apesar das dúvidas sobre a lealdade de Patrick e seus segredos, eu não acredito que sua história teria mudado muito.

Ele não me prejudicaria, e embora eu não saiba exatamente o que ele estava fazendo em outras cidades, acho que ele agia de acordo com o que acreditava ser o melhor para ele e seu povo.

Relato_05

Família

Nos dias atuais, Patrick e eu estávamos perdidos em nossa conversa no pátio, já havia passado 35 minutos e nem sequer tínhamos tocado na comida. Nós dois estávamos discutindo sobre como descobrir exatamente quando o gás seria liberado. Não tínhamos certeza se conseguiríamos escapar ou se teríamos que permanecer lá trabalhando. Pessoalmente, eu não acreditava que teríamos sorte. Apesar de termos pesquisado e coletado muitas informações, os Doutores haviam conseguido esconder tudo muito bem. Agora, depois de anos, finalmente sabíamos o que fazer. Era hora de nos prepararmos para o pior.

Nós pressentíamos que o "Dia D" estava chegando a qualquer momento. Eu sugeri que Patrick fosse até sua sala e entrasse em contato com o Refúgio ou com os aliados de outros laboratórios. Ele concordou e saiu, mas antes de ir, eu o avisei para agir com naturalidade e manter a cabeça no lugar, caso contrário, eu não o veria novamente. Ele pareceu entender a gravidade da situação e partiu em busca de ajuda. Antes de prosseguir, decidimos engolir nossa refeição por precaução.

Eu estava profundamente preocupado com a situação, e minhas irmãs notaram isso. Como nós quatro tínhamos privilégios por estarmos lá desde o início, era importante evitar qualquer ciúme.

A mais velha, chamada AM, era uma Analista que analisava resultados e sugeria soluções para problemas difíceis de entender. Já Zia, a irmã mais nova, era responsável por estudar o comportamento das vítimas atacadas pelos Animais. Elas se juntaram a nós e nos questionaram sobre várias coisas. Eu sou um pouco sistemático, então tentei manter a discrição, para que não parecêssemos suspeitos. Zia e Patrick tiveram que sair para aliviar a tensão, levando um pouco de comida e bebida para entregar. Depois, Zia retornou e nós continuamos a conversar em voz baixa, pois nosso horário de almoço já estava se esgotando. Infelizmente, foi uma conversa breve. Lembro-me mais ou menos assim:

- Gene, você e Patrick tão doidos. Eu percebi que ele estava bastante nervoso e você apreensivo. Por favor, tomem cuidado com isso. Eu não preciso relembrar as nossas regras. **(AM)**
- AM, preste atenção eu descobrir que estamos com os dias contados. Finalmente aqueles Doutores irão liberar o gás, mas calma aí. Eu não sei quando. **(Cientista Gene)**
- Gene...Meu deus. Isso então é real! **(Zia)**
- Parece que não adiantou nós estarmos preparados. Já sabíamos, mas agora o medo é muito maior. **(AM)**
- Patrick foi buscar informações. Eu tenho certeza de que onde estão essas botijas é a confirmação que eles irão liberar daqui de dentro, sendo do último ao primeiro andar, vazará também lá fora. **(Cientista Gene)**

- Por isso era para você ter deixado eu chegar naquele andar. Eu iria conseguir. **(AM)**
- Não. Eu te disse que seu namorado iria caguetar. Você poderia encontrar outro meio. Tem gente aqui que está disposta a se sacrificar eu te falei os nomes. Eles ainda se importam com seus familiares. Com pessoas lá fora. **(Cientista Gene)**
- Eu vou pensar em uma outra maneira. **(Zia)**
- Você consegue rir nesse momento? **(Cientista Gene)**
- Gene? **(Zia)**
- Ha! Ha! Ha! **(AM)**
- Ha! Agora somos palhaços. **(Zia)**
- Meu irmão, e o Gean? A gente se esqueceu dele. **(AM)**
-...Eu já sei. Vou precisar que você Zia, se separa de AM e o coloque no seu andar. **(Cientista Gene)**
- O que? Não. Gene, eu não quero ir para lá. E nem posso ir. **(Zia)**
- É difícil, mas pense um pouco. **(Cientista Gene)**
- Não! Não adianta...Por favor não me peça isso. **(Zia)**
- Zia me escute. Lá você vai obter informações do andar debaixo. Vai me dizer o que está ocorrendo por lá.
Se estão rápidos para fazer algo. Ou devagar.
Isso vai me ajudar a ter noção do nosso tempo e se preparar, alertando os outros. Temos que ter pelo menos uma esperança da gente escapar. **(Cientista Gene)**
- Gene, que situação você está nos colocando. **(AM)**
- Eu só tenho essa sugestão. **(Cientista Gene)**

- Ele já está no andar perto da saída. E ainda quer trazê-lo para cá? **(Zia)**
- Gene o deixe lá mesmo. **(AM)**
- Não me peça isso. Por favor, né. **(Zia)**
- Você quer mesmo trazê-lo mais ainda para baixo. No penúltimo andar? seu próprio filho? **(AM)**
- Para que Zia volte para o quinto andar terá que ter uma desculpa bem convincente. **(Cientista Gene)**
-... Eles estão tirando quase todo mundo de lá. Só tem alguns Voluntários e Pesquisadores. Tem coisa aí. **(Zia)**
- Vocês duas terão que se separar. Eu já decidi... Até em breve. **(Cientista Gene)**

Meu filho Gean era um jovem talentoso e inteligente, o que o tornou um estagiário altamente valorizado pelos pesquisadores do laboratório. Ele tinha acesso a certos andares do laboratório e também era designado a realizar tarefas na cidade, como muitos outros estagiários. Porém, diferentemente dos demais, eles eram treinados para sobreviverem sem nunca entrar em contato com as criaturas que eram estudadas.

Esse treinamento era rigoroso e muito sério. Eles eram proibidos de saber qualquer coisa sobre o que acontecia no laboratório abaixo e, por essa razão, tinham que morar com famílias na cidade e serem monitorados com um chip rastreador. Apesar de acreditarmos que todos tinham esse chip implantado, eu não me recordo de ter concordado com essa marcação no meu corpo, e sabia que, cedo ou tarde, descobriria mais sobre isso.

Havia um departamento de monitoramento que cuidava dessas questões, e eu não conseguia obter informações confiáveis sobre ele. No entanto, sabia que o departamento era incorruptível e que tinha o poder de garantir a segurança de todos os estagiários.

Mantinha contato em segredo com Chico, um senhor de idade que morava na cidade de BJN e trabalhava como funcionário do laboratório junto com sua esposa. Eles eram responsáveis por cuidar de Gean, dando-lhe abrigo e fingindo serem seus pais. Meu filho não tinha amigos e raramente saía, apenas para trabalhar como auxiliar laboratorial no Prédio Farmacêutico ou descer para o Laboratório Secreto quando requisitado por algum chefe de pesquisa ou cientista.

Todos os funcionários do Prédio estavam preparados para descerem para o laboratório se fosse necessário, mas Chico era um amigo incomum. Eu lhe fornecia instruções e verbas para que ele pudesse se preparar para uma possível infestação de Animais ou coisas piores. Sabia que o laboratório realizava outros tipos de experimentos, e tudo poderia acontecer a qualquer momento.

Por isso, eu tinha certeza de que Chico faria de sua casa uma fortaleza e garantiria a proteção de sua família, meu filho e talvez a minha própria, caso algo catastrófico acontecesse. Essa era a nossa única esperança em meio a um ambiente tão imprevisível e perigoso como aquele.

Relato_06

O Relatório Secreto

Logo em seguida, retornei à minha sala, no quarto andar, para pensar com mais tranquilidade em como descobrir o que estava acontecendo no quinto andar. Eu só queria que minhas irmãs compreendessem a importância da situação e que a Zia levasse meu filho para lá novamente. Essa parecia ser a única opção viável. Eu precisava urgentemente de informações.

Na manhã seguinte, estava cansado e não tinha conseguido dormir nada, mas sabia que tudo tinha valido a pena. Tinha um plano para que Zia e Gean fossem até o quinto andar a trabalho. Eu precisava enviar um relatório de uns experimentos secretos para um colega próximo, que seria o responsável por analisá-lo e receberia os devidos créditos. Esse cara já estava sempre me perguntando se eu não tinha algo para ajudá-lo a se destacar, e eu o ajudei algumas vezes, mas depois disso, passei a fazer questão de tê-lo sempre na palma da minha mão. E foi por isso que aquele dia chegou. Agora eu torcia para que o Chefe do quinto andar aprovasse a visita.

Eu havia feito inúmeras pesquisas detalhadas e guardado informações relevantes por anos, mas para que tudo desse certo, não bastava apenas ter uma ideia maluca e escrevê-la. Era preciso que ela combinasse com os fatos e acontecimentos. Tudo precisava acontecer na hora certa e na hora da necessidade, você entende?

Com o texto já digitado, revisei e fiz algumas mudanças antes de enviá-lo, esperando que os acontecimentos batessem com as minhas petições. Cerca de uma hora depois, recebi várias mensagens, mas abri apenas a que mais me interessava. E acabei descobrindo sem querer algo que já tinha acontecido: eu não me lembrava daquele relatório, pois quando o enviei, só tinha colocado o título e o contexto. Então algo não estava certo: a AM teria que ir comigo, pois o estudo era classificado como complicado e todas as informações e veracidade teriam que ser supervisionadas pessoalmente pelos Doutores.

Recebi essa mensagem com espanto. O que eu fiz foi passar uma mensagem anexada com um relatório feito há um mês atrás, mas fingindo que tinha descoberto apenas semanas atrás. Essa informação levaria minha irmã para lá, mas o detalhe do acontecimento analisado por mim e por outro cientista acabou despertando curiosidade no Chefe de Pesquisas, que relatou aos Doutores. Imediatamente, seguido por sugestões de outros chefes, minhas irmãs ficariam encarregadas de analisar o vídeo, o experimento e o resultado, e eu teria que ir pessoalmente logo após a confirmação. Teria que refazer o experimento.

Eu me dei mal. Meu relatório secreto era sobre o veneno das garras do Animal, que poderia ser usado como arma letal... Meu relatório secreto tratava do veneno extraído das garras do Animal, que poderia ser usado como uma arma letal.

Embora não fosse o responsável pelo projeto, fui injustamente colocado como encarregado. Não sei quem relatou essa informação e me colocou nessa posição, mas deve ser alguém com conhecimento das minhas pesquisas, que interceptou meu e-mail e acrescentou informações falsas.

De acordo com o relatório, o veneno poderia ser conservado por cerca de sete semanas em um tubo de cobre. Como era pontiagudo, poderia ser usado como uma arma letal contra pessoas, Animais e até mesmo Zumbis. Para torná-lo ativo, o veneno precisava ser misturado com um conservante sintético em formato de célula incubadora, que seria rompido durante o processo e transformaria o estado líquido em gasoso. Isso criaria um poderoso veneno capaz de causar a morte rápida em seres humanos, Animais e Zumbis.

Embora essa descoberta pudesse ser usada como uma arma na guerra biológica, confesso que fiquei com medo de realizá-la e, portanto, nunca a implementei. No entanto, enviei todas as informações para o Refúgio em várias anotações em PDF, incluindo o procedimento completo de como fazer isso. Apenas um geneticista seria capaz de realizar esse processo.

Além disso, o relatório continha informações sobre outro acontecimento que parecia ter sido anexado de forma proposital. Ele descrevia um incidente com uma vítima, mas não há informações sobre quem é essa vítima ou como isso se relaciona com o veneno extraído das garras do Animal.

O relatório pode ser encontrado procurando por RSLH2 (Relatório Secreto do Laboratório H02) nos arquivos do Refúgio.

A história do homem mordido por um Zumbi da espécie do gás é intrigante. Houve um homem que foi mordido por um Zumbi da espécie do gás, mas conseguiu sobreviver por cerca de cinco minutos até ser atacado por um Animal que o arranhou com suas garras, causando uma infecção gravíssima. Apesar disso, ele ainda não apresentava sinais de transformação em um Zumbi, o que indicava que poderia ser aplicado o inibidor AN (antivírus contra o veneno do Animal) e tratado para sobreviver. Infelizmente, como seus ferimentos não foram tratados, ele acabou morrendo de uma forma horrível, sendo um caso raro.

Parece que havia experimentos com Zumbis no quinto andar do laboratório, o que me levanta suspeitas sobre o porquê de quererem me confinar ali, junto com minhas irmãs, e impedir nossa comunicação com o mundo externo. Havia algo por trás disso tudo e eu não sabia se era uma forma de me prejudicar ou de me alertar sobre algo.

Acredito que estar vivo era fundamental e importante para os Doutores, e isso poderia ser uma vantagem para nós. No entanto, o quinto andar era um local difícil de se escapar sem nossos crachás e digitais, além das câmeras de monitoramento 24 horas espalhadas por todo o complexo do laboratório, incluindo os vestiários e banheiros.

Somente as coisas importantes que representassem um perigo para os Doutores eram analisadas nas filmagens das câmeras, e tudo era gravado para ser posteriormente analisado por uma empresa franqueada.

Patrick, que trabalhava para os Doutores, me mantinha informado sobre os boicotes nas telecomunicações das cidades e o controle das câmeras espalhadas pelas ruas com o falso intuito de ajudar as autoridades a controlarem o tráfico de veículos e o vandalismo. Algumas pessoas foram banidas por serem bisbilhoteiros ou sabotadores, mas muitas falhas ainda ocorriam. Apesar disso, eles levavam cerca de dois dias para tomar alguma medida.

No quinto andar, o monitoramento era feito por fiscais em uma sala isolada, que acompanhavam tudo pelo vídeo e visitavam pessoalmente cada local, sala e andar. Um dos fiscais também era nosso aliado, e eu compartilhava algumas informações com ele, embora às vezes mentisse para não o deixar em pânico. Enfim, tínhamos que esperar e torcer para que nossos aliados pudessem nos ajudar a sair dali com vida.

Relato_ 07

O Sono Profundo

Logo após receber o "convite" do Chefe de setor, senti uma onda de preocupação tomar conta de mim e decidi imediatamente repassar a informação para Patrick. Ao sair da minha sala, avistei minhas irmãs acompanhadas pelo Chefe de setor e dois fiscais, indo em direção ao elevador. Eu entrei em outro, mas não pude tirar meus olhos delas, esperando que me dissessem algo por meio da leitura labial. Infelizmente, não obtive resposta e entendi que aquela era uma rotina normal.

Cheguei ao terceiro andar, onde Patrick tinha sua própria sala. Ainda estava totalmente bagunçado por causa da festa, com muitos voluntários recolocando os objetos nas salas e equipes de apoio trabalhando para deixar tudo igual aos outros andares. As salas principais eram arrumadas primeiras e o acesso era feito por meio de cartões, limitado a alguns lugares dependendo da função de cada um. No entanto, como um dos principais aliados do grupo, não tive muitas dificuldades em chegar à sala de Patrick.

Apesar de minhas credenciais e influências terem me ajudado a superar as barreiras de acesso, ainda tive que bater na porta de sua sala, que estava trancada. Do lado de fora, não se podia ver nada lá dentro, já que as janelas estavam fechadas e cobertas, adicionando ainda mais mistério e segredo ao ambiente.

Depois de bater na porta trancada, Patrick perguntou quem era antes de permitir a entrada. Quando finalmente entrei e fechei a porta, percebi que ele estava bastante ocupado revirando vários papéis e aparentava estar assustado novamente. Enquanto ele continuava a mexer nos papéis, eu silenciosamente procurava entender a situação. Foi então que vi imagens no monitor do computador do corredor e das salas do quinto andar, confirmando que os botijões P90 eram reais e havia uma quantidade impressionante deles mais de 100.

Além disso, vi uma imagem ruim do sexto andar, onde pude notar os Animais que rondavam o cenário. Isso era algo incomum, já que todos os Animais costumavam ficar presos em outra sala, que era basicamente um cativeiro para eles. Eu fiquei abismado com tudo o que vi e um certo sorriso de comemoração surgiu em meu rosto enquanto eu pensava que não existe nada escondido que não venha a ser revelado, ou oculto que não venha a ser conhecido.

Com essa nova informação, eu tinha certeza de que as autoridades já estariam preparadas para enfrentar as consequências dessa guerra biológica, caso não conseguíssemos evitar ou se eu morresse durante o processo. Tudo estava nas mãos dos Anciões e membros desse Refúgio, incluindo todas as soluções e informações necessárias. No entanto, apenas aqueles sobreviventes que fossem fortes e corajosos poderiam lidar com tudo o que estava por vir.

Apesar de ter apenas uma vaga lembrança da nossa conversa, recordo-me de que discutimos sobre como lidar com a situação da melhor maneira possível, considerando todas as informações que tínhamos...

- Gene você já está preparado? **(Patrick)**
- Como assim preparado? **(Cientista Gene)**
- Você não recebeu minhas mensagens? **(Patrick)**
- Eu estava fazendo outra coisa. **(Cientista Gene)**
- Você estava online cara... **(Patrick)**
- O que você descobriu? **(Cientista Gene)**
- Vai ser amanhã eu não vou ficar aqui mais confinado. Eu quero ir embora. **(Patrick)**
- Calma aí Patrick. Você tem que me passar as informações eu estou perdido...Estou com dor de cabeça. Preciso dormi. Parece que estou a dias acordado... **(Cientista Gene)**
- Eu passei cara. Você devia ter lido. Deveria já está preparado. Cadê sua maleta? Cadê a maleta? **(Patrick)**
- Patrick. Patrick! Pare o que você está fazendo e diz. Diz. Desse jeito cara, você vai arrumar problema sério aqui dentro. Como conseguiu essas imagens, meu amigo? São fundamentais agora. Temos que evitar isso**. (Cientista Gene)**
- Eu não posso mais ficar aqui. Eu não aguento. Não podemos evitar nada. Vamos sair e tentar sobreviver lá fora. **(Patrick)**
- Como assim? Você é um dos privilegiados para saírem. **(Cientista Gene)**

- Eu não. Eu não posso! **(Patrick)**
- Patrick você sai cada semana. Eu não saio a 6 anos. Ta doido? **(Cientista Gene)**
-...Gene eu não saio a meses cara. **(Patrick)**
- Que? **(Cientista Gene)**
- Me desculpe você é meu amigo, mas não pude te contar isso. Eu tenho que planejar minha saída. **(Patrick)**

Novamente, a dor de cabeça e o cansaço o deixavam confuso diante das informações que Patrik lhe transmitia. Ele explicava que há meses não saía do lugar, vigiando secretamente tudo o que acontecia no local. Nas raras ocasiões em que precisava sair, ele mentia e se isolava naquela sala, vasculhando o computador em busca de vestígios do gás e das pesquisas secretas.

Patrick explicou que o gás HELLARCs estava prestes a ser vazado dentro de todos os laboratórios, contaminando a todos que estivessem trancados ali dentro. Depois disso, os Animais seriam soltos por um caminho alternativo que já estava preparado há anos, para atacar e devorar os moradores das cidades. Em seguida, as bombas C4 seriam detonadas, causando uma enorme explosão destruindo o laboratório que liberaria o gás na Cidade.

Patrick desesperado, procurava encontrar o local exato onde as bombas haviam sido colocadas, pois sabia que a explosão teria um enorme impacto. Foi então que ele entregou a mim dois papéis escritos frente e verso com seus relatórios diários de pesquisa...

Haviam sido adulterados pelos doutores do laboratório, e Patrick era dopado com o remédio H.D.S.P. em dias alternados. O remédio, desenvolvido pelo próprio Laboratório H.A.V.Es, era um tipo de sedativo poderoso, capaz de deixá-lo sem memorias de dias, semanas ou meses atras.

O remédio HDSP, que eu tomava há anos, tinha um efeito colateral assustador: deixava o indivíduo em estado de sono profundo por 24 horas, com a perda permanente da memória dos dias ou semanas anteriores. Eu nunca suspeitei que essas dores de cabeça e cansaço que sentia constantemente poderiam ser causadas pelo medicamento. Era claro que eles escolhiam a dedo as pessoas que receberiam o remédio, evitando que qualquer pessoa desmaiasse e levantasse suspeitas. Mas, como sempre, alguém acabaria desconfiando e descobrindo a verdade.

Comecei a desconfiar quando notei que minhas anotações eram estranhas, com datas que não faziam sentido. Eu sabia que tinha feito as anotações dias antes, mas elas pareciam ter sido escritas semanas atrás. Meu amigo também tinha sido vítima do mesmo efeito colateral, o que só aumentou minhas suspeitas.

Eu trabalhava para eles, mas não sabia exatamente em que área. Talvez eu já tivesse até mesmo conhecimento dos seus planos definitivos e, com o remédio, minha memória era apagada sempre que estava prestes a descobrir algo importante.

Mas, por enquanto, eram apenas especulações. Eu não queria acreditar que tudo aquilo fosse verdade.

Enquanto tentava lidar com essas suspeitas, meu amigo Patrick não parava de falar. Decidi sair dali e ir para minha sala verificar suas mensagens e preparar minha maleta. Contudo, no caminho para o quarto andar, fui abordado pelos Doutores Leiko Guesa e Sarau Gawa, e não me lembro do que me disseram. Só me recordo de ver muitas pessoas com copos descartáveis brancos e pequenos, tomando um certo comprimido de cor vermelha.

Eu mesmo tinha tomado um desses comprimidos e, ao chegar à minha sala, comecei a sentir algo estranho. Eu sabia que não podia esperar o efeito do remédio e decidi buscar uma solução por conta própria. Em um momento de desespero, encontrei uma ampola contendo opioides líquidos e, usando a seringa, apliquei na veia do pescoço sem pensar duas vezes.

Enquanto tentava manter o controle do meu corpo e mente, comecei a escrever em um papel todos os eventos importantes enquanto ainda estava lúcido. Depois disso, não me lembro de mais nada.

Relato_ 08

Flashback

Depois de despertar apenas no dia seguinte, percebi que o relógio de parede marcava 05h e 30min. Rapidamente me arrumei, vestindo uma calça social preta, uma camisa branca e um jaleco branco com bolsos, além de colocar as minhas três canetas. Em seguida, calcei meu sapato social e verifiquei se minha maleta prateada estava em ordem. Como cientistas, tínhamos uma maleta prateada de 50cm quadrado com 10 cm de profundidade, feita de material resistente e sensível às nossas digitais e gestos com os dedos. Cada um de nós guardava suas próprias coisas importantes nela, mas todos tínhamos acesso a um kit de primeiros socorros exclusivo dos laboratórios H.A.V.Es. e medicamentos como Opioides, Eritropoetina e outros de uso sistêmico. Na minha maleta, havia também cinco ampolas e seringas contendo o antídoto que inibe o efeito do veneno do Animal no organismo.

Depois de verificar tudo, liguei meu notebook e recebi as mensagens de bom dia do laboratório e as tarefas do dia. No entanto, algo me deixou chateado e senti um aperto no coração ao me lembrar dos acontecimentos estranhos no laboratório. Eu sabia que ficaria confinado ali por mais de 6 anos, e essa ideia era insuportável. Era impossível não sentir inveja dos privilegiados, como o meu amigo Patrick.

Antes de sair da minha sala, observei o telefone que estava em cima da mesa, e ao atender, vi que era o Doutor Leiko agendando uma reunião para a manhã. Quando abri a porta, deparei-me com a mesma rotina de sempre: pessoas apressadas passando em silêncio ou cochichando sobre as últimas fofocas da festa passada. Naquele momento, senti uma leve tontura e uma dor de cabeça, além de flashes estranhos de discussões com Patrick.

Decidi voltar e sentar-me na minha cadeira, ainda faltando meia hora para a reunião. Lembrei-me de que os telefones da empresa só recebiam chamadas e que, portanto, eu poderia mandar uma mensagem de texto para Patrick através do meu notebook para perguntar sobre os flashes que estava tendo. Contudo, ao procurar por um programa de SMS na minha área de trabalho, não encontrei nada. Estranhamente, não havia nada semelhante nos arquivos, programas ou no navegador.

Resolvi, então, ir até a sala de Patrick para tentar entender o que estava acontecendo. Mas, antes disso, observei o velho recipiente oval de metal sobre a minha mesa e decidi não tomar nenhum dos remédios que estavam ali disponíveis. Embora o uso dos remédios fosse opcional, eu sabia que teria efeitos colaterais desagradáveis. Além disso, não me sentia bem o suficiente para caminhar até a sala de Patrick...Enquanto caminhava pelos corredores, as notícias da festa no terceiro andar ecoavam pelas paredes, com as televisões transmitindo imagens da organização pós-evento.

Os funcionários que trabalhavam naquela área foram realocados para outras salas e andares, o que deixava o ambiente vazio e silencioso.

Ao chegar no segundo corredor, notei que a porta da sala de Patrick estava encostada. Ao adentrar, deparei-me com ele sentado, calmo e sereno, tomando seu remédio em um copinho descartável. Como ele costumava sair durante o final de semana, tinha um medicamento diferente do habitual. Percebendo minha inquietação e preocupação, Patrick me observou atentamente e logo suspeitou que algo estava errado.

Foi então que comecei a desconfiar que havia sido dopado. Contei-lhe o que sabia, mas ele discordou e não pôde acreditar, já que todos se lembravam do que eu havia feito antes. Eu nunca havia me sentido assim antes. Patrick comparou minhas lembranças ao fenômeno de déjà vu.

Curioso sobre o Refúgio, os aliados e as últimas notícias, perguntei-lhe se havia alguma novidade, já que não estava conseguindo contato. Indaguei, ainda, sobre a possibilidade de enviar SMS pelo notebook, ao que ele respondeu com uma risada irônica, revelando que esse recurso era acessível e que eu talvez tenha esquecido que ficava oculto. Percebendo que havia esquecido, perguntei-lhe detalhes do que havia feito no dia anterior. No começo, ele se recusou a falar, mas conforme fui contando e descobrindo informações vagas, sua expressão começou a mudar, demonstrando preocupação. Eu estava mais inquieto do que nunca.

Percebendo que precisávamos investigar mais a fundo, Patrick se sentou e começou a buscar em seus arquivos ocultos. Desesperado e nervoso, ele acabou esquecendo da reunião que teria em breve, mas eu não podia esperar mais. Corri para minha sala, determinado a descobrir o que havia acontecido.

Ao entrar na sala, comecei a revirar tudo em busca de pistas que pudessem me ajudar a desvendar o mistério. Vasculhei gavetas, armários, prateleiras, enfim, tudo o que estivesse ao meu alcance. Minha mente estava em um turbilhão e eu precisava encontrar respostas. Depois de muito procurar, encontrei um pedaço de papel amassado em um canto da mesa. A escrita estava ilegível, mas não deixei que isso me impedisse de ler o que estava escrito.

O papel continha informações importantes sobre o gás HELLARCs que havia sido colocado no quinto andar para ser liberado no mesmo dia. Fiquei chocado ao perceber que havia sido dopado e que os doutores estavam por trás disso tudo. Decidi, então, acessar os arquivos ocultos do meu notebook para confirmar as informações e descobrir mais detalhes sobre o que havia acontecido.

Enquanto lia, minha mente se inundava de lembranças confusas e fragmentadas do dia anterior e de outros eventos que pareciam ter sido ocultados em minha memória. Mas não tive muito tempo para me aprofundar nisso, pois precisava me preparar para a reunião que ocorreria em breve.

Antes de sair da sala, fui até a de Patrick para contar tudo o que havia descoberto e ele ficou tão surpreso quanto eu.

Caminhamos juntos até a reunião, mas meu maior temor era que eu passasse mal na frente dos outros e revelasse que estava lembrando de tudo o que havia sido apagado de minha mente. Eu sabia que a aplicação do gás havia deixado algum efeito colateral em mim e que, a qualquer momento, poderia ter uma reação inesperada. Era uma sensação assustadora e eu estava lutando para manter o controle.

Relato_09

A Terapia

Chegando à reunião, a atmosfera era estranha e tensa. Os participantes estavam claramente preocupados com a situação e pediam calma e cooperação de todos. Foi então que começaram a revelar a verdade sobre o que estava acontecendo no laboratório.

Fiquei em choque ao saber que uma nova fórmula de gás tóxico estava sendo testada e que o laboratório precisava da nossa ajuda para descobrir um possível antídoto. A situação era ainda mais grave, pois esse gás agia de maneira tão devastadora que, mesmo depois de dissipar, transformava a pele humana em algo horroroso e dolorido, deixando a vítima agressiva e fora de si.

O nome do gás era HELLARCs, e eu sabia que ele havia sido usado em outros laboratórios, o que tornava a situação ainda mais preocupante. A equipe explicou que a busca por um antídoto era urgente, pois a venda do gás no mercado negro indicava que outras pessoas também estavam procurando por ele e que poderia ocorrer uma guerra biológica em larga escala.

Foi-nos dito que precisávamos encontrar uma solução o mais rápido possível para impedir que esse gás se tornasse uma pandemia assustadora e mortal. Eu sabia que tínhamos que trabalhar juntos para encontrar a solução para esse problema... Enquanto a reunião continuava, comecei a sentir alguns flashbacks da noite anterior e me preocupei em não passar mal.

Percebi que a aplicação de algo em minha veia tinha afetado meu subconsciente e que poderia afetar meu comportamento de alguma forma.

Foi então que eu comecei a notar que Patrick, meu colega de trabalho, também parecia estar afetado pela mesma coisa. Conforme eu contava minhas memórias da noite anterior, ele parecia entender melhor a situação e que também havia sido usado pelos Doutores.

Foi um alívio poder compartilhar minhas preocupações com alguém, e juntos fomos capazes de manter a calma e buscar uma solução para a situação.

A confusão em minha mente só aumentava a cada minuto que se passava naquela reunião. Os Doutores pareciam estar escondendo muitas coisas, e o fato de terem contratado um psicólogo para nos ajudar só confirmava isso. Eu não sabia em quem confiar e comecei a sentir medo de que estivessem me vigiando.

Mas eu sabia que algo estava errado. Minhas verdades eram mais fortes do que aquelas mentiras contadas pelos Doutores. Eu tinha formado um grupo para combater esses planos malignos, e tinha aliados em outros laboratórios. Eu sabia que o gás transformava as pessoas em Zumbis, e que o objetivo era conseguir a vacina para evitar o contágio em massa.

No entanto, eu não conseguia entender por que os Doutores queriam que nós pesquisássemos para achar o antídoto. Se eles estavam tão preocupados com o possível uso do gás em uma guerra biológica, por que não haviam desenvolvido a vacina antes?

Havia algo de estranho em toda essa história.

A sensação de estar enlouquecendo só aumentava, mas eu sabia que precisava manter a calma e encontrar uma solução para esse problema. Eu não poderia mais continuar trabalhando para os Doutores, mas precisava encontrar uma forma de descobrir a verdade por trás dessa conspiração. Talvez meus aliados pudessem me ajudar nessa jornada.

Só uma coisa era certa: eu não iria permitir que o gás HELLARCs fosse usado como arma de destruição em massa. Eu precisava agir rápido e encontrar uma maneira de proteger a população contra essa ameaça.

Para se alcançar um resultado 99% satisfatório utilizando essa nova técnica de manipulação do RNA, seriam necessários mais de 10 anos de estudo e pesquisa cuidadosa. Caso seja feito às pressas, sem as devidas precauções, pode resultar em sérias complicações genéticas e efeitos colaterais permanentes. Por esse motivo, o uso do inibidor do veneno dos Animais foi aplicado apenas em último caso.

É importante ressaltar que tentar utilizar esses procedimentos para encontrar a cura dos Zumbis pode causar mutações e efeitos colaterais desconhecidos. Naquele momento, nossa prioridade era buscar mais relatórios ocultos e enviá-los para o Refúgio. Embora tudo fosse enviado primeiro para nós, o assunto que eu estava lidando era pessoal e deveria ser resolvido por mim mesmo.

Eu e Patrick conversávamos enquanto caminhávamos para nossas salas, buscando vestígios em nossos notebooks pessoais e nos aprofundando em nossas memórias apagadas. Decidimos que não era necessário compartilhar essas informações com nossos aliados ou afirmar nada a ninguém que nos procurasse. Estávamos em alerta constante. De volta à minha sala, peguei o papel amassado do meu bolso e o reescrevi para tentar entender melhor. Por fim, descobri como acessar esses arquivos ocultos e encontrei muitos deles, além de instruções em casos específicos que eu mesmo preparei, mas não me lembrava de ter escrito todos os dias. Isso me ajudou a entender melhor a situação.

Minhas memórias do dia anterior estavam se tornando cada vez mais claras e percebi a importância de imprimir os arquivos encontrados. Porém, descobri que não havia uma impressora disponível, exceto na sala do Chefe de Pesquisas. Sabendo que a informação era crucial para os Anciões, decidi furtá-la sem que ninguém soubesse e devolveria logo em seguida.

Procurei a ajuda de Patrick e expliquei tudo para ele, revelando um plano. Percebi que, em caso de algo fatal acontecer no Laboratório, ter Patrick comigo não ajudaria a humanidade. Ele poderia trazer esperança para as pessoas lá fora se soubesse de tudo. Meu filho não estava presente no Laboratório naquele dia e eu pedi para que Patrick o encontrasse e o levasse para o Refúgio, junto com todas as pesquisas e novas informações ainda não enviadas.

Eu dei a Patrick duas ampolas contendo os antídotos contra o veneno dos Animais e as seringas para administração. Também pedi para que ele acessasse seus arquivos ocultos, que estavam armazenados em nuvem, permitindo o acesso em qualquer lugar do mundo com conexão à internet. Assim, ele poderia confirmar nossas descobertas e ajudar ainda mais.

Patrick estava bastante assustado, mas também eufórico com a oportunidade de ajudar a humanidade e realizar algo tão importante. Ele concordou em me ajudar e saiu imediatamente para encontrar meu filho e levar todas as informações e pesquisas para o Refúgio.

Foi uma tarefa árdua convencer Patrick da importância do meu plano e convencê-lo a se manter vivo, mas longe da área restrita. Expliquei a ele a importância da impressora e juntos elaboramos um plano de ação. Assim que ele entrasse na sala do Chefe, eu me aproximaria agachado e colocaria um pedaço de ímã na lateral da porta, impedindo que fosse completamente fechada. Com a desculpa de uma reunião urgente com os Doutores, o Chefe e Patrick partiram para uma consulta com um psicólogo.

Nossa estratégia deu certo e rapidamente corri para a sala do Chefe. Apesar do suor frio e da inquietação, consegui entrar sem ser notado, mas a saída seria um desafio. Depois de guardar os cabos em meu bolso, peguei a impressora e coloquei-a no chão, disfarçando com a desculpa de examinar alguns papéis em branco...

Enquanto alguns colegas passavam e me cumprimentavam, uma mulher atraente e misteriosa se aproximou de mim. Era a psicóloga, com seus cabelos lisos amarrados, roupas bem-comportadas, olhos azuis realçados e uma maquiagem forte que a fazia parecer um pouco gótica.

Ela queria me conhecer e sugeriu uma consulta em minha sala, já que eu passava a maior parte do meu tempo lá e não gostava de dormir ou descansar nos alojamentos do quarto andar. Precisava pensar rápido em uma desculpa para adiar o encontro por pelo menos 5 minutos, até que eu pudesse garantir a segurança da impressora. Então, fui sincero e disse que precisava ir ao banheiro e que ela poderia ir para minha sala enquanto eu não voltava.

Ela então pediu para conhecer meu local de trabalho e pediu permissão para examinar os equipamentos e documentos. Lembrei-me dos protocolos de segurança e comecei a explicar a ela que a porta da minha sala só abria com minhas digitais, tanto por dentro quanto por fora. Expliquei que a sala era monitorada por câmeras de segurança e que violações eram punidas sem exceções.

Neste momento, um Fiscal passou por nós e nos abordou, confirmando todas as informações que eu havia compartilhado com a psicóloga. Como estávamos violando uma das regras do quarto andar, ele se ofereceu para acompanhar a visita dela. A psicóloga ficou visivelmente intimidada e até me deu mais tempo, prometendo voltar depois.

Enquanto estava na sala do laboratório, percebi que precisava escapar para instalar a impressora na minha sala. Felizmente, tive uma ajuda inesperada do Fiscal que acompanhou a psicóloga para tomar água ou, quem sabe, me dar uma oportunidade de fugir.

Lembro-me vagamente do Fiscal fazendo um gesto com as mãos por trás das costas, possivelmente um sinal que indicava a sua colaboração. Mesmo que não pudesse confirmar se ele era um dos meus aliados, suas mentiras habilidosas me ajudaram a escapar e realizar a minha missão.

Levei a impressora para a minha sala em menos de um minuto e consegui imprimir todas as 238 páginas que precisava sem nenhum problema. Depois de concluído o trabalho, devolvi a impressora ao seu lugar.

Porém, quando voltei para a sala do Chefe, Patrick, não pude instalar os cabos na impressora porque ele, a psicóloga e o Fiscal estavam conversando perto da porta. Eu não sabia como sair sem ser notado, correndo o risco de ser expulso, preso ou até morto.

Fiquei aguardando por alguns minutos enquanto observava discretamente pelo buraco da fechadura. Quando vi que todos se distanciaram um pouco da porta, aproveitei o momento para sair e retirar o calço. No entanto, no momento em que eu fechava a porta, Patrick me viu e gritou nervoso em voz alta. Felizmente, ele conseguiu me ajudar a evitar ser descoberto...

- Genezi, sou a doutora... não estamos sozinhos como eu imaginava e então espero que o Fiscal aí não interrompa. E se puder fique atrás de Gene, pois só quero a atenção dele. **(Doutora)**
- Vamos sim cumprir essas regras. Só quero acabar logo a conversa. **(Cientista Gene)**
- Essa será sua primeira seção da terapia. **(Doutora)**
- Seriam tantas assim? **(Cientista Gene)**
- Não existe quantidade e sim resultados que serão repassados para seus superiores. O tempo eu que decidirei. Mas posso dizer que a terapia será uma vez por dia. E cada seção iremos estar em outros lugares que você esteve por muito tempo. E então vamos começar me dizendo o que faz por aqui? Por que se isola desta vez? E qual a importância deste lugar? **(Doutora)**
- Olha não sei se devo dizer certas coisas. **(Cientista Gene)**
- Não se preocupe eu sou uma pessoa de extrema confiança dos Doutores... Estou a par de tudo que acontece e não quero que você me conte a respeito disso e sim, de você. **(Doutora)**

Depois disso, finalmente começara a sessão de terapia com a psicóloga. A sensação de alívio e alegria misturadas com medo e tensão me fizeram perceber o quanto aquela experiência tinha sido intensa. Mas eu podia finalmente respirar aliviado e seguir em frente com o meu trabalho. Estava até empolgado com tudo.

Relato_10

As Punições

Logo pela manhã, quando atendi o telefone, fui surpreendido por um recado alarmante do chefe de segurança. Ele ordenava que eu abrisse a porta imediatamente para que confiscasse o meu notebook. Além disso, toda a sala seria revistada minuciosamente, inclusive minha maleta pessoal teria que ser aberta e verificada. Fui informado de que estaria afastado das minhas funções, enquanto o caso não fosse resolvido, podendo realizar apenas tarefas urgentes. Tudo isso aconteceu no primeiro dia após minha conversa com a psicóloga. Apesar da situação caótica, consegui entregar todos os documentos e instruções necessárias para Patrick, e até gravei um vídeo para o Refúgio. O meu objetivo era garantir a segurança de Patrick e do meu filho, e isso, pelo menos, eu havia conseguido.

No entanto, os meus problemas não haviam terminado. Eu sabia que os Doutores já poderiam ter acesso aos vídeos analisados da festa, o que me colocava em grande perigo. Eu poderia ser desmascarado como uma grande ameaça, e teriam provas sobre o envolvimento de Patrick. Precisava pensar rápido em alguma estratégia para atrasar ou impedir esse processo. Como minha ida para o quinto andar havia sido cancelada, decidi tentar entrar em contato com minhas irmãs, que foram convocadas para ajudar nas pesquisas sobre a fórmula do gás.

Eu estava desesperado por qualquer ajuda que pudesse obter. Eu sabia que as coisas estavam se desenrolando rapidamente e que eu precisava agir rápido.

Após deixar a sala, fui para o pátio almoçar. Era uma rotina normal, mas para mim, tudo estava diferente por dentro, eu estava em pânico.

Todos me cumprimentavam e faziam perguntas, mas eu respondia com a mesma mentira de sempre: "está tudo bem". Eu precisava manter as aparências para não levantar suspeitas.

Eu fui punido e sabia que ninguém mais poderia saber. Sozinho em uma mesa, tentei obter informações lendo os lábios dos outros. Eu queria saber se minhas irmãs estavam bem, se algo estranho havia acontecido depois do anúncio oficial do gás, se eu estava sendo vigiado - o que, para minha sorte, não parecia ser o caso. Percebi que me tornei uma pessoa inofensiva e impotente, o que me deixou frustrado.

Tentei sair do meu andar, mas todas as saídas foram bloqueadas. As escadas foram negadas e os elevadores não funcionavam. A única saída seria o quarto andar. Depois de algumas horas entediantes em minha sala vazia, decidi tentar ir para a sala de Patrick, com a esperança de encontrar seu notebook. Eu usaria minha caneta especial para abrir sua porta, já que ela se tornaria uma chave mestra quando a ponta fosse removida. Foi um presente dos nossos aliados do terceiro andar.

Ao entrar na sala, tudo estava do mesmo jeito, o que me deu a esperança de que ele ainda não havia sido descoberto.

Com códigos compartilhados entre nós em caso de punição, consegui acessar a rede hackeada e meus documentos em nuvens. Foi nesse momento que tive uma ideia: por que não compartilhar tudo o que aconteceu no laboratório confinado com o mundo? Criei uma página de redes sociais e um site para compartilhar minha história, já que eu sentia que seriam meus últimos dias...

O telefone inesperadamente tocou. A psicóloga parecia intrigada com o que eu falei na terapia e me pediu mais detalhes sobre o experimento com o cão geneticamente modificado. Eu hesitei por um momento, pois sabia que aquele era um assunto delicado e que poderia me colocar em uma situação ainda mais complicada. No entanto, decidi que já estava cansado de manter segredos e resolvi contar tudo o que sabia.

Estando eu novamente no pátio, lá estava ela em pé me esperando e educadamente me cumprimentou.

O pátio ficava cada vez mais vazio. A psicóloga me perguntava sobre as vítimas que eram trazidas para o laboratório e eu tentava ser o mais objetivo possível, sem entrar em detalhes que pudessem me comprometer.

No entanto, quando ela perguntou sobre experimento genético que havia mencionado anteriormente, senti uma mistura de medo e empolgação.

Por um lado, sabia que não deveria revelar tudo o que sabia. Mas, por outro lado, sentia uma vontade incontrolável de falar sobre o assunto e expor a verdade para o mundo.

Finalmente, cedi à tentação e comecei a falar sobre o experimento em detalhes. Contei como havíamos modificado geneticamente o DNA de uma raça de cão para criar um ser completamente novo, que não possuía nome nem precedentes. Era algo completamente inédito e assustador, e eu sabia que a psicóloga ficaria chocada com o que estava ouvindo.

Expliquei a ela que o experimento com o cão foi um dos mais difíceis que já havia realizado. Era um projeto secreto, destinado a criar uma nova espécie de Animal, mais forte e resistente do que qualquer outro. Foi preciso trabalhar duro, experimentando diferentes técnicas de manipulação genética, até que finalmente conseguimos chegar ao resultado desejado.

A criatura resultante era verdadeiramente impressionante. Era um ser com tamanho e força descomunais, com uma capacidade de regeneração e resistência a doenças jamais vista em qualquer outro Animal. No entanto, com o passar do tempo, começamos a perceber que aquela criatura também tinha um lado obscuro...então por algum motivo era conhecido somente pela referência, o Animal. Ele era agressivo e instável, incapaz de conviver pacificamente com outros seres vivos. Era como se tivesse um instinto de destruição que não conseguíamos controlar...

Recordo-me de ter compartilhado com ela sobre as primeiras vítimas humanas, bem como sobre o motivo pelo qual o homem frio eu havia transformado. Em seguida, relatei como havia descoberto um poderoso veneno que corria pelas veias do Animal criado e como precisei esperar por dois longos anos para desenvolver um novo método capaz de encontrar um antídoto e iniciar a procriação.

Lembro-me de ter afirmado que sempre estive focado nesse trabalho e de como me sentia especial, quase divino. Eu e os Doutores Leiko Guesa e Sarau tínhamos a responsabilidade de fornece as ferramentas necessárias para esse projeto e de manter o local onde realizávamos as experiências em segredo absoluto, protegido por sete chaves.

Ela compreendeu o quão importante fui desde o início e me chamou de articulador, uma qualificação que me deixou preocupado. Entretanto, depois da sessão, ela me informou sobre as medidas que poderiam ser tomadas, até mesmo colocando meu cargo em cheque.

Fui impedido de usar meu uniforme e tive meu acesso a algumas salas e andares revogado. Fui informado de que teria que me vestir como os voluntários e não poderia mais dormir na minha sala. Teria que passar a noite nos alojamentos e mais, no dia seguinte, seria anunciado nas TVs que ficavam presas às paredes que eu estava sendo punido. Não me importei em questionar o motivo, já que eu sabia que estavam coletando informações e me mantendo ocupado para que eu não atrapalhasse

seus planos deixando-me desabafar e mantendo-me ocupado e preso, para que pudessem iniciar seus planos sem problemas internos que os atrapalhassem. Eles queriam descobrir sobre meus aliados, mas isso levaria muito tempo.

Ao terminar minha história, eu me senti um pouco aliviado por ter finalmente colocado tudo para fora. A psicóloga parecia um pouco chocada com o que havia ouvido, mas também grata por eu ter sido sincero. A partir dali, comecei a perceber que, mesmo preso e isolado, eu ainda tinha alguma voz, e que podia usá-la para contar minha história e tentar fazer alguma diferença

Passei aquela noite toda sem dormir, sentado na sala de Patrick, escrevendo tudo o que me lembrava e encontrava nos arquivos. Relatei mais ou menos como éramos e o que eu fazia e, mais importante, o plano dos Doutores, que era iniciar uma guerra biológica, espalhando caos e medo para começar uma nova ordem.

Agora, só restava esperar para ver as consequências dos meus atos.

Relato_11

As Estátuas

Na parte da manhã, adentrei minha sala e me deparei com o uniforme de voluntário em cima da mesa. Rapidamente, entreguei o meu e peguei o novo, ansioso pelo que viria a seguir. Saindo dali, me dirigi à cantina para tomar um café da manhã reforçado e me deparei com um relógio de ponteiro pendurado na parede. Seus ponteiros marcavam sete horas da manhã do dia 31 de outubro. Fiquei imaginando se o gás já havia sido liberado em algum dos laboratórios, pois eu não tinha informação desde que Patrick havia saído. Deduzi que talvez a liberação tivesse sido adiada e que teria mais alguns dias para continuar minhas investigações.

Enquanto isso, nas TVs da cantina, assisti ao anúncio de minha punição. Muitos não me procuraram, apenas me observaram de longe, lamentando o fato de que um cientista exemplar, um modelo de comportamento, havia se tornado uma vergonha e uma traição. Pelo menos aliviaram meus pensamentos ao me dizer que seria temporário. E eu me senti um estranho no ninho ao caminhar pelos corredores do laboratório. Passei por locais que não visitava há anos e decidi fazer uma pausa na sala de descanso. Era um local espaçoso, com várias repartições e corredores que levavam aos vestiários, dormitórios e a um lugar especial e importante: a cúpula.

A cúpula era um verdadeiro paraíso, como um parque, com um gramado natural, árvores, plantas e um teto alto que projetava um céu com sol, lua e nuvens, simulando até os movimentos de ambos. Representava uma cúpula da vida real, ajudando as plantações de frutas, verduras e legumes a crescerem em uma estufa. À noite, a lua e as estrelas davam seu espetáculo, mas eu não conseguia mais encontrar paz nesse lugar. Eu não conseguia mais acreditar nas mentiras contadas por eles e me sentia iludido por essas coisas falsas.

Desde o princípio, as estátuas dos Doutores juntamente com uma minha estavam presentes no local, embora não tenham sido feitas com minha aprovação. Eu sempre evitava estar perto delas, pois para mim, elas não existiam. No entanto, não pude deixar de notar como a minha estátua era bem detalhada, o que chamava minha atenção.

Durante o intervalo, ao caminhar em direção à minha sala, notei que muitas pessoas estavam falando sobre mim de forma negativa. Algumas pessoas esbarravam em mim de propósito, enquanto outras me tratavam como um inimigo, ameaçando-me com um tom de voz baixo. No entanto, alguns permaneciam em silêncio ou até mesmo me sinalizavam em lamentação sobre minha situação. Ficou claro para mim que essas atitudes poderiam ajudar os Doutores a encontrar seus aliados e interrogá-los. No próximo intervalo, eu precisaria alertá-los para se enturmarem e agirem da mesma forma, caso contrário, seriam descobertos e a punição seria a morte.

Com o passar das horas, fiquei pensando e planejando o que faria para lidar com a situação. No entanto, percebi que precisava de alguma informação, algo que pudesse me ajudar a criar um plano. Foi então que me lembrei de ter visto imagens de outros andares no monitor do computador de Patrick, incluindo informações sobre as bombas espalhadas. Precisava saber se ele tinha informações sobre a localização das bombas e tentar desativá-las, mas a sala onde o computador ficava era no terceiro andar e eu não tinha mais acesso.

Decidi que precisava agir, então foquei em trabalhar, pois sabia que só assim poderia tirar informações de alguém e saber se aquele andar ainda estava acessível. A única pessoa que poderia me ajudar, sem saber, era a psicóloga. Esperei pelo momento em que teríamos a nossa próxima sessão de terapia, que seria naquele dia, antes do fim da tarde.

Durante o intervalo do almoço, precisei me controlar diante de um grupo de pessoas desagradáveis que me provocavam. Quase cheguei a discutir e até partir para a briga, mas um fiscal passou pelo local e se posicionou para agir, o que me fez sair dali imediatamente. Logo depois, fui para minha sala e finalmente o telefone tocou. Era a psicóloga marcando a próxima sessão. Eu então comecei a colocar meu plano em ação. Marquei um encontro com ela no quintal da cúpula...

Faria questão de falar sobre a minha estátua, sabendo que isso a deixaria desconfortável e talvez pudesse me ajudar a descobrir mais informações sobre as bombas e o terceiro andar.

Assim que cheguei no pátio, passei pelos corredores dos banheiros, alojamentos e chegando ao quintal me aproximei dela, em pé com sua pasta preta e caneta nas mãos apontava para as descrições nas estátuas. Ela lia as descrições de cada um dos Doutores para mim, e ao chegar na minha, ela fez questão que eu dissesse o que estaria escrito...

Eu nem lembrava das palavras, mas ao reler eu também relembrei do meu passado...Eis que está aí as minhas palavras:

"Quando um Homem ultrapassa mais de 10 por cento de sua capacidade intelectual, os homens o engrandecem e o reconhecem lhe tornando um arquiteto na terra podendo alterar e modificar, criando quaisquer criaturas. Mas, ele ainda estará abaixo de DEUS, pois tudo que há na terra já foste criado com perfeição.

Suas capacidades intelectuais foi DEUS que de tirou de si, para dar aos homens e limitá-los, pois, assim que tentam ultrapassar seus limites, coisas ruins acontecem, coisas malfeitas e imperfeitas se criam. Toda glória e poder desabam, para honra de DEUS."

Ficamos sentados por mais de uma hora. A Dra. que me entrevistava parecia séria e impessoal, mas sua voz era suave e firme enquanto ela me fazia perguntas incisivas sobre minhas experiências e habilidades. Finalmente, ela disse que essa seria a última sessão e que os resultados seriam entregues aos meus superiores. Eu não pude deixar de sentir uma pontada de ansiedade, mas tentei mantê-la sob controle enquanto ela me perguntava o que eu lembrava ao reler as palavras que havia escrito.

Eu hesitei por um momento, revivendo aquela lembrança dolorosa em minha mente antes de finalmente decidir compartilhá-la com ela. Eu disse que havia descoberto como alterar o DNA de uma raça de cão e ativar uma mutação genética que já existia, e como eu achava que poderia criar um Animal belo, perfeito, feroz e mortal. Mas, em vez disso, criei um Animal horroroso, com formas imperfeitas, mortal, feroz e impossível de se domar. Eu me arrependi amargamente e dediquei todos os anos da minha vida para encontrar uma maneira de ninguém achar essa falha genética.

Cada vez que eu me aprofundava em minhas pesquisas, encontrava defesas impenetráveis e perigosas. E o único milagre que consegui foi um antídoto para aquele veneno devastador. Mas não tive forças para evitar que os Doutores se apropriassem do meu trabalho e usassem para seus próprios fins obscuros. Depois que eu disse tudo isso a ela, eu sabia que tinha despertado algo em mim.

Eu estava determinado a pôr um fim nisso tudo, rapidamente caminhei sozinho para fora da sala, deixando-a perplexa e espantada.

Enquanto eu caminhava pelo corredor, um outro Fiscal aliado, Renan, me parou e me chamou para entrar em uma porta ao lado. Ele me disse que ele e outros estavam desesperados e precisavam de algo para agir, senão iriam tentar fugir por conta própria e seriam mortos ou presos para sempre. Eu não poderia deixar isso acontecer, então pedi sua ajuda para acessar o computador da sala de Patrick, no terceiro andar, e entender exatamente os planos dos Doutores.

Renan concordou em arrumar uma roupa da equipe de apoio para que eu pudesse passar despercebido e deixou-a escondida no vestiário, atrás do vaso sanitário n13. Ele me disse que a hora mais segura para acessar o computador seria por volta das 21 horas, quando as obras ainda estariam inacabadas e a equipe de limpeza estaria fazendo seu trabalho. Eu sabia que era uma aposta arriscada, mas não tínhamos escolha. As bombas que os Doutores haviam espalhado por todo o prédio poderiam explodir a qualquer momento, e precisávamos agir antes que fosse tarde demais.

Era importante manter a calma e seguir com o plano. Ele me entregou a roupa de apoio escondida e me deu instruções para acessar o computador da sala de Patrick. Eu segui as instruções e me infiltrei no terceiro andar. As obras por lá ainda estavam em andamento, o que me permitiu me mover sem ser visto.

Encontrei a sala de Patrick e comecei a vasculhar seus arquivos. Descobri planos detalhados para detonar as bombas e uma lista de nomes de aliados que os Doutores planejavam capturar e interrogar.

Com essas informações em mãos, voltei para o quarto andar e comecei a compartilhar o que descobri com os aliados através de leitura labial. Eles estavam chocados com a gravidade dos planos dos Doutores, mas também aliviados por termos uma chance de escapar.

Começamos a traçar um plano de fuga, usando as informações que eu havia encontrado e contando com a ajuda de outros aliados que ainda estavam lá fora. Nosso objetivo era sair do local antes do dia D impedindo os Doutores de detonarem as bombas.

Relato_12

Um Ato de Loucura

Na minha sala, sentia-me inquieto e ansioso para que as horas passassem rápido e chegassem as 21 horas. Eu estava nervoso, mas também esperançoso de que o Fiscal conseguisse encontrar as localizações das bombas. Rapidamente terminei de adiantar os relatos e os publiquei na internet, parando de escrever ao finalmente chegar a hora.

Dirigi-me ao pátio e caminhei até o vestiário sem problemas, encontrando apenas algumas pessoas no caminho. As roupas da equipe de apoio estavam escondidas no vestiário, e havia um crachá sem foto. Apesar de saber que não era seguro, decidi que me arriscaria mesmo assim. Encontrei um bilhete no vestiário que me pedia para mudar meu visual. Havia um aparelho de barbear descartável e uma tesoura para cortar meu cabelo e minha barba. Com o novo visual, vesti o uniforme e estava pronto para seguir.

Sabia que precisava fazer a operação rapidamente e, para isso, enviei as informações para o notebook de Patrick e guardei também em nuvens pela internet. Passei pelo corredor, subi as escadas de emergência e peguei o elevador. Usando o crachá sem foto, fui autorizado a estar no terceiro andar. A maioria das pessoas ali não me reconheceria, o que me deixou mais tranquilo.

Com um boné azulado com o nome da equipe descrito, encontrei em cima de uma mesa e comecei a trabalhar com eles, ajeitando as coisas. Sabia que precisava ser rápido e eficiente, verificando cada detalhe e certificando-me de que tudo estava em ordem.

Enquanto trabalhava, mantinha um olho atento ao redor, verificando se alguém estava me observando ou se aproximando. Concentrei-me no trabalho, vasculhando cada canto do terceiro andar em busca de pistas. Olhei embaixo das mesas, abri gavetas, verifiquei armários. Tudo parecia normal. Fiquei frustrado por um momento, pensando que talvez a minha missão fosse em vão. Foi então que percebi uma pequena peça solta em um dos armários. Ela parecia um detonador. Eu já tinha visto uma dessas antes. Era uma peça fundamental para ativar uma bomba.

Senti uma mistura de alívio e tensão. Finalmente tinha encontrado alguma coisa. Mas e se houvesse mais?

Minhas suspeitas se confirmavam, alguém havia colocado aquelas peças ali. Provavelmente, as bombas já estavam instaladas em algum lugar do prédio.

Com um misto de urgência e cuidado, peguei a peça e a coloquei dentro da minha bolsa. Olhei em volta novamente, e vi que ninguém havia notado a minha movimentação. Era hora de sair dali.

Após alguns minutos de espera, decidi tentar entrar na sala de Patrick usando uma caneta modificada que se transformava em uma chave mestra.

Para minha surpresa, quando entrei na sala, vi um homem deitado em um sofá de dois lugares. Ele estava virado para a parede, então não pude identificá-lo imediatamente. Quando me aproximei, percebi que era Patrick, meio desorientado e reclamando de dores de cabeça. Ele não parava de me fazer perguntas. Eu sabia que desta vez ele estava sóbrio, mas em outra ocasião havia sido dopado e isso tinha o afetado.

Conversei com ele e perguntei sobre meu filho. Infelizmente, ele não conseguia se lembrar se havia conseguido pegá-lo. Tive que torcer para que meu filho ainda estivesse com aquela família na cidade. Enquanto isso, rapidamente acessei seu computador e finalmente obtive as respostas que estava procurando.

Depois disso, pedi a ajuda de Patrick para mostrar imagens ao vivo do quinto e sexto andar. As imagens eram ruins, mas algo estava claramente fora do normal. Eu não conseguia ver nenhum Animal nos corredores. Cadê os Animais? Essa era a pergunta que ecoava na minha cabeça.

A partir daquele momento, eu finalmente sabia onde os C4 estavam localizados. No entanto, outra revelação me deixou profundamente triste, a ponto de chorar por alguns instantes. As bombas estavam no último andar e, infelizmente, seria impossível impedir a detonação. Os dois últimos andares foram completamente isolados e desligados os acessos, e os C4 seriam detonados para liberar o gás dos botijões P90. Todas as entradas seriam destruídas para facilitar a difusão gasosa.

Não haveria energia, e todos seriam contaminados e transformados em uma espécie de Zumbi.

No entanto, havia outras saídas descritas no mapa do laboratório, como a do sexto andar, que seriam rotas para os Animais escaparem rapidamente até a superfície. Também havia uma espécie de chaminé com cerca de 30 metros de largura que levava à superfície, mas a saída ficava no quintal do prédio farmacêutico.

Ao pensar em minhas irmãs sendo contaminadas, percebi que elas não teriam nenhuma chance de sobreviver. A ideia de perdê-las me deixou tão irado e frustrado que decidi que faria o que fosse preciso para impedir isso, mesmo que isso significasse me tornar um louco e arriscar a vida dos outros. Eu não poderia aceitar essa situação e perder minha família. Então, decidi tomar medidas extremas, mesmo que isso significasse colocar a vida de outras pessoas em risco. Eu agora era esse louco que queriam me transformar, mas não me importava, porque não estava disposto a perder as pessoas que amo.

Relato_13

Caos

Iríamos recolher cada C4 meticulosamente no terceiro e o quarto andares, tomando cuidado para não deixar nenhum rastro. Reposicioná-los seria fundamental para facilitar nossa fuga, caso fosse necessário. No entanto, não poderíamos deixá-los intactos. Eu tinha um plano para detoná-los de uma forma que prejudicasse o mínimo possível as pessoas do quinto andar.

A estratégia seria simples: direcionar a explosão para uma das paredes e criar uma brecha para que as pessoas pudessem escapar no exato momento da explosão. Eu e Patrick trabalhamos juntos para garantir que tudo fosse feito com segurança e eficiência. Ele ficou responsável pelos andares três e cinco, enquanto eu assumi o quarto, já que era o maior e mais complexo.

Para garantir que tudo corresse bem, fizemos um mapa detalhado do laboratório e imprimimos seis cópias para cada um dos envolvidos. Também colocamos as bombas em locais estratégicos, que decoramos com facilidade. Foi uma operação minuciosa e arriscada, mas não havia outra opção. No entanto, eu tinha um segredo que não compartilhei com Patrick. Planejava antecipar o processo, e com o detonador encontrado detonaria as bombas antes que os cientistas iniciassem seu ataque. Era uma estratégia arriscada, mas eu estava disposto a correr o risco. Sabia que a loucura da minha decisão poderia ser minha única chance de sobreviver.

Ao chegar na cantina, eu avistei a bomba que estava armazenada em uma prateleira próxima ao fogão industrial. Com o auxílio dos lençóis que trouxe do alojamento, eu consegui subir até a passagem que dava acesso à cozinha. A sensação de estar em um local tão vulnerável me deixou ainda mais apreensivo, mas eu sabia que precisava agir rápido e com precisão.

Ao chegar próximo à bomba peguei-a cuidadosamente, sentindo seu peso em minhas mãos.

Eu sabia que aquela pequena bomba seria capaz de causar uma grande destruição, mas eu não podia me deixar abalar pelo medo. Eu precisava ser forte e corajoso para conseguir executar o plano que havíamos traçado. Com a bomba em mãos, eu desci da passagem e retornei ao alojamento. Eu o esperava já fazia tempo...estava tão apreensivo que não parava de mexer meus pés. Depois, lá estava ele. Ele estava com as outras bombas que havíamos planejado recolher. Nós trocamos olhares de cumplicidade e eu pude sentir que estávamos prontos para a ação.

Eu entreguei a bomba que havia pegado na cantina a Patrick, explicando como a havia conseguido. Ele ficou impressionado com minha ousadia e coragem, mas também preocupado com o risco que eu havia corrido. Eu apenas dei de ombros e disse que era necessário para o sucesso do nosso plano.

Juntos, nós colocamos as bombas nos locais previamente definidos, cada um encarregado de uma parte do laboratório.

Eu fiquei responsável pelo quarto andar onde teriam mais bombas, enquanto Patrick ficou encarregado do quinto andar que seria somente uma. Nós sabíamos que a situação era arriscada, mas estávamos determinados a tentar escapar e sobreviver.

Por fim, eu escondi minha maleta juntamente com a de Patrick em um buraco falso na parede de sua sala provisória, para mantê-las seguras. Eu sabia que aquela seria uma noite longa e perigosa, mas eu estava pronto para enfrentar o que viesse pela frente.

Eu fui até os alojamentos e consegui pegar dois lençóis sem ser notado enquanto meus colegas jogavam baralho. Não havia nenhuma proibição de ficar acordado, desde que o trabalho fosse produtivo no dia seguinte. Alguns de nós tomávamos remédios para dormir pesadamente e acordar com disposição, mas outros optavam por ficar acordados por mais tempo.

Depois de pegar os lençóis, voltei para a cantina e me dirigi ao lado esquerdo, onde não havia escadas, apenas um caminho para um local de pouco acesso. Transformei os lençóis em cordas e amarrei-os ao suporte da grade da janela. Com a ajuda de uma coluna ao lado, subi na laje, que tinha cerca de cinco metros de altura.

Por cima, havia várias caixas d'água, fios e canos, além de uma marca preta no canto direito perto das escadas, provavelmente causada por uma explosão anterior.

O teto estava coberto de gesso provisório, o que significava que eu precisava ter cuidado ao pisar. Batendo com a mão no chão, fiz um buraco largo

o suficiente para descer. Usei o lençol amarrado na grade para descer e planejei usá-lo para subir novamente. Dentro do local, havia uma parede falsa de gesso, que precisei quebrar com as pontas das facas para desparafusar e retirar a bomba. O explosivo estava dentro de uma caixa de acrílico com 30 centímetros de altura, largura e profundidade. Era muito pesado e quase do tamanho de uma mala.

A bomba era totalmente diferente das outras...mais potente com vários fios, dois painéis digitais e detalhes bem complicados, que me deram medo de mexer e correr o risco de explodir tudo. Tentei mexer o mínimo possível e amarrei a caixa à minha cintura com fitas. Era pesada, cerca de três ou quatro quilos.

Eu já tinha em mente onde colocaria a bomba e sabia que não poderia consertar o buraco que deixaria para trás. Eles notariam pela manhã, mas não saberiam que eu tinha pegado a bomba. Ninguém mais poderia ter informações sobre isso. Coloquei uma cadeira próxima ao buraco para facilitar a subida.

No entanto, quando tentei subir de volta, percebi que o chão estava trincando e me afastei para a beirada, pronto para pular se necessário. Sabia que o dispositivo poderia armar e explodir tudo a qualquer momento, o que seria fatal. Apesar de tudo parecer seguro, o teto cedeu e desabou comigo.

Fiquei machucado e desesperado, mas verifiquei a bomba e parecia estar intacta, sem nenhum sinal nos painéis digitais.

Outros guardas que estavam de plantão no local começaram a aparecer, confusos e sem entender o que estava acontecendo. Com uma única palavra dita por eles, fui imediatamente condenado. "Foi ele! Foi ele novamente!", eles gritavam freneticamente. Eu percebi a situação em que me encontrava e tentei rapidamente rasgar e retirar as fitas adesivas que prendiam a bomba embaixo da minha camisa para escondê-la dos guardas. No entanto, fui incapaz de fazê-lo e, num momento de fúria, os três homens partiram para cima de mim. Defendi-me, golpeando-os com chutes e socos para afastá-los. Foi nesse momento que um dos guardas acertou um soco na minha barriga, atingindo exatamente o local onde a bomba estava aderida à minha pele. Um som agudo e estranho soou, o dispositivo havia sido ativado. Os guardas se afastaram, assustados, e um deles correu para soar o alarme de emergência que ficava próximo aos alojamentos.

Eu estava desesperado e tentando retirar a bomba enquanto corria em direção ao pátio, perto das estátuas que ficavam próximas às paredes dos alojamentos. O som do alarme soava cada vez mais alto, alertando a todos ao redor sobre a situação de perigo. Com o coração acelerado, joguei a bomba para o alto e corri o mais rápido que pude em direção à cantina, sabendo que a explosão aconteceria em questão de segundos.

Foram momentos de angústia e tensão, mas graças à minha rápida reação, consegui escapar ileso antes que a bomba explodisse.

A explosão foi devastadora e teve um impacto enorme. Todas as estruturas do quarto andar foram abaladas e as outras bombas nas proximidades também foram acionadas, o que causou uma destruição total. As estátuas que adornavam o local foram reduzidas a escombros e o fogo rapidamente se espalhou, engolindo tudo em seu caminho.

Pessoas feridas estavam por toda parte, algumas delas sem membros, muitas sangrando profusamente. O cenário era caótico, com corpos espalhados em todas as direções e escombros que tornavam difícil distinguir o que era o quê. A fumaça densa e a poeira dos escombros tornavam a visibilidade quase impossível e um Zumbido constante ressoava nos ouvidos.

Aos poucos, os sentidos foram retornando e o som ensurdecedor de alarmes e gritos de desespero se tornou mais claro. Estava ferido, desorientado e arrependido pela decisão que tomara. Se tivesse detonado as outras bombas em locais com mais pessoas, o resultado poderia ter sido ainda mais catastrófico. Sentia-me culpado e envergonhado por ter sido induzido a cometer um ato tão insano.

Andando sobre os escombros, via pessoas implorando por ajuda que não podia ser oferecida. Todos estavam feridos e debilitados, sem nenhuma perspectiva de receber socorro.

Não havia bombeiros, ambulâncias ou médicos para ajudá-los e seus ferimentos eram tão graves que a morte parecia iminente.

Cada movimento era uma tortura, os ferimentos doíam intensamente e minha visão estava prejudicada por pequenos fragmentos de vidro que caíam incessantemente. Não pude ver, mas sabia que o teto que projetava o céu havia sido destruído e sua cúpula quebrada em pedacinhos, permitindo que a água misturada com vidro caísse sem parar. Minhas roupas estavam manchadas de sangue.

Eu corria sem pensar, tentando fugir das dificuldades. A explosão havia deixado destroços por toda parte, mas eu não conseguia me juntar à multidão que tentava escapar pelos elevadores ou escadas. Eu precisava ir em direção ao epicentro, ao meio dos escombros.

Finalmente, cheguei aos vestiários. As paredes estavam quebradas, havia entulhos por todos os lados e algumas áreas ainda estavam pegando fogo. Diante dos espelhos quebrados, comecei a retirar minha camisa com cuidado, observando os pequenos cacos de vidro fincados em minha pele. Doía muito, mas eu continuava retirando-os com lágrimas nos olhos, sentindo ódio de mim mesmo. Meu rosto estava arranhado e minha cabeça sangrava levemente, assim como meus braços. Por alguns minutos, fiquei encarando o monstro que me tornei no espelho. Ironicamente, até minhas lágrimas eram de sangue. Sabia que nunca poderia voltar atrás, que ninguém me perdoaria e entenderia minhas loucuras.

Mas eu tinha uma escolha: continuar sendo esse monstro louco ou voltar a ser um cientista, ajudando a ciência e o homem a evoluir.

Decidi que iria mudar e escolhi voltar a ser quem eu era antes. Prometi a mim mesmo que iria ajudar as pessoas com meu conhecimento e, assim, fazer a diferença.

Fui ao meu armário todo quebrado e amassado para pegar minha camisa e jaleco, além de outras canetas que eu precisava para o trabalho. Mesmo diante da destruição causada pelo incêndio, eu decidi ajudar a todos que estavam precisando. Como cientista, eu sabia que podia contribuir para salvar vidas. Encontrei kits de primeiros socorros pelo chão e comecei a medicar as pessoas feridas, uma a uma. Logo, outros indivíduos perceberam minhas ações e se juntaram a mim para ajudar quem precisava.

Nós buscamos extintores e mangueiras para amenizar o fogo, que já havia destruído muitas partes do prédio, incluindo a vegetação ao redor. Infelizmente, uma outra explosão, vinda do quinto andar, abalou as escadas e bloqueou completamente o elevador, isolando-nos do resto do prédio. Eu me senti culpado por não poder ajudar mais pessoas que estavam presas em outros andares. Sabíamos que a situação era crítica e que a água disponível não seria suficiente para conter as chamas que se alastravam cada vez mais.

Em meio à confusão, eu me lembrei das minhas irmãs, que costumavam cuidar da horta no quintal de casa. Era um momento de desespero, mas aquele pensamento me trouxe um pouco de calma. Infelizmente, o cenário ao meu redor era desolador, com árvores, plantas e alimentos sendo destruídos pelo fogo.

Algumas pessoas estavam tão desesperadas por comida que começaram a recolher frutas e verduras que haviam sido plantadas, mesmo sabendo que não estavam próprias para o consumo. Era uma demonstração da necessidade extrema que todos estavam enfrentando.

Eu ajudei a levar cerca de 20 a 30 pessoas para a cantina, tentando protegê-las da fumaça e das chamas. Conversei com cada um e convenci-os de que, enquanto estivéssemos vivos, havia uma chance de encontrarmos uma saída. Mas as luzes iam se apagando aos poucos e as chamas ficavam cada vez mais intensas, criando formas grotescas nas nuvens de fumaça, uma espécie de pareidolia macabra.

Não havia mesmo como sair daquele lugar, a não ser por um milagre, que eu particularmente afirmo, ainda não acreditava.

Relato_14

A espécie de Zumbis

Estávamos sufocando e muitas pessoas estavam morrendo rapidamente devido à intoxicação pela fumaça. Todos nós estávamos desesperados, sem tempo para lamentar, então todos tentaram remover as pedras com as mãos, na esperança de encontrar uma saída entre os escombros. Embora essa parecesse uma tarefa impossível, era a única maneira de mantermos a esperança de sobreviver.

De repente, ouvimos uma voz do outro lado dos escombros, perguntando sobre a nossa situação e oferecendo ajuda. Foi difícil convencer a todos a ficarem quietos e escutarem, mas finalmente conseguimos ouvir as sugestões do meu amigo Patrick, que estava do outro lado. Ele propôs a ideia de colocar uma bomba na entrada das escadas e detoná-la, a fim de criar uma passagem para o outro lado. Sabíamos que essa solução era perigosa e poderia resultar em mais mortes, mas estávamos sem opções.

Depois de afastar todos a uma distância segura, a bomba explodiu, criando um grande buraco nos escombros. Com o local ainda instável, tivemos que sair o mais rápido possível, deixando para trás aqueles que estavam gravemente feridos e não podiam se mover. Infelizmente, conforme as paredes e os tetos desabavam, muitos ficaram presos e não sobreviveram. No final, apenas 22 de nós conseguimos sair com vida.

Ao chegarmos ao corredor dos escritórios, percebemos que a situação era ainda mais caótica. O alarme de incêndio tocava incessantemente e outro grupo de pessoas desesperadas tentava encontrar uma maneira de escapar. Infelizmente, tanto o elevador quanto a porta que levava para o terceiro andar estavam inoperantes, tornando quase impossível sair dali.

Com a ajuda de algumas pessoas que conseguimos colocar em um canto, ajudamos os feridos a se acomodarem enquanto tentávamos encontrar uma solução. No entanto, muitas pessoas estavam tão desesperadas que não queriam ouvir ninguém. Elas tentavam arrombar a porta do elevador e das escadas de aço, mesmo sabendo que não funcionariam. A situação era cada vez mais preocupante, pois o local já estava apresentando falhas, e a qualquer momento, as luzes poderiam mudar para vermelho, dificultando ainda mais a visibilidade.

Nós conseguimos trabalhar juntos para selecionar três indivíduos que pareciam ser calmos e inteligentes. Eles ajudaram a recolher mesas e cadeiras para bloquear a entrada pela qual saía muita fumaça e um forte cheiro de queimado. Devido à nossa vasta experiência em situações de crise, nós ganhamos a confiança dos outros e fomos escolhidos como líderes. No entanto, decidimos que seria melhor ter alguém conosco para passar informações precisas e confiáveis para os outros. Nós precisávamos da ajuda de todos.

Decidimos nos dirigir para a sala de Patrick para conversar e pensar em uma solução para a situação. Com cinco pessoas na sala, tentávamos manter a calma e encontrar uma maneira de diminuir o fogo no pátio. O tamanho do local nos dava tempo suficiente, mas se não agíssemos rápido, seríamos vítimas das chamas e da fumaça que se espalhariam pelos andares. Apesar disso, tínhamos a vantagem de que as chamas e fumaça estavam se espalhando lentamente.

Discutimos muitas soluções e ideias, mas não encontramos uma que parecesse promissora. Patrick não tinha encontrado outras bombas e, para que todos soubessem, colocamos o mapa das localizações das bombas sobre a mesa. A única solução parecia ser buscar uma das bombas próximas dali. O problema era que alguém teria que sair pela porta bloqueada, subir pelas escadas e chegar à sala de monitoramento, que pertencia aos fiscais. Infelizmente, os outros sobreviventes também estariam presos lá e, por causa do impacto das explosões e da fumaça, seria impossível para eles escaparem. Observamos a situação pela tela do monitor e vimos muita destruição e poeira, dificultando a visibilidade.

Eu particularmente não sabia como convencê-los a pegar a bomba escondida naquele local e entregá-la a nós. Pensei em pedir para que eles a encontrassem e a entregassem pelas básculas, em troca de nossa ajuda. Mas a realidade era que, se fôssemos honestos com eles, isso significaria deixá-los presos para morrerem.

A solução, portanto, parecia ser mentir sobre nossas intenções. Seria a única maneira de nos salvarmos e ainda assim manter a integridade dos sobreviventes presos na sala de monitoramento.

Enquanto isso, um dos nossos companheiros havia saído em busca do C4 para detonar a saída e abrir caminho para o terceiro andar. A única coisa que podíamos fazer era observar, através das câmeras de segurança, o caos que tomava conta do quinto andar.

De repente, as luzes se acenderam nos andares inferiores, e pudemos ver com mais clareza a cena horrível que se desenrolava diante de nós... Meu Deus. A situação era aterradora e só aumentava. Estávamos cercados por um exército de Zumbis devoradores de carne humana, com seus corpos deformados pelo vazamento do gás HELLARCs. A pele se transformava em uma massa amorfa, os olhos se esbugalhavam para fora com uma cor avermelhada, e seus comportamentos violentos e descontrolados mostravam que haviam perdido toda a sanidade. Os Zumbis estavam por toda parte, arranhando as paredes e as portas com as mãos ensanguentadas, como se tentassem nos alcançar. Era difícil acreditar que aqueles corpos deformados e agonizantes já foram pessoas normais. E as minhas irmãs estavam entre os infectados, e o desespero tomava conta de mim, enquanto víamos a transformação delas em tempo real. Cada instante parecia uma eternidade e vendo suas peles se contorcendo em espasmos de dor e agonia era insuportável.

O faro dos Zumbis os guiou até a porta de saída, e logo eles começaram a descer as escadas em busca de novas vítimas. O momento era de extrema preocupação, e nós sabíamos que teríamos que lutar pela nossa sobrevivência. Pegamos nossas maletas e reforçamos a porta, prontos para qualquer eventualidade.

A espera parecia interminável, e o silêncio apenas aumentava a sensação de medo. Sabíamos que os Zumbis estavam se aproximando, mas não tínhamos ideia de quantos deles viriam. As mãos tremiam enquanto segurávamos as armas, e o coração batia descompassado no peito. O confronto era iminente, e nós teríamos que lutar com todas as nossas forças para sobreviver.

Relato_15

Devorados

À medida que a realidade da situação se tornava mais clara para o grupo, um sentimento de desespero e pavor se instalava. Os gemidos sinistros dos Zumbis ecoavam pelo corredor e ecoavam na mente de cada pessoa ali presente, aumentando ainda mais o terror que já se instalara em seus corações.

Finalmente, o camarada que havia sido enviado para recuperar a bomba apareceu, mas seu estado deplorável fez com que a desesperança tomasse conta do grupo. Seu braço e pescoço estavam sendo devorados por um dos Zumbis, que o jogou ao chão para que os outros pudessem se juntar àquele banquete macabro.

Sangue escorria abundantemente, e os pedaços do corpo do infeliz homem estavam sendo dilacerados pelas mandíbulas dos Zumbis, que pareciam insaciáveis em sua fome voraz. A cena era tão perturbadora que finalmente fez com que todos acreditassem na gravidade da situação em que se encontravam.

Com a bomba finalmente em mãos, o grupo rapidamente se organizou para bloquear a porta com tudo o que conseguiram encontrar, mas a fumaça já começava a se infiltrar na sala. Para acionar a bomba, Patrick a posicionou estrategicamente próxima à porta das escadas de emergência, que ficava ao lado dos banheiros.

Com todos espremidos e acuados dentro da sala, a sensação de claustrofobia era sufocante. Ainda assim, não havia outra opção além de esperar, já que as barreiras improvisadas não seriam capazes de deter a ameaça que se aproximava.

O clima era de desespero e tensão. Ninguém queria arriscar a vida para acionar a bomba. Então Patrick, em um ato de coragem, se voluntariou para jogar o extintor no objeto. Quando a bomba foi acionada, um som agudo e assustador ecoou pelo ambiente, indicando que a detonação era iminente. Patrick correu de volta para a sala, mas foi tarde demais. Em questão de segundos, o C4 explodiu em uma explosão ensurdecedora.

O impacto da explosão foi avassalador. Vidros foram quebrados e arremessados pelas salas, cadeiras e objetos foram estraçalhados e jogados pelo alto. O teto se desintegrou em pedaços e as estruturas ficaram expostas. Onde estávamos, também fomos afetados. A poeira e a fumaça da explosão engoliram tudo ao nosso redor, dificultando mais ainda nossa visão e respiração.

Quando a poeira finalmente baixou, percebemos a única saída disponível. Precisávamos abrir a porta do outro lado. O silêncio era ensurdecedor e apenas os gemidos das pessoas feridas eram ouvidos.

Enquanto subíamos as escadas em meio à fumaça densa, o cheiro forte de queimado e o som dos destroços sendo esmagados sob nossos pés aumentava a sensação de caos e terror que tomava conta do ambiente.

As luzes dos monitores da recepção criavam um ambiente sinistro, fazendo as sombras dos corpos aglomerados parecerem ainda mais assustadoras.

Enquanto isso, as imagens captadas pelas câmeras de segurança exibiam cenas aterrorizantes: grupos de Zumbis encurralando os sobreviventes nos corredores, arrancando pedaços de carne humana com seus dentes afiados e sangue escorrendo por suas bocas mortas. As expressões de desespero e pavor nos rostos dos que tentavam escapar dos monstros eram dilacerantes, e a sensação de impotência era avassaladora.

Mas não podíamos desistir. Chegando ao terceiro andar, pudemos ver os fiscais tentando abrir as portas de emergência com ferramentas improvisadas, enquanto outros buscavam refúgio em salas trancadas. Estavam todos misturados, confusos e em pânico. O medo era grande de sermos pegos pelos Zumbis era constante.

Infelizmente, alguns dos sobreviventes estavam gravemente doentes, apresentando sintomas de intoxicação e febre alta. Não tínhamos tempo nem recursos para ajudá-los, e a sensação de impotência diante do sofrimento alheio era devastadora. A cada passo, o perigo parecia crescer e a morte espreitava. Mas não podíamos desistir. Tínhamos que lutar pela nossa sobrevivência, custe o que custasse. Algumas pessoas apresentavam sintomas de intoxicação pela fumaça e tinham febre alta, mas não havia se quer recursos para ajudá-las.

A morte era inevitável e isso nos fazia sentir ainda mais desesperados.

Ao escrevermos um bilhete desesperado, contando novamente toda a nossa situação, sentíamos nossos corações acelerados e nossas mãos trêmulas. Sabíamos que tínhamos que persuadir aqueles do outro lado a aceitar nossa proposta, para que pudéssemos escapar juntos. No nosso grupo, tínhamos cientistas, fiscais, voluntários e analistas, todos conscientes da importância de nossa sobrevivência. Entretanto, do outro lado, havia apenas fiscais, voluntários e equipe de apoio, o que nos deixava ainda mais preocupados.

Nós rezávamos para que eles pudessem abrir um buraco na parede, mas a resposta demorava a chegar. Por alguns minutos, ficamos em um silêncio sufocante, quebrado apenas pelo som de nossas respirações entrecortadas. Finalmente, concordaram em detonar uma bomba para que pudéssemos passar para o outro lado, mas nesse momento, Zumbis invadiram a sala dos escritórios. Era como se o universo conspirasse contra nós.

Os Zumbis se aproximavam rapidamente, e todos nós sabíamos que nossas vidas estavam em risco. Começamos a gritar, implorando pela detonação da bomba para que pudéssemos escapar. Tentávamos criar um bloqueio com tudo o que tínhamos em mãos, mas nossas ações só atraíam os Zumbis para mais perto de nós. Era o medo que nos paralisavam.

Em questão de segundos, os Zumbis invadiram o corredor das escadas, forçando nossos bloqueios e nos deixando completamente vulneráveis. Gritos de socorro e desespero preenchiam o ar, enquanto lutávamos para manter nossa sanidade. A situação era tão caótica que até mesmo brigas entre nós começaram a surgir.

Patrick e eu corremos desesperadamente para nos distanciar do local que sabíamos que seria detonado. Mas, enquanto muitos corriam com a gente, alguns esqueceram nossos avisos e foram pegos no meio da explosão. O estrondo ensurdecedor nos fez sentir como se nossos tímpanos fossem explodir e, em seguida, veio a onda de choque que arrebentou tudo ao seu redor. Pedras, escombros e até mesmo pedaços de corpos voaram pelo ar e caíram no chão, deixando uma cena horrível e macabra.

Ficamos atordoados por um momento, sem saber o que fazer. Quando voltamos à realidade, percebemos que muitos dos nossos companheiros haviam sido mortos instantaneamente pela explosão. Aqueles que ainda estavam vivos corriam em direção à sala do terceiro andar, e nós os seguimos de perto. No entanto, assim que chegamos lá, fomos cercados por Zumbis famintos e desesperados por carne fresca.

Foi uma cena horripilante. Os Zumbis avançavam em nós, tentando nos arrancar pedaços de carne com seus dentes afiados. Alguns dos mais corajosos tentavam lutar contra eles, mas rapidamente eram cercados e devorados.

Nós usamos tudo o que encontramos pela frente como objetos, incluindo nossa maleta de aço, que se mostrou especialmente útil para bater na cabeça dos Zumbis com força. No entanto, mesmo com todos os nossos esforços, parecia que a luta estava perdida.

Foi então que Patrick abriu sua maleta e descobriu algo que poderia mudar o rumo da batalha. Além do antídoto contra o veneno dos Animais, que já havia nos fornecido anteriormente, havia também cinco ampolas contendo dois tipos de líquidos: um vermelho escuro e outro preto. Nós os reconhecemos imediatamente como os raros antídotos contra a contaminação dos Zumbis.

Não tínhamos tempo ainda para sermos imunizados. Lutamos com mais intensidade e ferocidade para não sermos devorados por completo. Não importava quantos Zumbis aparecessem, estávamos determinados a sobreviver. A luta continuou por mais de 10 minutos, com a morte nos rodeando em todos os lugares.

Naquele momento, o gás tóxico HELLARCs, havia tomado conta do local, e a contaminação dos Zumbis estava se espalhando rapidamente. Era uma verdadeira luta pela sobrevivência. Nós dois sabíamos que os antídotos eram a nossa única esperança, mas não podíamos ter certeza se funcionariam ou não contra ambos os tipos de contaminação.

Ainda assim, decidimos arriscar. Sabíamos que o tempo estava se esgotando e que a qualquer momento a situação poderia piorar ainda mais.

Enquanto isso, as portas de saída piscavam freneticamente, indicando que as saídas estavam temporariamente abertas. Era nossa chance de escapar, mas sabíamos que não seria fácil. Precisávamos passar pelos Zumbis e pelo gás tóxico, tudo ao mesmo tempo.

Com coragem e determinação, começamos a correr em direção à porta das escadas. Era uma corrida contra o tempo, e cada segundo contava. Forçamos a porta a abrir e colocamos a maleta no chão para que ela a mantivesse aberta, evitando que a porta se fechasse inesperadamente, esmagando nossos corpos.

Mas, ao olharmos para trás, percebemos que os outros sobreviventes estavam lutando desesperadamente contra os Zumbis e tentando se afastar do gás tóxico. Não havia tempo para avisá-los sobre a porta aberta. Não sabíamos se alguém conseguiria sair com vida daquele lugar. Retiramos a maleta fechando a porta atrás de nós...

Nos dois seguimos em frente na esperança de encontrar um local seguro. Mas, mesmo enquanto corríamos, sabíamos que não tínhamos certeza do que nos esperava do lado de fora. A única coisa que tínhamos era a nossa coragem e a determinação de sobreviver a qualquer custo.

Relato_16

Os AFORTLHES

Nós já havíamos passado por tantos obstáculos que a nossa esperança de sair vivos do laboratório só aumentava. Cada passo que dávamos em direção à porta do segundo andar nos deixava mais aliviados, e finalmente, chegamos lá. Com calma e sem pressa, abrimos a porta de emergência e nos deparamos com um andar um pouco maior do que o anterior, iluminado apenas pelas luzes de emergência. As divisórias, as salas, e a recepção estavam no lugar, mas tudo estava coberto por papéis, cadeiras e objetos espalhados por toda parte. Era evidente que o lugar havia sido deixado às pressas. Talvez, os trabalhadores do laboratório tivessem conseguido escapar antes que a situação piorasse.

No entanto, não queríamos arriscar. Fechamos a porta de emergência e a bloqueamos com uma mesa de aço que retiramos de uma sala próxima. Precisávamos nos certificar de que estávamos seguros. Então, procuramos pelos mapas que indicavam as localizações das bombas, e encontramos em uma sala próxima. Infelizmente, os mapas estavam em péssimo estado, completamente molhados e com pedaços faltando. Era impossível visualizá-los corretamente após tudo o que havíamos passado. Ficamos desapontados, mas não perdemos as esperanças. Colocamos as maletas sobre uma mesa e decidimos usar os inibidores AN, que surtiam efeitos contra o veneno dos Animais. E o Hz para os Zumbis.

Enquanto estávamos nos esgueirando pelo corredor, notei a presença de pessoas se aproximando com discrição. Sem hesitar, me agachei e olhei em volta, procurando desesperadamente por um lugar para nos escondermos. Meus olhos finalmente encontraram um armário de suprimentos médicos empilhado contra a parede. Fiz um gesto para meu amigo Patrick e corremos em direção ao armário, nos espremendo lá dentro.

A porta da sala se abriu com um ranger suave, revelando dois Agentes da Força Tarefa dos Laboratórios H.A.V.Es. Eles entraram com submetralhadoras em punho, equipadas com silenciadores. O brilho frio das armas sob as luzes de emergência me fez tremer de medo.

Nosso plano para sair do laboratório vivos havia sido bem-sucedido até aquele momento, mas agora tudo parecia estar ruindo. Eu podia ouvir meu coração batendo forte em meu peito, e estava quase certo de que eles iriam nos encontrar ali dentro.

Nós reagimos rapidamente. Segurando firmemente nossas maletas, desferimos golpes certeiros na cabeça dos Agentes até que conseguimos desorientá-los, mesmo eles usando capacetes táticos. Eles chegaram a disparar muitos tiros, mas por sorte não nos atingiram.

Pegamos suas armas e atiramos com precisão nas suas cabeças matando-os. Os tiros ecoaram pelo corredor, ressoando nas paredes e enchendo o ar com um som ensurdecedor.

Eu estava ciente de que cada disparo poderia atrair mais inimigos, mas não havia tempo para hesitar.

Nós precisávamos sobreviver, e isso significava lutar até o fim.

Enquanto nos movíamos cautelosamente pelos corredores do laboratório, o cheiro de fumaça era quase insuportável, e eu sabia que cada canto escuro poderia ser uma ameaça em potencial. Mas nós persistimos, avançando em direção a porta de saída.

Quando percebemos a presença dos Agentes da Força Tarefa dos Laboratórios H.A.V.Es, nos escondemos rapidamente atrás de algo na sala, com medo de sermos vistos. A escuridão tornava difícil enxergar algo, mas não queríamos correr o risco de sermos descobertos por ali novamente. Então, a porta se abriu e dois Agentes entraram com submetralhadoras equipadas com silenciadores em punho. Foi um choque, mas resolvemos que era melhor lhes surpreender. Enfrentamos os Agentes, golpeando suas cabeças com as maletas que carregávamos até que eles se desorientassem, mesmo usando capacetes táticos. Houve muitos disparos, mas conseguimos escapar sem sermos atingidos, tomando as armas dos Agentes e atirando em resposta, os matando.

Continuávamos escondidos na sala, mantendo-nos agachados para evitar sermos alvos. A escuridão ainda pairava, mas pudemos ver, por meio das paredes de vidro transparente, a aproximação de mais cinco Agentes, que pareciam estar protegendo as duas saídas.

Tentamos falar com eles, mas não houve resposta. Optamos por permanecer na mesma posição, sabendo que eles só poderiam avançar em uma direção, já que estávamos próximos da entrada. No entanto, se eles se separassem, seria difícil saber onde cada um ficaria posicionado, pois havia o balcão da recepção logo à frente.

Quando finalmente nos levantamos e aparecemos, os Agentes não atiraram, mas fizeram gestos negando e apontando para os corpos dos funcionários mortos espalhados pelo chão. Parecia que nosso destino seria o mesmo. Foi então que eu e Patrick concordamos em atacá-los até o fim, o que deixou claro para eles.

De repente, um dos Agentes colocou a mão direita na cabeça para ouvir melhor uma comunicação em seu fone de ouvido. Logo depois, um outro Agente se aproximou, atirando nos vidros da sala para nos ferir com os cacos. Ouvimos os estilhaços se espalhando pelo chão, até que tudo ficou quieto. Com cuidado, olhamos em volta e percebemos que o Agente estava se aproximando, com a intenção clara de nos matar.

Fomos atingidos pelos tiros que perfuraram as paredes de aço e tivemos que rasgar pedaços de nossas roupas para estancar alguns ferimentos. Cada passo que dávamos era escutado pelo som dos vidros no chão, o que ajudava o Agente a adivinhar nossa localização. Respondemos aos tiros enquanto Patrick aguardava o momento certo para atirar diretamente na cabeça do Agente que se aproximava.

Com ele desorientado, Patrick o agarrou pelas pernas e o arrastou para dentro da sala. Quando o Agente tentou se livrar de sua arma e jogou os cartuchos de balas para longe, não havia mais motivos para ele estar vivo. Retirando seu capacete, o matamos com um tiro na cabeça.

De repente, um estrondo ensurdecedor interrompeu a tensa calma da sala. Uma granada foi arremessada para dentro, e nós, fomos pegos de surpresa. No entanto, era um tipo diferente de granada que deixava suas vítimas desnorteadas, e não explosivas. Ficamos temporariamente vulneráveis, sem som e sem visão, o que permitiu que mais dois Agentes se aproximassem. Patrick me pediu para ficar deitado enquanto ele atirava com a submetralhadora, agachado e se protegendo atrás de mesas e corpos.

Demorou alguns minutos para que eu recuperasse a consciência e, quando finalmente o fiz, ajudei a atirar em todas as direções. Patrick se aproximou de mim com um plano maluco, mas que poderia dar certo. Ele queria que eu desse cobertura enquanto ele voltava para o andar de baixo e colocava sua maleta entre a porta, facilitando a entrada dos Zumbis. Todos estariam em perigo, lutando apenas para sobreviver.

Patrick esvaziou sua maleta cuidadosamente, examinando cada item e selecionando apenas o que era mais importante para a nossa missão. As 5 ampolas Hz e as 5 ampolas AN, além das seringas específicas para encaixá-las foram guardadas na minha maleta,

garantindo que eu tivesse acesso fácil aos suprimentos necessários para enfrentar os perigos que nos aguardavam.

Em si, foi aplicado com a ampola colocada na seringa, o inibidor AN diretamente na perna. Deduzimos que a veia femoral na perna era crucial para inibir o veneno dos Animais. Sua preocupação muito mais com os Animais.

Eu sabia que ali dentro estavam oito amostras dos antivírus que havíamos coletado com tanto esforço: quatro contra Zumbis e agora três contra o veneno dos Animais. Era uma proteção crucial para nós em um mundo onde a morte espreitava em cada esquina...

Quando Patrick se prontificou a ir, ele insistiu para que eu aplicasse os inibidores. Na verdade, eu sabia que precisava guardá-los para proteger meu filho e levar as outras amostras para o Refúgio. Ele só aplicou aquela por insistência minha pois eu via em seus olhos o medo e pavor daqueles Animais... E ele então foi.

Eu olhei ao redor e vi uma granada de atordoamento na roupa do último Agente morto. Sem hesitar, eu peguei a granada e a joguei com força no meio do corredor. O barulho da explosão foi ensurdecedor, mas eu sabia que era o que precisávamos para permitir que Patrick passasse despercebido pelos inimigos.

Enquanto ele se movia com habilidade e rapidez, eu peguei as armas e atirei para todos os lados, fazendo o possível para manter os inimigos longe de nós... Minutos se passaram eu acho, e quando Patrick voltou, ele estava correndo em minha direção, gritando feito loucos.

Eu sabia que havia problemas e me preparei para o pior. Vários Zumbis o perseguiam, lutando entre si para alcançá-lo. Eu sabia que não podíamos ficar naquela sala por muito mais tempo. Havia corpos frescos de Agentes espalhados pelo chão, chamando atenção e aumentando o risco de sermos encontrados.

Eu sabia que o que fizemos em seguida foi um ato de desespero, mas não tínhamos outra escolha. Corremos em direção à sala onde os Agentes estavam, deixando nossas armas para trás. Eu só conseguia pensar em trazer minha maleta comigo, sem considerar as consequências de deixar nossas armas para trás.

Felizmente, encontramos uma outra sala perto da recepção, onde o elevador estava localizado. Os Agentes seguiram para uma outra sala do outro lado, perto da porta das escadas de emergência. No entanto, eu sabia que ambas as portas estavam trancadas e só poderiam ser abertas com uma bomba C4. Estávamos presos em uma situação perigosa e incerta...

O ambiente era assombroso, repleto de vozes guturais de gemidos agonizantes e batidas intensas que ecoavam pelo ar. Os seres à nossa volta emitiam sons arrepiantes ao mastigarem cada carne e ossos dos corpos inertes de sobreviventes espalhados pelo chão. O número deles era incalculável, uma enxurrada incessante de criaturas que se amontoavam umas sobre as outras. Era impossível distinguir onde começava e onde terminava a horda de mortos-vivos. Ouvidos tampados e o coração pulsando acelerado, nós nos encolhíamos em posição fetal,

desejando por um milagre que nos tirasse dali. A angústia e o medo se misturavam em nossos corpos, criando um misto de sensações que só aumentava a aflição. Em um cenário tão apocalíptico, a vontade de chorar era insuperável e parecia que a qualquer momento perderíamos o controle das nossas emoções...

Nós dois estávamos sentados naquele local insalubre por quase uma hora, com as mãos firmemente pressionadas nos ouvidos e a cabeça encostada nos joelhos. Aqueles que não tinham o hábito de rezar certamente começariam a fazê-lo em desespero. Eu mesmo apesar de minha incerteza, temia as consequências de aplicar os antídotos. Patrick pressionava, sem compreender minhas decisões. Eu estava amedrontado de usá-los e perder a possibilidade de sobreviver e proteger o resto da humanidade. Um sentimento estranho me impedia de agir.

De repente, o ambiente tornou-se mais aterrorizante. O som de tiros e explosões ecoou por todo o lugar, deixando os vidros da sala manchados com sangue e pedaços dos Zumbis que foram estraçalhados. Uma cena macabra que fez com que todos tremessem de medo. No entanto, a situação ainda era pior para os Agentes que estavam lutando pela vida deles. Os Zumbis da segunda espécie, mais lentos e fáceis de matar, eram os que eles conseguiam eliminar facilmente com os tiros, mas a maioria dos Zumbis que estavam ali eram da primeira espécie e pareciam se alimentar dos Agentes vivos com muito mais prazer do que dos mortos.

Os Agentes estavam usando tudo o que tinham para lutar contra os Zumbis e ganhar algum tempo para criar uma estratégia de fuga. Um dos Agentes aproveitou o espaço provisório criado pelas explosões e jogou mais de três granadas no corredor das escadas que levavam para o andar debaixo, causando mais explosões e matando mais Zumbis. Os Agentes estavam lutando bravamente e com determinação para manter os Zumbis afastados, mas eles eram muitos e pareciam não desistir.

Os Agentes estavam cientes de que as explosões não iriam matar todos os Zumbis, mas serviriam para bloquear aquela entrada e impedir que mais deles entrassem no local. Era a única maneira que eles tinham para matá-los um por um. Os Agentes estavam arriscando suas vidas para garantir que os Zumbis não invadissem o local. A situação era desesperadora, mas os Agentes continuaram lutando com toda a força...

O bloqueio era claro e temporário, mas Patrick e eu não arriscaríamos ajudar os Agentes. Então, nos escondemos debaixo da mesa e entre os armários de aço para não chamar a atenção. Eles estavam equipados com trajes especiais que os protegiam contra ferimentos e, por isso, se decidissem nos matar, conseguiriam sair ilesos. Ficou claro que estavam nos esperando para nos garantir que não sobreviveríamos e sairíamos com as únicas esperanças que tínhamos.

Mas em meio à tensão, surgiram muitas perguntas em nossas mentes: como eles iriam embora? As saídas estavam danificadas e havia centenas de Zumbis lá fora.

E quanto aos Animais? Graças a Deus ainda não haviam aparecido, mas logo descobriríamos a resposta.

Nesse momento, o tempo que tínhamos foi usado para esconder a minha maleta, pois caso precisássemos barganhar, teríamos que usar um antídoto de cada. As duas ampolas eram bem resistentes e ficariam seguras em nossos bolsos, sem perigo de quebrá-las. Além disso, a minha maleta guardava dois antídotos contra os venenos dos Animais e três antivírus contra a contaminação dos Zumbis ou do gás HELLARCs. Era essencial que ninguém tivesse acesso a elas sem o meu código de movimento. Se morrêssemos por ali, um dia, os soldados do Refúgio procurariam por respostas nos escombros. A minha maleta, portanto, era inquebrável.

Quando tivemos a chance de avaliar a situação, vimos que apenas três Agentes restaram e estavam lutando, atirando e matando cada Zumbi em seu caminho.

Um deles havia pegado a maleta de Patrick. Depois de vários minutos de batalha, não restava mais nenhum Zumbi. Quando os Agentes se reuniram na recepção, colocaram a maleta no balcão e a abriram. Para a nossa surpresa, ela continha apenas kits de primeiros socorros.

O bloqueio temporário era claro e, por isso, Patrick e eu decidimos não arriscar em ajudar os outros que estavam lá fora. Ficamos escondidos debaixo da mesa e entre os armários de aço, certos de que se fôssemos ajudá-los, seríamos mortos. Além disso, os trajes que os outros usavam eram apropriados para protegê-los de ferimentos também.

Enquanto estávamos escondidos, nos perguntamos como os outros iriam embora dali. As saídas estavam danificadas, centenas de Zumbis estavam por perto, e o gás HELLARCs estava chegando. Ainda não havia sinal dos Animais, mas sabíamos que isso poderia mudar a qualquer momento. Foi então que decidimos esconder minha maleta. A maleta era inquebrável e estava destravada.

Foi então que um dos Agentes pediu para que aparecêssemos, prometendo que não nos mataria e que eu seria levado para um encontro com os doutores, onde meu filho estaria. Eles precisavam dos antídotos para sobreviver e não havia outra maneira da gente escaparmos.

Decidimos entregar as duas amostras, mas eu não iria embora. Com as armas em punho, decidimos ficar no laboratório. Era o trato. Os Agentes verificaram a integridade das ampolas e, satisfeitos, foram embora assim que a porta do elevador foi liberada.

Meu amigo Patrick concordou com a decisão de ficar, e juntos, esperaríamos que as bombas fossem detonadas e morreríamos no processo. Ele me confortou com a notícia de que meu filho não estava com eles, mas algo que ele descobriu me preocupou ainda mais. Todos os filhos de cientistas dos laboratórios haviam desaparecido, e ninguém sabia o motivo.

Patrick não sabia muitos detalhes, mas tinha certeza de que não foram os doutores e nem ninguém que trabalhava no laboratório.

Agora, não sabíamos onde meu filho estava. Talvez estivesse no Refúgio, na Barreira, na casa de Patrick ou na casa do senhor em BJN.

Apesar da situação desesperadora em que nos encontrávamos, havia uma pequena esperança de que um dia alguém encontrasse minha maleta e tivesse acesso aos antídotos. Infelizmente, não havia nenhum objeto para deixar uma mensagem, então a única coisa que pude fazer foi retirar a segurança contra violação da maleta, de forma que um dia alguém pudesse abri-la facilmente com qualquer digital, sem precisar arrombá-la. Sentados no chão, abraçados e ouvindo os gemidos distantes dos Zumbis, a sensação era de que a morte estava próxima, mas pelo menos não seríamos devorados vivos. Entretanto, os gemidos foram ficando cada vez mais altos, indicando que algo estava se aproximando.

De repente, a porta se abriu automaticamente e as luzes do laboratório voltaram ao normal. No entanto, para nosso horror, todos os Zumbis estavam vindo em nossa direção, sedentos por carne humana. A cena era de completa desespero e horror, e não havia nada que pudéssemos fazer a não ser nos preparar para o pior...

Relato_17

Lutando até o Último Suspiro.

Eu ajudava Patrick a se mover rapidamente pelo cenário devastador, onde vários corpos estavam espalhados pelo chão, incluindo os corpos dos dois Agentes que havíamos encontrado mortos. Sabíamos que precisávamos retirar seus trajes e colocá-los em nós mesmos se quiséssemos ter uma chance de sobrevivência. Com determinação, lutaremos contra a ameaça dos Zumbis, dispostos a resistir até o último suspiro.

Finalmente, eu consegui ser o primeiro a estar protegido pelos trajes, mas só tínhamos uma granada e ambas uma faca tática para nos defendermos. Ao redor da sala, os Zumbis nos cercavam, e precisávamos pegar as armas que haviam sido deixadas em outros lugares para aumentar nossas chances de sobrevivência. Decidimos esperar dentro da sala, prontos para atacar quando os Zumbis entrassem pela porta.

Os Zumbis eram rápidos e desesperados, e, embora os primeiros fossem fáceis de matar enfincando a faca na cabeça deles, à medida que eles se acumulavam, fomos empurrados para as paredes, e houve muito derramamento de sangue que nos sujou. Infelizmente, eu acabei perdendo minha faca no meio da multidão de Zumbis, enquanto Patrick ainda usava a dele para desferir golpes. Com adrenalina alta, gritamos alto, não para pedir ajuda, mas para ganhar disposição e força.

Sons de gemidos dos Zumbis tornaram o ambiente ainda mais desesperador. Logo, os Zumbis quebraram uma parte do vidro de trás da sala e nos agarraram, tornando difícil para mim me acostumar com o traje de proteção, que limitava nossos movimentos. As mordidas e arranhões não fizeram efeito, mas ainda assim, os Zumbis continuaram nos atacando, enquanto gemiam.

Foi então que tivemos que usar a única granada que tínhamos. Com dificuldades, peguei-a no bolso do colete, retirei o pino e joguei-a para perto da porta. Houve uma explosão, e muitos Zumbis foram estraçalhados, enquanto outros continuaram a se arrastar, sem partes do corpo. O sangue estava por toda parte, juntamente com vidros quebrados e buracos na entrada, com a porta jogada para longe daquela sala.

Mesmo com tudo isso, ainda não conseguíamos sair dali facilmente. Ainda enfrentando dificuldades, passamos entre os Zumbis para chegar ao balcão da recepção. Quando encontrei uma submetralhadora, foi fundamental para atirar naqueles à nossa frente. Mas com os disparos rápidos, as balas acabaram rapidamente, restando apenas as coronhadas na cara dos Zumbis. Estávamos cansados e exaustos, sem forças para reagir aos ataques furiosos de mãos e bocas que mordiam nossos trajes e no capacete tático. Patrick e eu conseguimos alcançar o balcão, aliviados por poder respirar um pouco, mas nosso alívio não foi imediato sendo interrompido pela visão do gás vermelho entrando, era como estivesse vida e forma.

O gás se espalhou rapidamente, deixando tudo em sua frente indistinto e nebuloso. A multidão de Zumbis se aproximava cada vez mais, e logo fomos derrubados no meio deles, rastejando para trás em busca de segurança.

O desespero tomou conta de nós quando a situação parecia irreversível, mas então ouvimos explosões que começaram baixas e foram aumentando gradativamente. Era evidente que o laboratório estava sendo destruído completamente. Em meio aos ruídos ensurdecedores, um som quase imperceptível soou, mas Patrick o notou imediatamente.

Eu segurava minha maleta firmemente contra meu corpo, tentando me sentir mais seguro. Patrick estendeu as mãos e gritou com uma mistura de choro e emoção: "Gene, meu amigo... estamos livres!" Finalmente, a sensação de liberdade e alívio tomou conta de nós, sabendo que tínhamos sobrevivido a esse terrível pesadelo. A porta do elevador se abriu e uma multidão de Zumbis empurrou para fora, enquanto nós lutávamos para ficar dentro do espaço apertado. Foi uma batalha difícil, mas finalmente conseguimos fechar a porta e subir rapidamente para o próximo andar. Durante o trajeto, Patrick ficou tão enfurecido que começou a espancar os Zumbis sem piedade, mas eu não pude deixar de pensar que eles eram seres humanos antes de se transformar e que talvez merecessem uma segunda chance. Muitos deles diziam que queriam ter a liberdade de novo e ver suas famílias, assim como eu pensava nas minhas irmãs e em meu filho Gean...

Mesmo sabendo que os Zumbis seriam uma ameaça para as cidades, eu sentia que pelo menos eles mereciam a liberdade, depois de terem sido mantidos em confinamento durante tanto tempo. Eu não podia deixar essa oportunidade passar, mesmo que fosse um favor estranho e sem noção.

Eu pedi a Patrick para deixar aqueles poucos Zumbis vivos respirarem o ar puro da liberdade "morta", mesmo que ele ficasse furioso comigo. Eu não queria tirar os sentimentos dele, mas como amigo, não podia deixar que ele se tornasse mal ou tivesse atitudes irreparáveis. Talvez um dia ele entendesse e procurasse uma forma de se libertar e voltar ao que era antes.

Assim, conseguir convencer Patrick a deixar aqueles Zumbis livres apenas naquela vez. Foi um pequeno ato de bondade em meio ao caos e à destruição que havíamos testemunhado.

Relato_18

Dia 02

A fumaça vermelha

Assim que saímos do elevador, nossos olhos se arregalaram diante da cena caótica na sala de manipulação de remédios. Tudo estava revirado, as prateleiras estavam desorganizadas e frascos de remédios estavam espalhados pelo chão. Corremos em direção à janela do lado esquerdo da sala, que era a única saída possível, mas ao olharmos para fora, vimos que a noite já havia caído. Ainda assim, não tínhamos ideia de que horas eram, pois o relógio da sala havia parado de funcionar.

As janelas tinham grades e era impossível tentar descer pelas escadas, já que os andares inferiores estavam em chamas. Mas então Patrick lembrou de uma passagem que os doutores usavam para entrar e sair rapidamente do laboratório. Estava em um canto da sala, em um outro corredor, e era semiaberta. Corremos em direção à porta e saímos para o terraço.

O espaço aberto e sem obstáculos do terraço nos deu um pouco de alívio, mas logo percebemos que a única opção de fuga era pular do quarto andar. O prédio estava totalmente em chamas, com explosões ocorrendo em várias partes. O gás vazava pelo chão, deixando claro que a situação estava prestes a ficar ainda pior. Foi então que lembramos das passagens subterrâneas que conectavam o laboratório ao abrigo dos Animais.

Se as passagens estivessem fechadas, poderíamos ter uma chance de escapar ilesos.

Corremos para os cantos do terraço, procurando algo que pudesse amortecer nossa queda. Finalmente, encontramos uma árvore que parecia alta o suficiente para minimizar o impacto da queda. Pulamos, e por sorte, caímos entre as folhas e arbustos, sofrendo apenas algumas dores no corpo. Nossos trajes eram resistentes, o que ajudou a nos proteger na queda.

Enquanto nos levantávamos, olhamos para trás e vimos alguns Zumbis pulando loucamente do terraço, tentando nos alcançar. Mas estávamos seguros, por enquanto.

As ruas estavam repletas de pessoas aglomerando-se ao redor do prédio em colapso. A multidão parecia hipnotizada, presa em um transe que a impedia de desviar o olhar da destruição que se desenrolava diante delas. A cada explosão, uma nuvem de fumaça escura e espessa se levantava, obscurecendo ainda mais um céu já nublado e pesado. O gás vermelho que se misturava com a fumaça dava à cena um tom sinistro e ameaçador, como se a própria cidade estivesse prestes a se dissolver em uma massa venenosa.

A atmosfera era tensa e opressiva, e o vento forte que soprava do Norte não ajudava em nada. As rajadas carregavam consigo pedaços de entulho e escombros, que se espalhavam por toda parte. Alguns carros, parados na ponte BJI-BJN, formavam um engarrafamento de quase 60 metros, tornando impossível a passagem de qualquer veículo ou pessoa.

Enquanto muitos se preocupavam com a possibilidade de que a fumaça pudesse ser tóxica, outros pareciam hipnotizados pelo espetáculo dantesco que se desenrolava diante de seus olhos. Foi então que notei que nós, eu e Patrick, estávamos chamando a atenção da multidão. Vestidos como policiais da força especial, parecíamos estar em busca de algo - ou de alguém.

Foi quando decidi que deveríamos seguir para sul, pelo rio abaixo da ponte, em direção à casa do senhor Chico. Eu tinha a esperança de encontrar meu filho lá, em segurança. Nós precisávamos escapar das primeiras horas, encontrar um lugar seguro para nos esconder e planejar nosso próximo passo. O futuro parecia incerto e sombrio, mas eu sabia que precisava ser forte e persistente se quisesse sobreviver ao caos que se desenrolava diante de mim.

O pânico tomou conta da multidão à medida que a fumaça vermelha se espalhava rapidamente, sufocando os presentes com sua densidade e acidez. As pessoas tossiam, tentando escapar do gás tóxico enquanto corriam em todas as direções, em busca de abrigo e segurança. O clima hostil só piorou com a chegada dos policiais, que se aproximavam em meio ao caos, buscando culpados pelo ataque.

Enquanto nos esforçávamos para escapar da multidão enfurecida, víamos com horror as pessoas sendo atingidas pelo gás e sofrendo transformações grotescas. A pele derretia em suas faces, revelando a carne viva e os ossos.

Era impossível não sentir o cheiro nauseante da carne em decomposição, enquanto gritos de desespero ecoavam pelo ar.

Mas o horror ainda estava longe de acabar. À medida que os Zumbis surgiam das vítimas do gás, a luta pela sobrevivência se tornava ainda mais difícil. Os mortos-vivos se moviam com agilidade, atacando tudo o que encontravam pela frente. Os sobreviventes mais desesperados tentavam escapar, enquanto outros ajudar os feridos, lutando com unhas e dentes...

Finalmente, conseguimos nos afastar da multidão e nos aproximamos da guarita da ponte, onde encontramos seguranças armados. Mas nosso objetivo era outro: atravessar o rio pelo outro lado, pela encosta íngreme, na esperança de encontrar meu filho desaparecido. Com o coração batendo acelerado e o medo nos olhos, nos preparamos para enfrentar o desconhecido.

A situação estava caótica. A chuva forte e os ventos fortes só pioravam as coisas, espalhando o gás tóxico pelo ar e dificultando a visibilidade. As pessoas que estavam próximas do prédio em chamas tentavam correr, mas eram atacadas pelos Zumbis que se multiplicavam rapidamente. O som dos Zumbis devorando sobreviventes eram aterrorizantes. Era como se estivéssemos em um filme de terror, mas aquilo era realidade. Os policiais que nos abordaram pareciam desesperados, tentando controlar a situação da forma que podiam, mas não sabiam que o gás estava se espalhando cada vez mais.

Eles apontavam suas armas para nós, pedindo que levantássemos as mãos e largássemos nossas coisas, mas logo perceberam que não era hora de prender ninguém. Era hora de fugir e sobreviver.

Foi quando os Animais apareceram. Eles eram ágeis, ferozes e tinham garras afiadas. Devoravam suas vítimas em questão de segundos. Aquela bocarra era capaz de arrancar de uma só vez a cabeça de quem quer que seja e ainda a mastigar...deixavam um rastro de sangue e morte por onde passavam. O caos se instalou, com pessoas correndo em todas as direções, tentando escapar.

Os policiais não pareciam saber o que fazer. Atiravam em nós e nos seguranças da guarita, mas não conseguiam conter a situação. Os vidros da guarita foram quebrados, e os seguranças reagiram, atirando contra todos que tentavam invadir. A bala atingiu meu corpo com força, causando uma dor intensa que me fez cambalear, mas não me feri.

Nós dois sabíamos que não havia outra opção a não ser fugir. Tentamos correr na direção sul, seguindo pela encosta e atravessando o rio para cidade vizinha. Era uma jornada perigosa, mas precisávamos continuar tentando sobreviver em meio ao caos que havia se instalado na cidade.

Com uma sensação de tensão cada vez mais presente, eu e Patrick nos afastamos furtivamente do local onde a batalha entre policiais, os guardas e também os Animais estava acontecendo.

O barulho das explosões e dos gritos ecoava pelos becos próximos, e a adrenalina corria em nossas veias enquanto tentávamos nos manter escondidos.

Finalmente chegamos ao rio, e o cenário era caótico. Pessoas desesperadas pulavam da ponte para escapar do gás mortal que se espalhava pela cidade. Alguns não sabiam nadar e se afogavam, enquanto outros lutavam para chegar à encosta da cidade vizinha, sendo arrastados pela correnteza ainda fraca.

Atravessar o rio não seria fácil, mas era nossa única opção. A correnteza estava forte e o vento dificultava a nossa locomoção. Sentíamos nossos corpos ficando cada vez mais cansados e nossas roupas pesadas pela água. Mas sabíamos que não podíamos parar...

Foi então que percebemos que dois helicópteros sobrevoavam a região, pairando no ar algumas vezes. Com um aperto no peito, Patrick reconheceu as aeronaves como sendo dos Doutores, os donos dos laboratórios que pareciam estar por trás de toda a crise. Não tivemos escolha a não ser nos esconder.

Enquanto nos agachávamos atrás de uma moita, uma multidão de pessoas atravessou a ponte, pisando em cima de carros e correndo freneticamente. A maioria estava fugindo, mas uma minoria começou a saquear lojas, invadir prédios e casas. Em meio a esse caos, uma turma de motoboys saía apressadamente com suas motos, enquanto carros ainda não podiam passar por ali devido à quantidade de veículos parados e batidos.

Algumas pessoas tentavam escapar de bicicleta, mas muitas acabavam caindo ou sendo derrubadas.

Para escapar do tumulto, tivemos que correr junto com outras pessoas por uma rua ao lado do rio. O caminho seria longo e cheio de obstáculos, mas não havia outra escolha.

À medida que avançávamos, percebemos que alguns moradores sabiam mais ou menos o que estava acontecendo. Eles foram avisados e pareciam estar se preparando para o pior. Talvez trancar-se em casa seria a única opção para sobreviver.

A cidade estava mergulhada em uma agitação frenética e um pânico avassalador, enquanto nos esforçávamos para atravessar a multidão de pessoas desesperadas que tentavam escapar do gás letal. As ruas estavam caóticas, com carros e motos jogados ao acaso, alguns abandonados e outros sendo usados como barreira contra o desastre que se abatia sobre a cidade. O ar estava carregado de choro de crianças, pais gritavam procurando seus filhos perdidos, e muitos se agarravam uns aos outros em busca de alguma forma de proteção.

O barulho ensurdecedor dos helicópteros sobrevoando baixo nas cidades apenas amplificava o medo.

Logo, Patrick reconheceu as aeronaves como pertencentes aos Doutores, os responsáveis pelos laboratórios que haviam causado o vazamento do gás mortal. Com o perigo iminente, não podíamos nos arriscar a ser vistos e fugimos para encontrar um lugar seguro para nos esconder.

À medida que nos aproximávamos da Praça de BJI, observamos com tristeza enquanto a multidão de pessoas e motocicletas lutava para avançar. Era uma visão de verdadeiro caos, com pessoas sendo empurradas, atropeladas e espancadas na disputa por veículos. O risco que eu e os sobreviventes envolta tínhamos para ser contaminado pelo gás era constante, e o medo e o desespero permeavam as pessoas. Até Patrick me chamava de louco por não ter me imunizado com o inibidor antes.

Enquanto corremos, olhamos para o céu e notamos que as nuvens cinzas da noite haviam dado lugar a um tom vermelho sombrio e aterrorizante, sinalizando a proximidade do gás letal. A água da chuva, trazida pelos ventos fortes, ainda estava avermelhada, lembrando-nos a todo momento da gravidade da situação. Sabíamos que não poderíamos simplesmente nos esconder em algum canto, mas teríamos que manter a distância necessária até que o gás se dissipasse por completo. A esperança era o único fio de luz em meio ao caos que se instalara na cidade, e mesmo assim, mal conseguíamos nos manter esperançosos diante do cenário de destruição e desespero.

De repente, o caos tomou conta da rua, enquanto uma multidão em pânico corria em todas as direções. Gritos ecoavam pelos becos e vielas, suplicando por ajuda. E então, surgiram os Animais, as criaturas ferozes, com suas garras afiadas avançavam sobre as pessoas, atacando indiscriminadamente, e nós perto de todos.

As garras arrancavam facilmente as partes humanas como os braços dos que queriam se proteger. Membros espalhados pelo chão todo ensanguentado e corpos com suas cabeças arrancadas...algumas se viam dentro das bocarras dos Animais sendo mastigadas. Desesperados, nós tentamos escapar, mas a multidão desesperada corria na nossa direção, forçando-nos a parar.

De repente, um dos Animais pulou em nossa direção, ferindo várias pessoas que estavam por perto. Eu levei uma patada forte, que me jogou para o chão, enquanto meu traje começava a rasgar.

Mesmo com meu capacete de proteção, eu tive que usar minhas mãos para me defender das garras afiadas e dentes que se aproximavam perigosamente do meu rosto. Com o coração acelerado, eu me debatia para tentar escapar do ataque, mas parecia impossível.

Foi então que Patrick, um amigo corajoso, apareceu com um pedaço de madeira na mão, acertando um dos Animais em cheio e me salvando do ataque. Ele recuperou minha maleta, mas, em um momento de loucura, também foi jogado para longe pelos Animais.

Com a ajuda de outras pessoas corajosas que lutavam para salvar suas vidas, nós conseguimos manter os Animais afastados, mas a cena era perturbadora. Muitos mais corpos jaziam no chão, com membros arrancados e sangue espalhado por toda parte. Era difícil até mesmo respirar, com o cheiro nauseante da morte pairando no ar.

Finalmente, Patrick se levantou, confirmando que estava bem com gestos, e combinamos de nos encontrar mais adiante para fugir dali o mais rápido possível. O caminho estava livre e nós corremos, sem se olhar um para o outro, com a esperança de nunca mais ter que enfrentar algo tão aterrorizante novamente.

De repente, o som estridente de um carro em alta velocidade chamou nossa atenção. Ele se aproximava em alta velocidade pela rua principal, atropelando brutalmente todas as pessoas que estavam em seu caminho. Era um Monza, e o motorista parecia completamente fora de controle, sem se importar com as vidas que ceifava ou com os grandes amassados na dianteira do veículo.

Todos corríamos para tentar escapar também desses loucos por lá, mas muitas pessoas não tiveram a mesma sorte. Ficamos poucos sobreviventes correndo juntos, com o coração na boca e o medo estampado em nossos rostos.

De repente, uma moto apareceu do nada, subindo a calçada e parando perto de mim. O homem que estava na moto me ofereceu uma carona em nome do senhor Chico. Sem perguntas, eu aceitei imediatamente, pois sabia que aquele nome dito era responsável por cuidar de meu filho.

De longe, gestos eram feitos para que Patrick seguir em frente e lhe comunicando que eu estaria indo até a casa do senhor Chico.

Patrick já conhecia bem a região, e sabia exatamente onde encontrar as outras famílias que cuidavam dos filhos dos cientistas.

Com o coração apertado e uma angústia profunda, eu me agarrei na moto, rezando para que meu filho estivesse bem e para que pudéssemos escapar do caos que havia se instalado na cidade. O futuro era incerto, e eu não sabia mais o que nos esperava.

Relato_19

Sobrevivendo

Enquanto a moto avançava em alta velocidade, o ambiente ao redor era de caos absoluto. Pessoas corriam desesperadas, Zumbis cambaleavam e Animais selvagens corriam soltos pelas ruas, criando uma cena apocalíptica. O piloto da moto, habilidoso e corajoso, conseguia desviar de tudo isso com precisão, enquanto eu me agarrava a ele, preocupado com o destino final.

De repente, percebi que estávamos indo em direção ao gás vermelho que tomava conta das ruas. Eu sabia que precisava aplicar o antídoto, mas ainda não havia tido a chance. Desesperado, comecei a pedir ao piloto que parasse, tentando fazê-lo entender que estávamos em perigo iminente e que, se não agíssemos rapidamente, seríamos contaminados.

Mas ele não parecia querer ouvir, insistindo que ainda havia tempo de passar antes que o gás baixasse completamente. Eu gritava, tentando fazê-lo entender a gravidade da situação, mas parecia que ele não estava me ouvindo. E então, em um momento de desespero, fiz um movimento brusco que desequilibrou a moto e acabou por resultar em uma queda fatal para ele. Eu, por minha vez, fui arremessado ao asfalto, deslizando por alguns metros até bater em uma árvore e apagar... Quando acordei, sentia uma forte dor de cabeça e estava completamente desorientado.

O capacete tático que usava havia sido arremessado longe, e eu me levantei atordoado, olhando ao redor e tentando entender o que havia acontecido.

Enquanto tentava me levantar, percebi que meu corpo estava dolorido e os arranhões do ataque dos Animais ainda estavam lá. O sangue secado nas roupas e a dor na cabeça eram sinais de que a queda havia sido bastante violenta. Tentei me lembrar dos acontecimentos anteriores, mas a confusão de imagens e sons tornava tudo embaçado. Apenas sabia que precisava encontrar minha maleta o mais rápido possível e sair dali. Com esforço, consegui me colocar de pé e, mancando um pouco, comecei a caminhar na direção da casa do senhor Chico. A rua estava deserta agora, com a exceção dos corpos espalhados e mutilados por Animais. O cheiro de sangue e morte era insuportável, mas eu precisava manter o foco e encontrar minha maleta. Olhei para todos os lados, tentando identificar algum sinal, mas não havia nada que indicasse onde ela poderia estar. De repente, ouvi um barulho vindo de um beco escuro próximo. O medo me tomou, mas a possibilidade de encontrar minha maleta me deu coragem para prosseguir. Caminhei devagar em direção ao beco, tentando enxergar alguma coisa na escuridão. Foi então que vi uma sombra se movendo. Me aproximei mais e percebi que era um Zumbi. Ele tinha em suas mãos uma arma que seria fundamental para mim. Decidi que não tinha escolha, precisava enfrentá-lo e recuperar o que ele estivesse segurando.

A rua à minha frente estava completamente coberta pelo gás vermelho, e eu sabia que precisava encontrar minha maleta com o antídoto antes que fosse tarde demais...O Zumbi estava lento por causa de uma de suas pernas quebradas e com o rosto totalmente arrebentado talvez alguém lhe tenha golpeado forte para se livrar. E ali perto dele estava minha maleta.

Eu não sentia medo nenhum. Era muito fácil matá-lo ou afastá-lo e não tive dificuldades. Com um bom chute o derrubei no chão e depois uma pisada firme e forte para quebrar e esmagar sua cabeça...A minha botina de bico de aço ajudou muito. Aliviado, verifiquei se estava tudo lá dentro. Eu ciente de que o tempo estava se esgotando rapidamente.

Enquanto eu ainda me recuperava do choque da queda, fiquei observando a maleta aberta e seus conteúdos, todos intactos. O brilho da ampola Hz e da seringa pareciam iluminar a escuridão que se aproximava. Eu sabia que aquele antídoto era a minha única chance de sobrevivência em meio àquela atmosfera perigosa e letal. No entanto, a cena ao redor me deixava cada vez mais apreensivo. O corpo do homem que me acompanhava na moto estava estendido no chão, completamente dilacerado pelo impacto da queda. Eu não tinha tempo para lamentar sua morte, eu precisava agir rápido para garantir a minha própria sobrevivência. Com mãos trêmulas, peguei a seringa e injetei a ampola Hz no meu pescoço sentindo a sensação gelada percorrer meu corpo.

O antídoto era eficiente e imediato, me sentindo mais forte e confiante para seguir adiante.

Enquanto caminhava pelas ruas desertas, eu sentia o cheiro forte do gás HELLARCs em minhas narinas. Era como se fosse uma nuvem de enxofre que se espalhava pelo ar, sufocando tudo e todos ao seu redor.

Ainda caminhando sem rumo, encontrei a moto em chamas mais à frente. O fogo se espalhava rapidamente e eu sabia que não havia tempo para lamentar a perda do veículo. Eu precisava seguir em frente, para que chegasse logo na casa de Chico e encontrar meu filho.

Ainda assim, havia esperança de que outras pessoas pudessem ser salvas e a humanidade pudesse se recuperar dessa catástrofe sem precedentes. Só precisava estar vivo e com as esperanças em mãos.

De repente, a figura sombria de um homem surgiu mancando em minha direção. Vestido com um traje de proteção químico amarelo e segurando uma arma que parecia uma Escopeta, ele apontou o dedo na minha direção, acusando-me pela perda de sua família. Sua voz era rouca e carregada de uma fúria insana, enquanto ele despejava em mim todas as suas frustrações.

Mesmo seguindo todas as orientações e precauções, o homem havia ficado meses sem notícias de sua família e sem saber a data exata da liberação do gás tóxico.

Desesperado, ele havia abandonado tudo e todos para salvar a própria vida, usando o único traje disponível para sobreviver e buscar vingança. Era o senhor Chico, e ele estava determinado a me matar.

Impotente diante da sua raiva incontrolável, eu não pude me defender nem me desculpar. Ele se aproximava cada vez mais, falando alto e claro. Então, sem aviso prévio, ele atirou em mim duas vezes. Eu mal tive tempo de reagir, protegendo meu rosto com as mãos e usando a maleta como escudo. O primeiro tiro me derrubou no chão, enquanto o segundo acertou minhas pernas, na cintura e no peito. A dor era excruciante, e os sintomas indicavam que algo havia quebrado dentro de mim.

Lutando contra a pressão no tórax e o desespero crescente, eu sabia que precisava fugir dali o mais rápido possível, antes que fosse tarde demais. Com a ajuda da densa neblina tóxica, eu consegui escapar rolando pelo chão e me levantando rapidamente, antes que o homem pudesse atirar novamente. Determinado a sobreviver, eu tirei a arma de suas mãos e depois removi sua máscara de gás, expondo-o ao gás letal HELLARCs.

O senhor Chico se ajoelhou no chão, gritando de dor enquanto seu corpo todo começava a se deformar. Eu sabia que ele estava se transformando em um Zumbi, mas eu não podia esperar para vê-lo se tornar um. Eu peguei a arma e continuei a andar, sem olhar para trás. Eu sabia que minha escolha poderia ser vista como necessária, mas eu ainda lamentava profundamente por tê-la feito.

Após caminhar por algum tempo, percebi que não conseguia mais andar e acabei desmaiando, exausto e ferido. O que me aguardava a seguir era um mistério...

Quando finalmente acordei, senti como se tivesse sido atingido por um caminhão. Minha cabeça latejava, meu corpo doía e minha respiração estava ofegante. A tosse seca e o sangue em minha boca eram evidências de que eu havia sido exposto ao gás por um longo tempo. Ainda atordoado, procurei minha maleta e a encontrei ao meu lado, intacta.

Levantei-me com dificuldade, tentando me recuperar do mal-estar...O tempo estava frio e com poucos ventos e a claridade na noite me ajudava a olhar ao redor vendo o que restava da cidade: casas com portões abertos e corpos de animais e humanos. O ar ainda estava impregnado com o odor nauseante do gás, fazendo-me querer vomitar.

Foi então que vi algo que me deixou arrepiado: os Zumbis devorando cães e pássaros mortos nas ruas. Eu sabia que o gás era fatal para animais e aves, mas nunca imaginei que os Zumbis seriam capazes de comer carne já morta. A cena era surreal e perturbadora.

Desviando o olhar dos Zumbis, posicionei a escopeta para os lados atento. Verifiquei logo a quantidade de balas e engatilhei. Sabia que precisava usá-la para me defender dos Zumbis e de qualquer outro perigo que pudesse encontrar. Então, comecei a caminhar numa direção que chegaria à casa do senhor Chico. Eu sabia que ele me culpava pela perda de sua família, só queria mesmo que meu filho estivesse vivo. Se caso ele passou por algum momento crítico causado pelo senhor Chico, pelo menos um sinal eu iria encontrar.

Ele sabia que eu iria procurá-lo e precisava me sinalizar com qualquer coisa.

Quando finalmente cheguei à casa dele, a garagem estava aberta e o sangue estava por toda parte. Eu sabia que precisava ser cauteloso.

Com a arma em punho, fui explorando a casa devagar, procurando por qualquer sinal de vida. O silêncio era ensurdecedor. Respirei fundo e disparei um tiro na fechadura da porta. Esperei alguns segundos, mas ninguém veio verificar. Então, abri a porta e entrei na sala. Era um caos. Tudo estava revirado, sangue e vísceras estavam por toda parte. Rastros de sangue passando pelas escadas em frente. Eu me movi com cuidado, procurando por qualquer sinal de vida. Encontrei um monte de bagunça amontoado no canto e olhei mais de perto. Não havia nenhuma ameaça.

Ao entrar na cozinha, minha voz ecoava pelo ambiente chamando pelo nome do meu filho a cada passo. No entanto, o que encontrei foi um cenário de desordem. Panelas com alimentos prontos ainda estavam sobre a mesa de seis cadeiras, indicando que algo inesperado havia ocorrido... Decidi então seguir para a sala, que estava ainda mais bagunçada do que a cozinha, com a porta para a varanda aberta, permitindo a entrada de possíveis invasores. Rapidamente, fechei-a, bem como todas as janelas por ali percebendo que elas estavam sujas de sangue. Pessoas teriam aproveitado para fugir.

Quando finalmente cheguei ao segundo andar, encontrei uma porta fechada.

Encontrei mais duas portas dos quartos e apenas uma fechada. Enquanto me aproximava dela, Zumbis batiam com força, tornando impossível a entrada. Contudo, a porta permanecia intacta. Eu desejava arrombá-la e ver se meu filho estava ali dentro...Na verdade não estava preparado para uma possível morte de meu filho ou vê-lo transformado em um Zumbi.

Resolvi antes, então, entrar no banheiro que ficava no mesmo corredor. Era um alívio encontrar um local seguro, intacto, limpo e organizado, o que aumentava e alimentava minha esperança em encontrar meu filho são e salvo. Depois de retirar o traje e as roupas, pude ver no meu corpo a gravidade dos ferimentos sofridos. Marcas de balas e arranhões eram visíveis, assim como hematomas graves, o que me deixava com a sensação de que havia escapado por pouco de algo pior.

De repente, um pensamento estranho me ocorreu: e se eu sofresse algum efeito colateral do antídoto que havia ingerido? Ainda não havia sintomas aparentes, mas decidi ficar atento. Após avaliar a situação, percebi que precisava urgentemente de um banho bem demorado e aproveitei para lavar minhas vestes de cientista, a fim de me livrar de qualquer resíduo de Zumbis...

Ao observar a casa mais de perto, comecei a questionar a atitude do senhor Chico. Mesmo com sua riqueza, sua casa não apresentava grandeza, apenas algumas reformas e uma aparência desleixada.

Será que ele gastava todo o dinheiro sem se preocupar com o futuro?

Essas perguntas invadiram minha mente, enquanto eu vasculhava cada cômodo em busca de respostas.

Decidi então entrar no quarto de casal, que parecia ser o local onde o senhor Chico dormia. A cama estava coberta de roupas e a bagunça era visível. Comecei a procurar por roupas que me servissem, encontrando um par de sapatos sociais e uma calça jeans. Minha camisa estava rasgada, mas ainda assim, limpei-a e deixei secando para usá-la mais tarde. Enquanto isso, retirei meu traje e fiz uma rápida limpeza em meus ferimentos, o kit médico retirado da maleta já estava preparado com medicamentos essenciais para nós sobreviventes. Apliquei curativos e uma injeção de Opioides para aliviar as dores.

Enquanto eu realizava esses procedimentos, não pude deixar de pensar no antídoto e nos efeitos colaterais que poderia estar sofrendo. Havia passado muitos anos confinado, e meu corpo ainda não estava acostumado com a liberdade. Tomei os últimos comprimidos para ajudar a retardar esses efeitos e continuei minha busca por pistas na casa do senhor Chico. Talvez a resposta estivesse escondida em algum lugar, no bunker que deveria ser feito e eu precisava descobrir antes que fosse tarde demais.

Relato_20

O Pastor

De repente, enquanto estava na casa, ouvi um estrondo alto vindo da garagem. Meu coração começou a bater mais rápido enquanto pegava minha escopeta para investigar. Rapidamente, desci as escadas e corri em direção à garagem.

Ao chegar, fiquei cara a cara com um homem idoso usando um paletó preto, apontando um revólver calibre 38 na minha direção. Senti meu sangue gelar, mas tive que agir rápido para me defender. Ameacei matá-lo caso não me dissesse o que estava acontecendo.

O homem parecia calmo, guardou a arma e se apresentou como um amigo de Chico, membro da igreja I.P.E. na cidade de BJN. Ele me explicou que Chico havia sido convidado a se refugiar na igreja, juntamente com sua família, mas eu lhe disse sobre sua morte e que ele havia chegado tarde demais. Comovido com a situação, o pastor se ofereceu para me ajudar a até o quarto onde Zumbis estavam trancados... Eu estava preocupado em encontrar meu filho por lá, já que o senhor Chico estaria cuidando dele. Eu acreditei nele e esperava que ele pudesse me contar um pouco mais sobre sua história. Sabia que precisaria de ajuda para percorrer as cidades e enfrentar os Zumbis.

Estávamos no segundo andar e, de frente para a porta, o pastor parecia nervoso para abri-la. Falei sobre o risco que correríamos e como poderíamos lidar com Zumbis.

Decidimos que, se precisássemos atirar, miraríamos nas pernas para desacelerá-los.

Quando finalmente abrimos a porta, uma mulher Zumbi saiu em nossa direção, extremamente enfurecida. Sem hesitação, tive que atirar em suas pernas para impedir que nos atacasse. O tiro foi preciso, arrancando suas pernas e evitando que nos machucasse.

O pastor parecia realmente assustado quando escapou andando para trás. Seus olhos estavam arregalados e suas mãos tremiam enquanto segurava sua arma. Quando ele finalmente se acalmou o suficiente para atirar, acertou uma jovem Zumbi bem na cabeça. Eu me surpreendi com sua habilidade e rapidez.

Quando a sombra saiu do quarto, eu estava preparado. Apontei minha escopeta e disparei um tiro certeiro, matando um garoto que havia se transformado em Zumbi. O pastor se lamentou em silêncio por um bom tempo, claramente abalado pela morte dos Zumbis que eram da família de Chico.

Eu bem lá no fundo, estava aliviado por não ter encontrado meu filho transformado...Quando contei a ele que meu filho poderia estar perdido e por essas cidades infestadas ele me convidou para se juntar aos membros sobreviventes que se refugiavam na Igreja I.P.E., da principal praça de BJN. Ele me perguntou sobre alguma qualidade especial que eu pudesse ter, então disse que tinha noções sobre enfermagens, sabia manusear armas e muito determinante. Ele complementou dizendo que por eu ter chegado ali

e sobrevivido a tantos obstáculos perigosos eu seria extremamente importante para que todos por lá tivessem meios de se cuidarem caso fossem feridos. Eu seria o único médico entre eles e, apesar de tentar explicar que precisava seguir meu próprio caminho, o pastor insistia para que eu passasse meu conhecimento a alguns que ele indicaria.

Foi então que eu entendi que precisava de pessoas como eu para formar um grupo forte e capaz de sobreviver. O pastor estava tendo dificuldades para convencê-los da importância de se manterem vivos e lutar, e eu me sentia culpado por não ajudar. Decidi aceitar sua oferta e me juntar aos membros da igreja para ajudá-los a sobreviver.

Para quebrar o gelo, fiz uma piada sobre o pastor não carregar uma bíblia consigo. Ele então retirou uma pequena que cabia no bolso e rimos juntos. Em uma situação como aquela, era mais seguro manter a bíblia por perto. Eu estava até acreditando tendo um pouco de fé.

No andar inferior da casa, estávamos sentados em cadeiras de madeira ao redor da mesa, saboreando nossas refeições enquanto bebíamos algo. Enquanto eu olhava em volta, preocupado em como conseguiria pegar minha maleta e traje lá no quarto de cima sem chamar atenção. Ele lia em silêncio versículos da Bíblia. Enquanto isso, ele compartilhava comigo sobre os mistérios que aconteciam nas cidades há três anos atras, e como ele descobria coisas estranhas todos os dias.

Ele decidiu investigar os desaparecimentos de moradores de rua, pessoas comuns e a falta de esforço da polícia para resolver os problemas graves. Boatos se espalhavam rapidamente, e ao ouvir o relato de um amigo, ele percebeu que tudo era verdade e que experimentos secretos com pessoas estavam ocorrendo em larga escala. Para se aprofundar mais nessa questão, ele contratava amigos para vigiar os moradores de rua, fornecendo refeições e lanches durante a noite, até que ele próprio, fingindo ser um deles, testemunhou os sequestros. Ele sabia que não era apenas uma questão de limpeza das cidades. Câmeras ocultas foram instaladas em locais onde os veículos passavam, o que o ajudou a descobrir sobre um prédio próximo à ponte, na divisa entre as duas cidades BJI e BJN.

Era um prédio imponente, com fachada moderna e discreta, que escondia segredos obscuros em seu interior. O homem que se confessava sem revelar sua identidade para o grupo do pastor, semana após semana, contava histórias assustadoras sobre o laboratório secreto que se encontrava abaixo do edifício. Todos achavam impossível invadir aquele local, mas não desistiram de obter mais informações e decidiram começar pelo prédio farmacêutico.

Ao entrarem, descobriram que os remédios manipulados e vendidos por aquele laboratório não tratavam as doenças, apenas aliviavam as dores e deixavam os usuários dependentes.

Com o tempo, os efeitos colaterais adversos apareciam, e o verdadeiro problema permanecia. Os raptados eram utilizados em testes, e os habitantes das cidades consumiam remédios com fórmulas alteradas, que causavam depressão, paranoia, violência e amnésia. O índice de violência aumentava e diminuía em ciclos mensais, o que era estranhamente preocupante.

Mas a descoberta mais assustadora foi que algo estranho na água servia para mascarar exames e impedir a detecção dos compostos. A manipulação de remédios era tão lucrativa que o laboratório se tornou líder na fabricação de remédios a baixo custo, distribuindo-os para todas as farmácias da região.

O grupo do Pastor aumentou gradativamente, e eles descobriram segredos cada vez mais aterrorizantes sobre o laboratório de manipulação de remédios HAVEs., cujo nome era escancarado na fachada do prédio. Na última invasão, descobriram que centenas de Animais geneticamente modificados foram criados para serem predadores de humanos, com fome insaciável e desejo de matar. Esses Animais seriam soltos nas cidades.

No entanto, todos os membros do grupo foram mortos ou desapareceram após a última invasão, exceto o pastor que me contava as histórias. Os novos membros que restaram ajudaram-no a recomeçar tudo de novo no anonimato. Seu grupo cresceu, e todos se preparavam para o dia D, sabendo que um dia tudo aquilo iria acontecer.

Anos depois, o informante que trabalhava no laboratório simplesmente desapareceu, deixando nenhuma pista. Eu particularmente queria saber quem era esse homem e o que teria acontecido com ele.

O pastor Gelson era uma figura enigmática e intrigante. Ele me revelou a existência de um pequeno bunker em sua igreja, onde guardava informações secretas coletadas nos últimos três anos. Dentro desse abrigo estavam guardados fotos, vídeos, documentários, relatos e entrevistas com um indivíduo que sabia tudo sobre uma guerra biológica que ocorreu há alguns anos. O pastor me contou tudo em detalhes, desde as atrocidades cometidas pelos responsáveis pelo laboratório secreto até os nomes e fotos de cada um dos envolvidos. Para mim, parecia uma conspiração assustadora, mas para ele, era sua missão revelar a verdade ao mundo e combater essas forças do mal.

Fiquei surpreso com a coragem e a determinação do pastor Gelson. Ele queria encontrar mais pessoas para compartilhar suas informações, publicá-las em sites e divulgá-las às autoridades, tudo para ajudar os sobreviventes da guerra biológica e combater aqueles responsáveis por ela. Eu estava um pouco hesitante em acreditar em tudo o que ele dizia, mas sabia que algo precisava ser feito para evitar que essas atrocidades continuassem ocorrendo.

Enquanto ele me contava seus planos, eu segurava firmemente minha arma, me preparando para agir caso fosse necessário.

O pastor Gelson me surpreendeu ainda mais quando revelou que sabia onde estavam os filhos dos cientistas que trabalhavam no laboratório secreto. Ele havia descoberto que essas crianças haviam sido adotadas por famílias nas cidades, pessoas que eram aliadas dos Doutores. Eu sabia que essa era uma informação crucial, mas também sabia que precisava ser cuidadoso ao perguntar sobre o paradeiro de meu próprio filho, que havia desaparecido junto com os cientistas.

Apesar de todos os perigos envolvidos, eu concordei em me juntar ao grupo do pastor Gelson e descobrir "A verdade que irá lhe libertar", como ele costumava dizer.

De repente, em meio ao silêncio que envolvia a casa, ouviram-se passos pesados e rápidos se aproximando. Gelson, que até então estava sentado tranquilamente em sua cadeira, virou-se subitamente, seus olhos se arregalaram em surpresa e temor ao vislumbrar a figura do Animal surgindo em sua direção. Era uma criatura imponente, com uma pata erguida e garras afiadas à mostra, pronta para atacar.

Com um movimento ágil, o Animal avançou em direção a Gelson, arranhando suas costas com força e derrubando a pequena divisória de madeira que ficava atrás de sua cadeira. O impacto do ataque foi tão violento que tudo o que estava sobre a mesa caiu e se espalhou pelo chão. Assustado com a rapidez dos acontecimentos, eu ainda tentei usar a arma e acabei perdendo momentaneamente o controle, que disparou involuntariamente para cima deixando-a cair.

Felizmente, a arma estava próxima e eu conseguiu recuperá-la debaixo da mesa, onde havia caído durante o tumulto.

Com apenas dois cartuchos de bala restantes, eu sabia que precisava agir com cautela e estratégia para lidar com o Animal que nos ameaçava. Observando a situação rapidamente, os ferimentos nas costas de Gelson eram graves e que o Animal estava ávido por carne fresca. Assim, orientei o pastor a deixar sua arma de lado e se levantar lentamente, dando a entender que seria uma presa fácil, que ele ficaria ainda mais afobado e vulnerável.

O Animal, por sua vez, mostrava-se majestoso e aterrador em sua grandeza, erguendo suas patas poderosas e exibindo garras retráteis afiadas como navalhas, que mediam cerca de 30 centímetros de comprimento. O sangue escorria entre elas, indicando que havia ficado muito tempo sem usá-las.

De repente, a criatura abriu sua bocarra, revelando dentes enormes e afiados como lâminas, que poderiam dilacerar qualquer coisa em seu caminho. Mesmo com o risco de se ferir, aquele Animal não hesitou em mostrar toda a sua fúria e determinação, emitindo um rugido assustador que ecoou por toda a casa.

Mas era hora de eu agir. Com uma pontaria certeira, mirei na cabeça do Animal e atirei, acertando-a em cheio e arrancando um grande pedaço dela. O Animal caiu no chão, agonizando-se pelo chão e espalhando uma grande quantidade de sangue por todo o ambiente.

Com o perigo finalmente afastado, era hora de partir dali. A cena era chocante e assustadora, mas Gelson sabia que tinha sobrevivido a uma experiência traumática e que precisava se manter vigilante diante dos perigos que ainda poderiam surgir em seu caminho.

Eu subi as escadas rapidamente, ansioso para pegar minha maleta. Precisava também de vestir uma camisa antes de sair, mas não queria chamar a atenção do pastor. Como sempre, eu havia deixado meu traje escondido em uma bolsa com roupas aleatórias para evitar suspeitas. Sabia que se o pastor descobrisse quem eu era de verdade, minha vida corria sério risco. Enquanto caminhava pelo quarto, pensava nas possíveis consequências de revelar minha verdadeira identidade para o pastor. Decidi que era mais seguro manter minha farsa e proteger o homem ferido ao meu lado, pois sabia que ele poderia me ajudar a descobrir mais informações sobre o laboratório e seus projetos perigosos e o paradeiro do meu filho e filhos dos cientistas desaparecidos.

Eu teria que agir rápido para salvar a vida do pastor. O Animal o havia atacado e o deixado gravemente ferido.

Chegando ao seu lado, notei que ele estava pálido e em choque, com um corte profundo nas costas que sangrava copiosamente. Rapidamente, apliquei os remédios certos, incluindo Opioides para aliviar sua dor e o antídoto para o veneno do Animal. Com o único kit médico na mão, fiz os pontos necessários e apliquei curativos para evitar infecções.

Ele agora estava em minhas mãos, literalmente.

Enquanto cuidava das feridas do pastor, eu aproveitei para explicar minha situação, contando a ele apenas o necessário para mantê-lo enganado.

Ele deveria entender que eu era uma vítima das crueldades do laboratório. Eu disse a ele que tinha escapado da grande explosão junto com outros, incluindo o filho que procurava. Expliquei que muitos filhos de cientistas e médicos haviam desaparecido e que não sabíamos o que tinha acontecido com eles. Fiz-me passar por uma vítima das crueldades do laboratório, um médico que havia descoberto antídotos em uma maleta abandonada. O pastor parecia curioso sobre minha maleta, mas não fez perguntas. Ele ficou profundamente emocionado quando eu salvei sua vida e lhe curando do envenenamento. Prometi a ele mais informações assim que chegássemos na igreja.

Antes de partirmos, verificamos a bagunça na garagem. Para nossa surpresa, não havia um bunker, apenas um buraco no chão. Ficamos intrigados e decidimos seguir em frente...

Eu sabia que a jornada para chegar à igreja seria perigosa e arriscada. Sabia que enfrentaríamos situações perigosas no caminho, mas não havia alternativa. Precisávamos chegar à igreja para nos refugiar e planejar meu próximo passo, fugir das cidades com a maleta e os inibidores e meu filho ao meu lado.

Eu ainda não entendia o porquê de o senhor Chico não fazer um bunker. Por que será que tudo o que eu disse e orientei ao longo dos anos foi completamente ignorado?

Essa pergunta pairava na minha mente enquanto me preparava para enfrentar a jornada perigosa até a igreja na cidade vizinha de BJN. O antigo e destruído prédio farmacêutico H.A.V.Es estava próximo, e eu sabia que essa viagem seria cheia de riscos, mas eu precisava chegar a qualquer custo. Meu plano era refugiar-me na igreja por cerca de 10 dias. Esse prazo era crucial, pois permitiria que os Animais - a ameaça mortal que nos cercava - se espalhassem pelas cidades vizinhas, tornando mais fácil a nossa fuga pela estrada principal de BJN. A cidade de BJI, onde estávamos, não tinha uma saída, pois era rodeada por uma vasta extensão de florestas. Embora algumas estradas estivessem em construção, ainda levaria anos para serem concluídas.

Felizmente, Gelson estava disposto a nos levar em seu carro, um Escort vermelho de 4 portas. Eu sugeri que, se encontrássemos a delegacia de BJI pelo caminho, deveríamos parar para procurar munição para minha Escopeta, já que armas seriam escassas. Gelson também estava armado com um revólver, que ele me entregou para recarregar. Em seu bolso, havia um Baleiro contendo 12 balas de 38. O caminho que estávamos percorrendo ainda era menos perigoso. As ruas estavam vazias e sombrias.

Gelson se lembrou de um hotel em um bairro nobre que era conhecido por contrabandear armas.

Essa seria uma opção mais segura do que vasculhar uma delegacia. Ele mencionou que o dono do hotel era um de seus membros, que por algum motivo não conseguiu chegar à igreja. Gelson estava determinado a descobrir por que ele ainda estava por lá. Enquanto conversávamos, reparei que Gelson usava um relógio. Perguntei as horas, e ele aproveitou para informar também o dia e o ano. Era exatamente 02:40 da madrugada do dia 03 de novembro de 2019. Assim, seguimos em frente, enfrentando os perigos da noite e as incertezas de um futuro incerto.

Relato_21

O Hotel BJI

Não posso precisar quanto tempo se passou, talvez 10 ou 15 minutos, mas a viagem até o bairro nobre da cidade foi uma experiência tensa e perigosa. Enquanto seguimos pelas ruas, vários Zumbis vagavam sem rumo e se agitavam violentamente assim que o carro passava, às vezes chegando a ser atropelados. Enquanto isso, Animais pulavam muros e entravam em casas abertas, uma ameaça constante para qualquer um que estivesse em seu caminho. Infelizmente, não encontramos nenhum sobrevivente pelo caminho. À medida que nos aproximávamos do bairro nobre, a paisagem começou a mudar. As árvores e plantas pelas calçadas, muros cobertos de folhas, uma pequena praça com uma quadra esportiva, bancos e estátuas... As casas eram enormes e bonitas, com muros altos e cercas de arame, tudo isso era considerado seguro. As ruas estavam limpas e vazias, e o silêncio era quase absoluto. Era um bairro perfeito para se esconder e se proteger dos ataques dos Animais que eram a ameaça maior. Quase todas as casas que passamos tinham as janelas cobertas por madeiras, uma tentativa de manter os Animais do lado de fora. Em uma delas, pudemos ver moradores ainda pregando tábuas, como se estivessem reforçando a proteção.

Enquanto dirigíamos pela rua deserta, avistamos uma construção majestosa de quatro andares, com uma fachada em madeira que mostrava a sua antiguidade,

histórica para cidade. Um letreiro luminoso em vermelho intenso, com o nome "Hotel BJI", chamava a atenção para o edifício. Decidimos parar o carro. Eu sei não achei necessário levar a maleta comigo. Gelson poderia desconfiar se nela tinha mais inibidores, mas eu tinha dito que só era aquele mesmo que lhe apliquei sendo um milagre eu ter algo raro e único. Pode ser que me ajudou também ser algo importante enviado de DEUS para salvá-lo. Eu aproveitei que ele era um pastor e fiz essa jogada.

Estávamos em frente ao hotel, eu armado com a escopeta e ele com seu 38 robusto. Até que estávamos traídos pela beleza rústica do lugar. Ao nos aproximarmos da entrada, pudemos ver que a porta de vidro estava completamente destruída, com fragmentos espalhados por todo o chão. Manchas de sangue e objetos quebrados pela recepção indicavam que algo terrível havia acontecido ali. Apesar disso, uma televisão ainda transmitia as programações normais do estado, com o vidro trincado na tela.

Gelson, que parecia indignado, questionou sobre o ocorrido e a falta de notícias na televisão. Eu, por outro lado, fiquei calado, sem querer especular sobre o que poderia ter acontecido naquele lugar. Observando melhor o cenário, pude perceber que a mobília da recepção era antiga e requintada, com um ar de elegância que contrastava com a brutalidade da cena. O Hotel BJI, apesar de sua idade, era uma construção imponente e bem conservada.

Suas paredes de madeira exalavam um aroma adocicado e agradável, misturado ao cheiro de terra úmida que vinha de fora.

Aquele lugar tinha uma aura misteriosa e ao mesmo tempo aconchegante, o que me fez sentir curiosidade e um pouco de medo ao mesmo tempo. Sentimentos estranhos para o que vivíamos naquele momento?

De repente, um senhor de idade surgiu de trás do balcão, seu rosto enrugado e cansado revelando os traços de uma vida difícil.

Seus olhos brilhavam com uma mistura de desconfiança e medo enquanto observava a gente com cautela. Nós também estávamos paralisados, incapazes de se mover ou falar.

Gelson, no entanto, parecia conhecer o homem. Ele se aproximou do balcão e iniciou uma conversa, perguntando sobre um tal de Tirço. O senhor respondeu com voz trêmula que Tirço estava no terraço, mas logo acrescentou um aviso sombrio: o homem estava louco e armado até os dentes. Muitos hóspedes haviam sido mortos por ele ao tentarem subir por lá para escapar da invasão de Zumbis. Além disso, muitos ainda vagavam em cada andar, dificultando ainda mais a tarefa de chegar até o topo.

Nesse momento, escutamos gritos desesperados que ecoaram do lado de fora, chamando nossa atenção. O senhor correu até a janela e viu dois Zumbis caírem do alto do prédio, mas se levantarem novamente aos poucos, prontos para atacar.

Gelson propôs que eles entrassem logo no prédio e subissem até o terraço para encontrar Tirço. Ele assegurou que Tirço era um aliado e que estaria armado para ajudá-los a chegar até a igreja e protegê-la também, já que ele disse que por lá não tinham se quer armas para se defenderem de uma invasão surpresa.

Eu, hesitei diante dessa proposta arriscada, perguntando se Gelson estava certo de que poderiam confiar em Tirço e se realmente encontrariam as armas que precisavam. Gelson confirmou que sim, mas também alertou que, se tudo falhasse, precisaríamos ter um plano B. Eu não me importava com esse detalhe, apenas queria encontrar uma saída para aquela situação.

Com a tensão ainda mais elevada, nós dois se preparamos para subir as escadas, cada passo sendo tomado com cautela e atenção redobrada. O cheiro de morte e desespero pairava no ar, cada vez mais forte à medida que subiam os andares não encontrando ninguém somente vestígios de sangue, bagunças etc.

Com cuidado, pegamos os cacetetes espalhados pelo chão da recepção, armas que pareciam tão letais quanto nossos punhos. Foi quando percebemos que o senhor atrás do balcão havia desaparecido, provavelmente se escondendo por medo ou por alguma outra razão desconhecida. Gelson estava ansioso para eliminar os Zumbis que estavam do lado de fora, mas eu decidi que era melhor deixá-los ali como cães de guarda, evitando chamar a atenção de outros sobreviventes e nos pegar desprevenidos.

Eu pedi para que Gelson ativasse o alarme do veículo dele para atrair os Zumbis, enquanto subíamos as escadas do hotel. Isso também protegia nosso único meio de fuga rápido.

No primeiro andar, encontramos um corredor estreito que dava para uma varanda comprida no lado esquerdo da rua, com portas de quartos alinhadas nas laterais. Em frente a nós, Zumbis entravam e saíam de alguns quartos, mas Gelson já sabia o caminho e nos guiou por outro corredor próximo a eles.

Decidimos que só usaríamos nossas armas em último caso, e que enfrentaríamos os Zumbis com os cacetetes que encontramos. Avançamos contra os primeiros Zumbis que encontramos, seis ao todo, e eu os atingi com golpes certeiros na cabeça, enquanto chutava para afastá-los. Mas logo percebemos que nossos cacetetes não seriam suficientes, e acabei tendo que usar a última bala da minha escopeta para acabar com todos eles. Foi um tiro preciso, que os despedaçou e espalhou muito sangue pelo chão.

Passamos correndo pelos poucos Zumbis que ainda sobreviveram, deslizando sobre as poças de sangue e tentando não tropeçar nos restos mortais espalhados pelo caminho.

Enquanto subíamos as escadas, em cada porta que passávamos podia esconder um perigo mortal, mas Gelson seguia adiante com determinação. Finalmente, chegamos ao segundo andar e me surpreendi com a vista da longa varanda à nossa esquerda.

Lá embaixo, as árvores dos quintais das casas vizinhas pareciam um oásis de tranquilidade em meio ao caos que se desenrolava nas cidades.

Gelson, que já tinha experiência em lidar com os Zumbis, usou sua arma com precisão para eliminar três deles. Eu, por outro lado, tive que recorrer ao cassetete para enfrentar os outros que apareceram. Foi uma luta difícil, mas finalmente conseguimos nos livrar deles ainda vivos, jogando alguns corpos da varanda.

Mas a batalha não tinha acabado. De repente, começamos a ouvir vozes vindo dos apartamentos do segundo andar. Eram sobreviventes trancados em seus quartos, pedindo ajuda. Eu sabia que não podíamos salvá-los a todos, mas era difícil ignorar seus apelos desesperados. Eu podia sentir a angústia deles através das portas fechadas.

Foi então que Gelson teve uma ideia: encorajá-los com palavras de esperança. E assim, passamos pelas portas dos apartamentos, subindo pelas escadas e matando os Zumbis pelo caminho. Cada vez que derrubávamos um monstro, eu dizia algo para os sobreviventes, algo que pudesse dar-lhes um pouco de ânimo para continuar lutando. E a cada palavra que eu dizia, sentia meu próprio coração se encher de esperança. Era como se aquelas palavras não fossem apenas para os sobreviventes, mas para mim também.

Quando finalmente chegamos ao quarto andar, eu me sentia exausto, mas também renovado. Ainda havia muito perigo pela frente, mas eu acreditava que

podíamos enfrentá-lo juntos. O caminho estava cheio de sangue e morte, mas também de esperança e fé.

Assim que chegamos ao quarto andar do prédio, a cena diante de nós era horrível. Portas escancaradas, corpos espalhados pelo chão, poças de sangue e cápsulas de balas. Era evidente que algo terrível havia acontecido ali. Eu sentia meu estômago se revirar diante daquela cena macabra. E olha que eu achava que nada me impressionava.

Gelson estava claramente furioso e desapontado com o amigo, que havia massacrado todos aqueles inocentes. Ele me entregou um revólver e me instruiu a matar Tirço. Eu não sabia se era capaz de fazer isso, mas não havia tempo para hesitar.

À medida que andávamos pelo corredor, nossos passos eram intercalados por corpos ensanguentados, e eu tentava ao máximo evitar pisar neles. Mas era impossível não olhar para as pessoas que haviam perdido suas vidas daquela forma tão brutal.

Chegamos à última porta do corredor, que estava trancada. Gelson chamou Tirço em um tom grave e forte, mas não obteve resposta. Ele insistiu, e finalmente Tirço respondeu, com uma voz que revelava sua culpa e remorso. Ele estava atrás da porta, sabia que tinha errado e não queria enfrentar as consequências e julgamentos que o pastor iria fazer. Gelson começou a condenar Tirço com palavras duras, pedindo que ele se arrependesse de seus atos. Eu conseguia ouvir a voz de Tirço pedindo perdão, mas Gelson estando com ódio

reagiu com socos na porta. Ele queria arrombá-la, mas eu sabia que isso não era uma boa ideia. Então, ele me pediu a arma, mas eu hesitei em entregá-la. Ele insistiu com gestos e olhares aterrorizantes. Então entreguei, mas eu não queria que o pastor perdesse sua integridade e sua fé. Eu sei que ele seria importante e útil para seus fiéis na igreja. Era o que eu começava a pensar e repensar a respeito de protegê-lo de situações em que tudo poderia mudar o ser de dentro dele. Entende?

Gelson como revolver desferiu alguns tiros na porta, fazendo um buraco. Ele apontou a arma para dentro e ordenou que Tirço saísse com as mãos para cima. Quando ele finalmente saiu, vi que estava ferido e que suas roupas estavam ensanguentadas. Ele tinha tentado se matar e não conseguiu ou tinha lutado com os moradores do Hotel para sobreviver. Não sabia ao certo.

Gelson o agarrou pelo colarinho e o empurrou para a varanda. Eu dei uma olhada rápida lá dentro para que não houvesse surpresas...

Enquanto ele interrogava Tirço sobre o que havia acontecido ali. Ele contou sua versão da história, justificando seus atos de violência e dizendo que havia feito aquilo para proteger pessoas importantes que estavam contigo no hotel. Ele alegava que os moradores queriam suas armas invadindo seu quarto com violências

Gelson não aceitou aquela desculpa e o ameaçou com a arma. Eu tentei acalmar a situação e argumentei que não deveríamos matá-lo ali mesmo, que ele deveria ser

julgado de acordo com a lei. Mas Gelson não queria ouvir nada disso e ficou ainda mais furioso. Ele apontou a arma para a cabeça de Tirço e disse que ia matá-lo ali mesmo. Eu me coloquei entre os dois, tentando impedir que Gelson fizesse aquilo. Ele me empurrou para o lado e disse que eu não sabia o que estava fazendo. Foi então que eu percebi que aquela era uma situação perigosa e que eu precisava agir rapidamente. Tentei pegar a arma dele, mas ele me empurrou novamente e apertou o gatilho. O som do tiro ecoou pelo corredor e eu vi Tirço cair no chão.

Gelson se virou para mim, ainda com a arma na mão, e disse que não queria que eu me metesse em seus assuntos. Eu percebi que a situação tinha saído do controle e que eu precisava sair dali o mais rápido possível.

Ele tentou retirar a arma e o cassetete de mim, e em segundos levei uma cabeçada que me deixou tonto e ferido. Com o sangue escorrendo pelo meu rosto, eu segurei larguei todas elas e segurei de um jeito sua arma com força, mas em um momento de descuido, Gelson me empurrou da varanda.

Enquanto caía, eu sentia o vento batendo em meu rosto e pingos de chuva molhando minha pele. Meu corpo era jogado de um lado para o outro pelos galhos de uma árvore, antes de cair no chão...

Relato_22

Em cima do Muro

Eu despertei em meio a uma atmosfera escura e chuvosa, sentindo uma forte dor de cabeça que parecia latejar em meu crânio. Tudo ao meu redor parecia embaçado, mas logo percebi que estava encharcado de água suja e sentado na grama do quintal de uma casa abandonada. A dor era insuportável, e eu sentia o sangue escorrendo de vários cortes pelo meu corpo.

Olhando para o meu lado direito, avistei minha arma e cartuchos de balas, enquanto ao meu lado esquerdo estava minha maleta prateada. Como aquelas coisas foram parar ali, eu não fazia ideia. Olhei em volta de mim e vi três Zumbis mortos no chão, por conta de pancadas na cabeça. Foi então que notei pingos de sangue caindo em uma das poças de água envolta de mim. Levantei os olhos e, em meio às folhas de árvores, avistei um homem sentado em cima do muro que estava quebrado, sangrando pelo braço e aparentando ter sofrido uma mordida violenta.

O homem desceu do muro e me ajudou a me levantar, mas parecia pálido e muito abatido. Seus olhos estavam vermelhos nos cantos e ele parecia não ter dormido há dias. Ele disse que eu estava bem e seguiu calado, andando em direção à saída do quintal. Eu sabia que ele havia sido mordido e, em breve, se transformaria em um Zumbi.

No entanto, eu também sabia que ele merecia receber o inibidor, já que havia lutado e matado os Zumbis para que eu, que estava desmaiado, sobrevivesse, e ainda havia recuperado minha maleta, a qual eu jamais perdoaria se o pastor a tivesse em sua posse.

Então, rapidamente, eu comecei a mexer na maleta, tentando abri-la sem sucesso. Passei minhas mãos na camisa para retirar um pouco de lama e, mais uma vez, tentei abri-la, até que finalmente consegui. Chamei o homem de volta e, agindo com rapidez, peguei a ampola com o inibidor das espécies de Zumbis o Hz, e coloquei-a com a seringa indo correndo em sua direção para aplicá-lo antes que fosse tarde demais. Desastradamente, acabei caindo no chão, mas, felizmente, a ampola era resistente e permaneceu intacta. O homem parou e se virou para mim, atento ao que eu ia dizer: Todos os infectados poderiam ser salvos. Existia uma cura e ela estava comigo...

- Você quer ser curado? Disse a ele sem hesitar e com convicção. Ele me respondeu com calma e sem se importar…- Estarei imune a eles? - Eu respondi com tom de sarcasmo ...- Com certeza. E até poderá lutar com eles sem se preocupar com as mordidas.
- Ok. Vou aceitar essa injeção. Disse ele com toda calma…
- .. E aí, vai me dizer como se chama? **(Cientista Gene)**
- Sim, po. Sou Nádio. **(Nádio)**

- É Nádio…teve sorte de me encontrar justamente depois da mordida. **(Cientista Gene)**
- Parece que você sempre está ajudando pessoas. Tem poucas ampolas aí na maleta. **(Nádio)**
- Eu preciso muito de ajuda, cara. Preciso chegar numa Igreja lá em BJN na praça principal e poder resgatar meu filho. Ele não está imunizado como nós dois, por isso preciso encontrá-lo. Sei que ele é capaz de sobreviver por aí, mas não sei se por muito tempo. **(Cientista Gene)**
- Tudo bem posso até chegar lá, mas eu também perdi alguém por aí e quero achá-lo... Meu irmão está pelas ruas com sua amiga e acredito que ele está indo para aquela direção. Por tanto quero aproveitar a chance que você me deu para encontrá-los. Mesmo assim vamos nos ajudar para escaparmos logo destas cidades. **(Nádio)**

Nádio contou-me, em detalhes, como havia sido mordido por um Zumbi e como havia se encontrado comigo naquela noite. Ele me explicou que tudo aconteceu quando ele estava tentando escapar dos Zumbis com seu irmão e uma amiga, depois de ser mordido no braço. Eles conseguiram escapar de carro em alta velocidade, mas quando chegaram à praça de BJI, Nádio perdeu o controle do veículo batendo em um poste e cercados por Zumbis.

Ele sabia que não havia mais chance de voltar a ser um humano e, com medo de arriscar a vida do irmão, por incrível que pareça fingiu ser um Zumbi.

Seu medo era que seu irmão não pudesse suportar tais transformações se estivesse contigo então aquilo poderia dar-lhes coragem para deixá-lo e seguir em frente. Foi um risco enorme, pois sua amiga, num momento de desespero, quase o atingiu com um tiro. Seu irmão, no entanto, não permitiu que isso acontecesse e conseguiu convencer a amiga a não disparar... Aqueles dois puderam sair do carro armados passando pela praça e enfrentando Zumbis no caminho...

Nádio dizia que dirigia tranquilamente pelas ruas do bairro nobre, tentando controlar a dor e os sintomas da mordida que havia recebido. Ele tentava manter a atenção no caminho à sua frente. Foi então que avistou o hotel e percebeu nossa presença na entrada. Com o coração acelerado, ele estacionou o carro do outro lado da rua e observou-nos por um instante. Quando me avistou, achou que eu era um médico e pensou que eu poderia ser sua última esperança para obter ajuda em relação à mordida que acabara de sofrer. Nádio pressentia que se tratasse a infecção a tempo, talvez pudesse voltar ao normal, mas também sabia que o tempo estava correndo contra ele. Determinado a tentar negociar sua sentença, decidiu entrar no hotel. No caminho resolveu verificar o nosso veículo para obter mais respostas e confirmar suas suspeitas...Ele acabou achando minha maleta e sendo uma maleta prateada e tecnologia iria barganhar sua possível cura ou ajuda...

Após conversar com o senhor da recepção, ele percebeu o que estávamos buscando e o quão importante aquilo era para arriscarmos nossas vidas daquela maneira.

Quando Nádio presenciou a crueldade do pastor e a brutalidade de Tirço ao me agredirem e jogarem do alto, ele soube que precisava agir. Assim que apareceu os olhares espantados e admirados para a maleta em usas mãos, entendeu imediatamente que aquele objeto seria de grande valor. Nádio tentou negociar o que poderia estar dentro dela e então sem querer ela foi aberta...ele se maravilhou com o conteúdo vendo ampolas e seringas... Com as mãos trêmulas, ele a fechou. Muitas conversas, xingamentos e ameaças de morte para que ele entregasse. No entanto, sua ação não passou despercebida e Tirço atirou várias vezes na direção de Nádio, que se esquivou dos tiros enquanto corria. Os disparos ecoavam pelo bairro todo.

Nádio percebeu que estava sendo perseguido pelo pastor e por Tirço pela rua. Eles tentavam matá-lo a qualquer custo. As balas dos armamentos que eles usavam eram potentes e passavam raspando seu corpo, deixando-o ainda mais tenso e ofegante. Ele corria tentando escapar dos tiros e se proteger atrás de carros. Ele tentava encontrar uma saída daquela situação perigosa.

Parece que eles tinham uma AK47 e submetralhadoras. Ele mesmo não acreditou que fosse escapar sem levar nenhuma bala enquanto ia até o seu carro.

Mas, o mesmo ficou tão danificado que fumaça e fogo saiam com muita intensidade...Nádio se distanciou para despistá-los e depois a pé veio até a mim...Pela rua ele pode pegar a minha arma que estava jogada.

Assim que chegou aonde eu estava, num quintal de uma casa ao lado do hotel, ele teve que agir rapidamente para me proteger de três Zumbis, Zumbis esses que foram jogados por mim quando estava no hotel. Ele os enfrentou somente com coronhadas da arma, conseguindo matá-los sem disparar um tiro evitando de chamar atenção de outros Zumbis ou Animais.

Então por causa disso tudo, Nádio ganhou minha confiança e eu tinha decidido que se tudo desse certo, ele estaria comigo no Refúgio. Ele merecia estar aqui entre nós.

Depois de saímos do quintal daquela casa, percebemos que seria necessário caminhar até a igreja. Não estávamos longe, mas tínhamos que ter cautela e evitar obstáculos no caminho, o que poderia atrasar nossa jornada em cerca de 10 minutos. No entanto, Nádio se mostrava atento a tudo que se passava ao redor, e parava em meio aos corpos que encontrávamos pelo caminho, revirando-os para ter certeza de que seu irmão não estava entre as vítimas. Ele o amava muito e desejava enterrá-lo dignamente. Eu entendia sua dor, mas precisávamos nos concentrar em nossos objetivos.

Enquanto corríamos, procurávamos esconder para evitar tanto Zumbis quanto outros sobreviventes.

À medida que íamos caminhando em direção a ponte, eu continuava a compartilhar meus relatos com Nádio, buscando estabelecer uma relação de confiança mútua. Afinal, sabia que para enfrentar o caos que estava se instaurando, precisaríamos estar preparados e unidos. Conforme eu contava minhas experiências, sentia que ele começava a acreditar que juntos poderíamos lutar contra a guerra biológica e, quem sabe, salvar outras pessoas.

Ao chegarmos na rua que levava à ponte, uma cena aterradora se apresentou diante de nós. Corpos espalhados pelo chão, veículos batidos e virados em diversas posições, lojas saqueadas e quebradas. Zumbis por todos os lados. A ponte que levava ao outro lado estava completamente obstruída, e não havia energia elétrica em boa parte das ruas. O cenário era desolador e perturbador. Para conseguirmos passar entre os mortos-vivos, tive que entregar minha arma a Nádio e lutar com um pedaço de ferro que encontrei entre os carros. Sabia que teria que estar mais preparado do que nunca para enfrentar essa situação, e não hesitei em usar todas as minhas habilidades para proteger a mim e a meu companheiro. O primeiro Zumbi que me atacou foi atingido com força na cabeça, caindo no chão com um golpe certeiro. Logo em seguida, enfiei a barra de ferro no corpo do morto-vivo, perfurando-o completamente. Mas não tive tempo para comemorar minha vitória, pois outros Zumbis estavam se aproximando rapidamente.

Subimos em um carro abandonado para nos proteger dos ataques dos mortos-vivos. Com agilidade e determinação, demos chutes fortes na cara dos Zumbis, quebrando seus maxilares e afastando-os do nosso veículo. Alguns dos mais desesperados tentavam subir no carro para nos atacar, mas eu os acertava com a barra de ferro na cabeça, afastando-os de nós. Quando tentavam nos agarrar com as mãos, eu perfurava seus membros com a barra de ferro, deixando-os incapacitados. Nádio logo percebeu que eu evitava perfurar a cabeça dos mortos-vivos, o que o deixou curioso. Eu expliquei que, por serem corpos frescos, ainda era possível matá-los sem necessidade de perfurar seus crânios. Além disso, essa técnica exigia precisão e força, e eu preferia focar em golpes mais simples e diretos para me defender.

Com o passar do tempo, o número de Zumbis aumentava, e logo eles estavam correndo em nossa direção. Animais saíam das esquinas e lojas aumentando ainda mais nossa dificuldade. Foi quando Nádio teve a ideia de subir na sacada da loja em frente. A sacada era uma pequena laje onde o letreiro da loja costumava ser colocado. Para alcançá-la, teríamos que nos esforçar e dar um salto bem dado. Deixamos os primeiros Zumbis para trás, incapazes de nos perseguir. Os outros eram mais espertos e rápidos, chegando logo. Foi então que Nádio precisou usar a arma, matando três deles. Infelizmente, isso chamou a atenção de mais Zumbis, que começaram a correr, em nossa direção.

Os Animais também começaram a sair das esquinas e lojas, aumentando ainda mais a pressão sobre nós. Era evidente que eu precisaria agir rápido se quiséssemos sobreviver.

A sugestão de Nádio foi decisiva para nossa missão, e ela não foi nada fácil. A tarefa era subir na sacada da loja em frente, que se encontrava a uma altura considerável. Para alcançarmos a beirada, teríamos que dar um pulo certeiro e contar com a força de nossos braços para nos segurarmos, qualquer deslize poderia ser fatal.

Sem tempo a perder, eu joguei minha maleta primeiro e, tomando distância, corri por cima do carro. Com toda a minha determinação, dei um salto em direção à sacada e alcancei a beirada com minhas mãos. Foi uma sensação de alívio e conquista que me invadiu.

Nádio, por sua vez, precisou de uma ajuda minha para alcançar a sacada. Lancei lhe um suporte para que pudesse segurar e, finalmente, subir. Mas a dificuldade não terminou por aí. Durante esse esforço, seu braço aquele com a mordida começou a sangrar descontroladamente. Era hora de agir rápido.

Sem mais opções, abri minha maleta em busca de ajuda. Restando apenas linha e agulha, decidi que seria suficiente para fazer uma sutura temporária no braço dele. A ferida estava terrível, com aparência feia, inflamada e com um pedaço de carne faltando. A mordida que ele sofrera tinha sido tão brutal que eu conseguia ver seu osso exposto perto da mão.

As marcas de dentes envolta deixavam claro a dimensão da agressão que ele sofrera.

Com um pano improvisado, fiz o possível para estancar a hemorragia e evitar que ele perdesse mais sangue. Foi uma cena forte e chocante, mas tivemos que nos manter focados para cumprir nossa missão...

Relato_23

O Nevoeiro

A situação era tensa e complicada. A loja que precisávamos entrar parecia inacessível, mas com a aproximação dos Animais, tivemos que nos esconder atrás do letreiro para não sermos vistos também pelos Zumbis. Sabíamos que não poderíamos ficar ali por muito tempo, pois o faro apurado dos Animais poderia nos entregar a qualquer momento. A sorte era que os odores dos corpos espalhados pela rua camuflavam nossas presenças, assim como as de outros sobreviventes mortos que iam sendo comidos por Zumbis.

Mas tínhamos um plano para alcançar o terraço da loja e esperar os Animais passarem. Infelizmente, Nádio estava apresentando febre, o que poderia fragilizá-lo em uma situação de combate. Ele, no entanto, estava confiante de que não seria impedido por essa condição.

De repente, um carro apareceu na rua, buzinando alto e chamando a atenção de todos. Era o carro do pastor, e essa era a oportunidade perfeita para entrarmos na loja. Jogamos as armas e a maleta pela laje e subimos o mais rápido possível. Quando chegamos ao terraço, procuramos uma maneira de descer pelos fundos.

Achamos umas escadas de ferro pelos fundos e descemos até uma pequena varanda. Depois de muita insistência, conseguimos arrombar uma porta que dava acesso ao interior da loja.

Por dentro, a loja estava escura e mal iluminada. Descemos uma escada de aço encaracolada com muito cuidado e atenção, e de repente ouvimos um forte barulho de algo se quebrando. Mantendo a arma erguida, avançamos com cautela na direção do som. O único som que escutávamos eram os Zumbis batendo na porta da loja, insistindo em entrar.

Depois de passar por várias salas e uma escada de cimento, finalmente chegamos ao interior da loja de conveniências.

A situação era tensa. A loja estava em um estado caótico, com alimentos e cactos de vidro espalhados pelo chão, e os Zumbis batiam com força na porta de aço, como se quisessem entrar a qualquer custo. O interruptor próximo à parede acendeu apenas uma lâmpada, iluminando parcialmente o local. Tentamos nos mover com cuidado para não fazer mais barulho e não chamar a atenção dos Zumbis.

Enquanto estávamos lá, comendo biscoitos, chocolates e bebendo refrigerantes em lata, os gemidos dos Zumbis ecoavam do lado de fora, aumentando nosso medo ali dentro. Não era um local confortável para ficar, mas era necessário descansar um pouco e recolher algumas provisões antes de seguir viagem.

No entanto, sabíamos que não poderíamos ficar ali por muito tempo. O objetivo era chegar à Igreja e encontrar meu filho, que poderia estar preso ou em perigo nas mãos de um pastor que parecia estar fora de si. Seria uma jornada difícil e perigosa, mas não havia alternativa.

Com a ajuda de Nádio, eu estava disposto a invadir a igreja e enfrentar o pastor maluco, se necessário. Era uma atitude arriscada, mas para um pai desesperado, não havia escolha a não ser tentar.

Eu e Nádio saímos do terraço, com o coração na boca, e nos posicionamos na rua para garantir que a área estava livre de Zumbis. A chuva forte e implacável criou uma neblina densa que cobria as ruas além da ponte, tornando difícil ver à distância. Com passos cautelosos, descemos pelo mesmo caminho que subimos. Usamos os carros como abrigo quando os Zumbis se aproximavam demais.

De repente, um Zumbi agarrou Nádio com seus dedos sujos de sangue e carne podre. Eu não podia deixar que o meu companheiro de batalha fosse devorado vivo. Instintivamente, eu pedi que Nádio largasse sua arma e usasse suas mãos para se defender das mordidas do Zumbi. Com golpes violentos da coronha da arma, eu feria gravemente o Zumbi, quebrando seus dentes, afundando seu nariz e desfigurando sua face. Mas mesmo assim, o Zumbi não largava Nádio, e os dois se debatiam em uma luta desesperada.

Eu sabia que Nádio precisava encontrar uma maneira de se livrar do Zumbi, e com um grito de raiva, ele perdeu a paciência e começou a desferir socos no rosto dele. O Zumbi, agora ainda mais debilitado, finalmente largou Nádio, dedos podres acabaram caindo e ele estava fácil agora para ser morto. Mas isso não foi o suficiente para acalmar a fúria de meu amigo.

Com a cabeça do Zumbi em suas mãos, Nádio começou a batê-la com força contra o capô de um carro, enquanto sangue jorrava em todas as direções, tingindo suas roupas de vermelho.

O Zumbi foi finalmente deixado no chão, ainda vivo, o que era incrível considerando a gravidade dos ferimentos. Mas eu sabia que não podíamos ficar parados por muito tempo, pois outros se aproximavam.

Com um movimento rápido, eu acertei dois deles com a minha maleta, golpeando suas cabeças com força até arrancar dentes e pedaços de carne putrefata. A cena era macabra, mas eu sabia que era a única maneira de sobrevivermos neste mundo apocalíptico, onde a morte caminhava entre nós.

De repente, um alvoroço chamou nossa atenção. Cinco ou seis pessoas saíram de um prédio à nossa frente, desesperadas, e entraram às pressas em uma van. O barulho do motor acelerado e os gritos deles ecoavam pela rua. Percebemos que outras pessoas se aproximavam das janelas e sacadas dos prédios ao redor, curiosas para ver o que estava acontecendo. Pela primeira vez eu até fiquei feliz por ter tanta gente viva e segura.

A van, forçando a passagem entre os veículos que obstruíam a ponte, seguiu em alta velocidade. Por vezes, a van subia sobre os veículos, em outras era obrigada a se espremer ao lado, chegando a quase quebrar o muro de proteção da ponte.

Apesar de ter um caminho livre, mas apertado, a ideia de alcançar o destino o mais rápido possível não deu certo. De repente, a van tombou, obrigando seus passageiros a saírem às pressas antes que o fogo se espalhasse. Ficamos apreensivos, observando de longe enquanto as pessoas eram ajudadas, algumas feridas.

Finalmente, depois de alguns momentos tensos, o grupo conseguiu se reorganizar e seguir em frente em direção à cidade BJN. A neblina já estava intensa, mas isso não impediu o grupo de avançar, enfrentando o desconhecido e a incerteza que ainda pairava no ar.

A gente precisava também chegar lá, e já estávamos mais perto.

Enquanto caminhávamos pela ponte, nossos olhos se depararam com um cenário apocalíptico. Corpos e membros espalhados para todos os lados, alguns irreconhecíveis, outros ainda agonizantes. Aquele era o principal caminho para se passar, mas se tornou um verdadeiro banquete para Zumbis e Animais famintos. Os gemidos perturbadores ainda ecoavam pelos arredores, aumentando a tensão em nossos corpos e há quaisquer momentos eles estaria por ali para se alimentarem.

Nádio, preocupado em encontrar seu irmão entre os corpos, pediu cobertura enquanto vasculhava cuidadosamente a área. Eu por minha vez, observava atentamente tudo ao redor, tentando identificar qualquer movimento suspeito. O cheiro da morte impregnava o ar e a vista dos corpos boiando no rio,

só aumentava a sensação de desespero.

Finalmente, chegamos na cidade BJN, mas não havia tempo para comemorações. Enquanto caminhávamos pela rua da esquerda, ouvimos gritos desesperados de uma mulher e logo em seguida de outras pessoas pedindo ajuda. As vozes se misturavam com os gemidos dos Zumbis, criando um ambiente de caos e desespero. Eu tinha uma ideia vaga de eram aqueles sobreviventes da van em apuros.

Nádio, sempre pronto para a ação, preparou a arma e ao verificá-la e engatilhá-la me comunicou que estava quase sem munições...Então teríamos que continuar a usá-la em último caso.

Quando eu vi um vulto se aproximando. Eu, no entanto, pedi que ele aguardasse até ter certeza de que se tratava de um Zumbi. A nossa única opção era avançar com cautela para não matar um sobrevivente sem querer... Ele não estava mais próximo de mim, mas ainda dava para vê-lo meio embaçado...

Nós éramos guiados pela voz e depois achamos mais fácil sair do meio da rua e encostar em algum dos muros das calçadas. Foi então que alguém passou correndo, esbarrando em mim e aumentando ainda mais o caos ao nosso redor.

Depois de ouvir um tiro repentino disparado por Nádio, o som ensurdecedor da escopeta ecoou em meus ouvidos por alguns segundos. Sem pensar duas vezes, andei em direção a ele com as mãos estendidas, chamando-o em busca de resposta.

No entanto, o silêncio que se seguiu era perturbador.

Por um instante, pensei que pudesse ter acontecido algo de ruim.

Então, ouvi os barulhos das pancadas da arma e percebi que Nádio estava tentando se livrar de algo, talvez de um Zumbi. O que me deixou ainda mais intrigado foi o fato de não o escutar mais depois daquele momento. Parecia que ele estava tão perto, mas ao mesmo tempo tão distante.

Enquanto tentava entender o que estava acontecendo, uma mulher com ferimentos no rosto e bastante sangue em sua roupa agarrou-me. Desesperada, ela puxou minha camisa e chorava pedindo ajuda, implorando para que eu a levasse o mais longe possível dali. Em um primeiro momento, fiquei paralisado, sem saber como reagir diante daquela situação.

Nesse momento, a arma foi jogada próxima de mim. A mulher viu e, mais rápida do que eu, pegou-a e atirou numa direção específica. Minha primeira reação foi de preocupação com o fato de ela ter acertado Nádio, o que me deixou furioso.

Sem pensar, tirei a arma de suas mãos e comecei a ameaçá-la, apontando a arma em sua direção. Eu estava muito nervoso e não sabia se chegaria a atirar, mas só queria que ela se afastasse de mim. A mulher, pasma e assustada, olhava-me fixamente, sem saber como reagir diante daquela situação. Foi somente depois que eu a toquei que percebi os ferimentos em seus braços e as mordidas e hematomas em seu rosto.

Era evidente que ela também havia sido atacada por Zumbis. Com isso em mente, ergui a arma e apontei-a para longe dela, pedindo que se afastasse. Ainda atônita, ela balançou a cabeça e foi embora.

No entanto, ainda naquele momento, fui surpreendido por um Zumbi que me agarrou com suas mãos, tentando morder-me. Foi uma luta difícil para me livrar dele, mas consegui afastá-lo com um chute bem dado. Após esse episódio, peguei minha maleta e apressei ainda mais meus passos, sem saber o que me esperava pela frente.

A neblina densa e maldita parecia não ter fim, deixando-me cada vez mais impaciente. Decidi seguir em frente sozinho, deixando para trás qualquer companhia que pudesse me atrapalhar. Contudo, meus passos foram interrompidos pelo som de passos apressados que vinham em minha direção. Com a escopeta em mãos, fiquei alerta, pronto para atirar em qualquer ameaça que se apresentasse. Então, ouvi um rugido que fez meu coração acelerar e meus dedos quase apertaram com força o gatilho da arma.

Mantive-me agachado, pronto para qualquer eventualidade, mas logo percebi que o Animal que rugiu não era uma ameaça para mim. Ao contrário, era uma criatura surpreendentemente tranquila, que se alimentava dos restos de dois sobreviventes que jaziam no chão ao lado de uma ambulância. Sem pensar duas vezes, me aproximei da cena macabra, enfrentando o Animal de frente.

Fiquei frente a frente com a criatura que havia criado, admirando-a em segredo, apesar de saber que esse sentimento não tinha lugar em um mundo tão cruel. O Animal não mostrava nenhum sinal de agressão, como se soubesse que atacar-me seria sua sentença de morte. Era como se ele soubesse que, mesmo em um ambiente tão hostil, sua sobrevivência não dependia apenas de sua força física, mas também de sua astúcia e habilidade para evitar confrontos desnecessários.

Porém, sabendo que eu não poderia permitir que aquele Animal continuasse vivo, engatilhei minha arma e, com um único tiro, despedacei sua cabeça, espalhando seus miolos pelo chão. O corpo do Animal caiu sobre a ambulância, tingindo-a com o sangue que jorrava de sua ferida aberta. Seus pneus laterais foram estourados e os vidros da porta e da janelinha ao lado foram quebrados pelo impacto.

Enquanto eu ainda processava o que acabara de acontecer, um carro surgiu em alta velocidade, atropelando o corpo do Animal e jogando-o para a esquina. Reconheci o veículo como sendo o carro do pastor, aquele Escort vermelho que ele usava para se locomover pela cidade. Desviei para a calçada, evitando ser atropelado pelo carro desgovernado, e segui correndo em direção à Praça de BJN.

Ao chegar à praça, vi a imponente Igreja de Preparação Espiritual ao fundo, protegida por grades que pareciam oferecer alguma segurança contra as ameaças que rondavam o local.

Mas ao meu redor, uma legião de Zumbis vagava sem rumo, esperando por sua próxima vítima. Eu segui em frente, decidido a enfrentar o que viesse pela frente, sabendo que não poderia me dar ao luxo de vacilar em um mundo tão hostil e perigoso.

Relato_24

Os Filhos perdidos

Gelson dirigia o carro em alta velocidade, desesperado para fugir dos Zumbis que se aglomeravam ao redor do veículo. Ao seu lado, um homem estendia a mão e atirava sem piedade com uma submetralhadora, afastando os mortos-vivos com seus disparos. Ele gritava com voz rouca, ordenando que eu entrasse no carro. Ainda que desconfiado, resolvi aceitar a carona, ciente de que minha situação era desesperadora e que precisava encontrar meu filho o quanto antes.

Já dentro do carro, Gelson me pedia desculpas pelo comportamento impulsivo e me garantia que tudo ficaria bem assim que estivéssemos dentro da igreja. O homem sentado ao seu lado no banco da frente era Tirço, um sujeito sombrio que carregava consigo uma bolsa repleta de armas letais. Era evidente que eu não podia confiar em ninguém naquele mundo pós-apocalíptico. Também tentava olhá-lo de cima e para baixo querendo encontrar as tais feridas do tiro dado contra ele, e estranhamente nem sintomas de dor ou desconforto eu via nos seus movimentos.

Durante cerca de cinco minutos, tentamos contornar a praça para escapar dos Zumbis, mas eles pareciam estar sempre um passo à frente de nós. Eram rápidos e implacáveis, e a cada momento novos mortos-vivos surgiam dos lugares mais improváveis. Foi então que decidimos abandonar o carro e correr a pé até a igreja,

munidos de nossas armas letais e de toda a coragem que ainda restava em nós. Foi dado a mim mais cartuchos para a escopeta e assim poderia ser eficaz junto com eles.

Ao chegar à praça, começamos a atirar em todos os Zumbis que encontrávamos pelo caminho. Passávamos entre bancos, chafarizes, estátuas e árvores, tentando escapar da horda de mortos-vivos que nos perseguia. Foi preciso muita habilidade e coragem para matar os Zumbis mais fáceis e diminuir um pouco seu número. Porém, sabíamos que não podíamos gastar todas as nossas balas, já que tínhamos um longo caminho pela frente.

O pior de tudo era que não sabíamos se os Zumbis eram os únicos inimigos que enfrentaríamos naquela noite. Os Animais também podiam aparecer a qualquer momento, aumentando ainda mais nossa agonia e desespero. Porém, por sorte, eles não apareceram durante a nossa fuga barulhenta.

Depois de cerca de cinco minutos de intensa luta pela sobrevivência, finalmente chegamos ao portão de grades do pátio da igreja. Gelson usou a chave para abrir o cadeado sobre as correntes e da fechadura, permitindo que entrássemos no local. Não deu tempo de trancar o portão com cadeado, mas ele foi fechado com as correntes e força. Logo em seguida, batemos nas portas da igreja e, em segundos, dois rapazes abriram-nos. Mal sabia que minha luta pela sobrevivência estava apenas começando...

Ao adentrar na igreja, a escuridão envolvia tudo, criando sombras e dando a impressão de que algo ou alguém podia surgir a qualquer momento. As únicas fontes de luz eram as velas acesas em alguns altares, criando uma atmosfera macabra. O chão de madeira rangia a cada passo e as paredes cobertas de musgo e teias de aranha faziam o local parecer abandonado há anos.

Ao observar os frequentadores, era impossível não sentir uma sensação de estranheza. Seus rostos mostravam cansaço e medo, como se tivessem vivido uma eternidade fugindo dos Zumbis. Alguns seguravam armas com mãos trêmulas, prontos para usar caso algo desse errado.

A decoração da igreja também era inquietante. Bancos velhos e empoeirados pareciam prestes a se desfazer a qualquer momento. Roupas penduradas em fios criavam sombras esquisitas pelo salão. A sujeira espalhada pelo chão e pelos cantos dava a impressão de que a higiene não era uma prioridade para aqueles sobreviventes.

Enquanto caminhavam em direção ao altar, pôde-se notar que serviam um banquete para todos. Além disso, por trás de uma grande cortina estendida, havia um corredor com diversas portas que causavam um arrepio na espinha só de imaginar o que poderia estar escondido atrás delas.

O grande pedestal com a bíblia aberta parecia ser o único objeto bem cuidado naquela igreja antiga.

As janelas de madeira estavam fechadas e cobertas por cortinas, impedindo a entrada de luz e o olhar curioso de quem estivesse do lado de fora. Era impossível não sentir um ar de mistério e tensão em cada canto daquele lugar.

Enquanto eu tentava me enturmar na igreja, o clima ficava cada vez mais sinistro. As sombras da baixa iluminação me deixam inquieto e atento

Pessoas me abordavam em murmúrios, com perguntas carregadas de desespero e desconfiança, como se eu fosse a única esperança deles em um mundo caótico. A sensação era como estar em um filme de suspense, onde todos escondem segredos e a trama é imprevisível.

Quando Gelson tentou acalmar as coisas, a situação piorou. Em vez de apaziguar, a presença dele pareceu apenas exacerbar o medo e a agressividade das pessoas. Algumas delas pareciam à beira do desespero, como se já tivessem perdido a esperança e estivessem apenas esperando pela morte.... Foi então que percebi que eles sabiam quem eu era, que eu era um cientista. Eu não tinha ideia de como eles poderiam saber, mas era como se tivessem me julgado e condenado antes mesmo de eu abrir a boca. Comecei a me sentir como um estranho em um mundo hostil, e a ideia de que eles poderiam tentar me matar era cada vez mais real.

Tirço, o líder do grupo, parecia especialmente agressivo e decidido a fazer algo. Ele distribuiu armas para os seus seguidores, e as pessoas começaram a apontá-las para mim.

Eu não sabia o que fazer, e minha única reação foi me proteger. Puxei a minha arma e apontei para Gelson, exigindo explicações. O clima ficou ainda mais tenso, e eu sabia que a qualquer momento a situação poderia sair do controle. Eu estava disposto a matar Tirço e todos os seus seguidores, se fosse preciso, mas a ideia de morrer ali mesmo também era real. O medo me dominava, e eu sentia que estava prestes a explodir.

Foi então que Gelson interveio, tentando acalmar os ânimos e explicar a situação. Ele explicou que eu era um médico, não um inimigo, e que estava ali para ajudar. As mulheres pareciam concordar com ele, e algumas delas ameaçaram ir embora se a situação não fosse resolvida e parassem com tantas mentiras sendo contadas.

Finalmente, depois de minutos de tensão, Tirço cedeu e concordou que todos deveriam abaixar as armas. Eu hesitei por um momento, mas finalmente também abaixei a minha. Gelson pegou todas as armas e as guardou na bolsa, que ficou no altar, à vista de todos. Era uma espécie de compromisso, um sinal de que todos estavam dispostos a tentar conviver pacificamente. Depois de um tempo, ainda sentindo a apreensão e nervosismo, eu me vi diante da mesa, repleta de alimentos que analisando de perto tinha algo bom que eu conseguir pegar e comer.

A mesa era de vidro, e parecia flutuar acima do altar da igreja. O grupo que me acolheu estava se acostumando com a minha presença ali, o que me deixava mais confortável e sempre desconfiado.

Porém, em pouco tempo, Gelson me chamou para entrar no bunker. Eu o segui, e ao passar pelas cortinas do altar, fui surpreendido por uma porta de aço, que parecia ter sido forçada a fechar. Isso me deixou intrigado, mas a curiosidade falou mais alto e eu continuei a andar para dentro do bunker.

O primeiro cômodo que entramos era como uma sala de estar muito grande, com sofás e cadeiras dispostos em um ambiente acolhedor. Mas o que mais chamou minha atenção foram as duas geladeiras, bem cheias de alimentos enlatados e frutas até frescas. Isso me deixou aliviado, pois me deu a certeza de que havia suprimentos suficientes para sobrevivermos ali por um bom tempo, se eu não fosse morto antes, né.

Mas foi na sala de comunicações que eu realmente fiquei impressionado.

Gelson me explicou que a sala de comunicações era o coração de toda a operação deles. Eles tinham descoberto a existência dos Laboratórios H.A.V.Es e estavam investigando-os por anos, reunindo informações e planejando sua abordagem. Ele me mostrou as evidências que eles tinham coletado, incluindo documentos, fotografias e relatórios de testemunhas. Gelson me mostrou um mapa com a localização de todos os Laboratórios H.A.V.Es.

Eles haviam descoberto que os laboratórios estavam espalhados por todo o país, incluindo aquele prédio localizado próximo à igreja e da ponte onde eu, meu filho e amigo Patrick trabalhávamos.

Ele me mostrou as fotos e desenhos do laboratório secreto e explicou que eles estavam planejando uma invasão para obter mais informações sobre as atividades dos laboratórios e, se possível, destruí-los. Mesmo o prédio estando destruído há se de encontrar coisas valiosas e informações.

Gelson também me explicou que a energia da igreja era gerada por um gerador e que ele estava fraco. Eles precisavam urgentemente de uma fonte de energia alternativa para manter suas operações. Ele me pediu para ajudá-lo a encontrar uma solução para isso.

Fiquei impressionado com a organização e planejamento dos membros da igreja. Eles eram extremamente dedicados à sua causa e estavam dispostos a arriscar tudo para alcançá-la. O pastor e sua equipe haviam reunido uma quantidade incrível de informações sobre os Laboratórios H.A.V.Es, incluindo pesquisas e descobertas impressas em folhas, fotos com desenhos dos laboratórios secretos. Eram tantas informações, conversas que eu me desconcentrava ao tentar procurar os dois prédios secretos que ninguém tinha a localização de onde foi construído.

A sala de comunicações era como um grande escritório, com computadores, celulares e rádios amadores. Havia também imagens de câmeras de segurança dentro da igreja fora e aos redores chegando até a ponte que separa as cidades. O que me deixou com a sensação de estar sendo monitorado o tempo todo e isso, seria um obstáculo difícil caso eu fique por muito tempo

sem respostas do paradeiro de meu filho e os filhos dos cientistas.

Dois rapazes estavam sentados em cadeiras, fazendo o monitoramento das imagens ao vivo da ponte e ruas próximas. Era como se estivessem vigilantes, atentos a qualquer movimento suspeito na área. Tendo visto tudo isso me fazia pensar em como eles conseguiam manter em segredo e ter dinheiro para tudo aquilo.

Naquele momento, uma notícia alarmante foi dada por Gelson: uma horda de Zumbis se amontoava no portão e nas ruas ao redor da praça. Os monstros mortos-vivos se multiplicavam em número, vindo de diferentes direções, cercando a igreja e seus arredores. A tensão no bunker só aumentava, e Gelson insistia em mostrar a gravação do momento em que avistaram um Animal rondando a área.

Enquanto eu examinava os quadros com as informações, percebia a dimensão do estrago que a nossa luta poderia causar. Cada membro da Aliança tinha sua foto e nome identificados, em um verdadeiro mural da infâmia. Eu também tentava procurar fotos minhas, de Patrick, meu filho e minhas querias irmãs...

Em outro quadro, fotos da fachada do prédio farmacêutico daquela cidade e alguns de outras.

Agora eu pude finalmente ter tempo e ver todas as localizações exatas dos 27 laboratórios H.A.V.Es também estava claramente identificada, e meu coração gelou quando descobri os dois segredos mais bem guardados durante os últimos seis anos, os Laboratórios H026 e o

H027, estavam na lista. Não conseguia acreditar que tinham essa informação, e sentia uma urgência ainda maior em descobrir o que eles planejavam fazer com ela.

Para mim, era evidente que tínhamos em mãos informações cruciais que poderiam impedir que a ameaça se espalhasse para outras cidades. Afinal, sabíamos que existiam 27 laboratórios H.A.V.Es espalhados por todo o país, o que indicava que esse era um plano em grande escala, com consequências que poderiam ser catastróficas. Mas essa consciência também trazia um sentimento de angústia, pois sabíamos que estávamos sendo perseguidos e considerados cúmplices dos Doutores, vilões da história e você sendo condenado por pessoas que queriam fazer justiça com as próprias mãos era de se preocupar e ficar vigiando 24 horas por dia.

Com atenção redobrada, percebi que existiam duas informações valiosas que eu ainda não tinha em minhas mãos: a localização do antídoto para o experimento genético que havia criado e a pista sobre o destino de outras experiências similares que haviam sido conduzidas por colegas em seres vivos.

Enquanto recordava meu passado como cientista, lembrei-me do perigoso projeto Genético que tinha abandonado por não querer usá-lo em humanos. Entretanto, sabia que meus colegas tinham continuado a trabalhar na pesquisa e que mais da metade dos experimentos haviam sido mapeados geneticamente.

Agora, com essas informações em mãos, eu poderia finalmente procurar os vestígios do antídoto e do experimento secreto. Fui tomado por um sentimento de urgência, sabendo que a vida de muitas pessoas dependia disso.

No entanto, a situação era extremamente delicada. Os Anciões precisavam ser alertados sobre o que estava acontecendo e deveriam enviar rapidamente os soldados do Refúgio para destruir todas as informações relacionadas ao projeto. Caso contrário, os Doutores enviariam os AFORTLHES para recuperar os dados e, consequentemente, todos os sobreviventes seriam caçados e mortos, simples assim.

Com a memória afetada pelos efeitos colaterais, não possuía mais documentos que me ajudassem na busca pelas informações. Só me restava agir rápido e torcer para que os Anciões tomassem a decisão certa. A vida de muitos inocentes dependia disso. E você que está nos observando entenda que meu relato é verdadeiro e não poderá ser acrescentado ou tirado nada.

Gelson me encarou com uma mistura de suspeita e cautela quando eu hesitei em confirmar minha identidade, mas ele já sabia muito sobre mim.

Fiquei mesmo, impressionado com a quantidade de informações que ele havia conseguido, algumas das quais apenas os médicos e psicólogos envolvidos no caso tinham acesso, como meu nome completo e sobrenome. Fiquei curioso e me perguntei como ele havia conseguido acessar informações tão confidenciais?

Ele apontou sua arma para mim, exigindo que eu entregasse a maleta, mas minha mente estava focada em uma única coisa: encontrar meu filho. Eu tentei argumentar com ele, usando palavras da Bíblia para apelar ao seu senso de compaixão e humanidade, e ele finalmente cedeu. Ele chamou Tirço, seu cúmplice armado, pelo walkie-talkie e pediu para que ele nos acompanhasse.

Eu não estava armado, mas minha determinação e coragem eram minhas armas naquele momento. Eu sabia que estava arriscando minha vida, mas nada poderia me impedir de encontrar meu filho. Gelson liderou o caminho, com Tirço seguindo atrás de mim. Eu me mantive alerta, avaliando cada movimento e cada oportunidade para lutar caso a situação se tornasse perigosa.

Quando finalmente chegamos à porta do quarto onde meu filho estava mantido, Gelson a abriu com um som de ferro arranhando contra a madeira. O quarto era pequeno e parecia ter sido improvisado, com colchões no chão e pouca iluminação. Eu pude ver, em um canto, meu filho, que estava com uma aparência abatida, mas aparentemente saudável. Ele estava entre os filhos dos outros cientistas que haviam sido sequestrados, e meu coração se encheu de emoção ao vê-lo. E também saber que aqueles garotos nada sofreram.

Eu experimentei uma mistura de emoções: alívio por finalmente encontrá-lo, raiva pelo fato de que ele havia sido mantido em cativeiro por tanto tempo, e tristeza

por tudo o que ele havia passado. Agora, a prioridade era tirá-lo dali e garantir sua segurança, mas eu sabia que a batalha não havia terminado. Era importante tomar as medidas necessárias para garantir que meu filho e todas as outras vítimas recebessem o apoio emocional e psicológico que precisavam para se recuperar do trauma. E aqueles garotos precisam mesmo pois nem com minha presença e dito um oi, para eles, ninguém se comovia ou respondia.

Um acordo havia sido firmado entre nós, mas as coisas não saíram como o planejado. Gelson, havia prometido uma cura ou, pelo menos, alguma esperança para os seus seguidores, membros daquela igreja. Todos sabiam quem eu era e depositavam suas esperanças nele e no Tirço.

No entanto, quando abri a maleta que continha o antídoto, percebi que algo estava errado. Para minha surpresa, havia apenas um frasco para cada espécie, o que significava que eu havia perdido outros dois frascos pelo caminho. Foi então que percebi que alguém havia roubado de mim. E não havia dúvidas de que a pessoa em questão era Nádio.

Ele havia descoberto que a maleta se abria com qualquer digital e, ao passar as mãos por cima dela, havia pegado vários frascos sem que eu percebesse. No entanto, o que ele não sabia é que o antídoto só poderia ser utilizado em combinação com uma seringa especial. Sem ela, o líquido seria inútil e Nádio teria roubado somente as ampolas.

Fiquei desapontado por ter desperdiçado algo tão valioso, mas ainda havia um problema maior para enfrentar: Gelson queria os dois inibidores que ainda estavam em minha posse. Eu sabia que, se ele usasse tudo, não haveria mais nada que pudéssemos fazer para ajudar a imunizar meu filho.

Foi então que lhe expliquei que aquelas duas cidades estavam sendo usadas como experimento para que os poderosos pudessem ver o quão efetivo o gás era. Havia um plano de redução populacional sendo implementado pela Nova Ordem e, se não tomássemos cuidado, os mais fracos seriam os primeiros a serem dizimados.

Expliquei que éramos cobaias, e que os poderosos estavam usando nossas vidas como se fôssemos descartáveis. Se Gelson usasse os inibidores de uma só vez, seria como se entregássemos as armas aos nossos inimigos e não teriam mais esperanças a humanidade.

Eu quase consegui convencer Gelson abdicar dos antídotos quando Tirço, seu aliado ganancioso, pegou a maleta e tentou fugir para se tornar o único dono dos preciosos antídotos. Sua traição o tornou instantaneamente desonrado perante a todos.

De repente, Gelson sacou um revólver e disparou um tiro certeiro na cabeça de Tirço, matando-o instantaneamente. O som do tiro foi ensurdecedor, deixando um enorme buraco na cabeça de Tirço, com pedaços de miolo cerebral espalhados pelas paredes e sangue jorrando pelo chão do corredor.

Fiquei surpreso com o comportamento de Gelson, um pastor. Sua atitude cruel e impiedosa me fez questionar se, naquele mundo pós-apocalíptico, a bondade e a empatia eram características raras e difíceis de encontrar. A partir desse momento, percebi que seria necessário tomar cuidado com todos aqueles que me rodeavam.

Infelizmente, a única esperança de sobrevivência estava agora nas minhas mãos, mas Gelson não estava disposto a negociar. Tentei enganá-lo dando-lhe a ampola AN, mas quando ele encontrou outra com o nome "Hz", deduziu que ela era a cura para se evitar as transformações em Zumbis e se recusou a ceder.

Relato_25

Motim na Igreja I. P.E.

Gelson, com sua voz calma e firme, me alertou sobre a aproximação dos homens armados, que estavam obcecados por encontrar uma cura a qualquer custo. Enquanto isso, ele ia guardando em seu paletó a ampola e seringa para o inibidor Hz. Eu tinha na maleta ainda um antidoto para o veneno dos Animais, AN. Meu filho não estava imunizado a nenhuma das ameaças. Em algum momento eu iria conversar a respeito.

Em minhas mãos a submetralhadora que Tirço carregava consigo, sentindo seu peso e sua ameaça em meu poder. Meu filho Gean, apreensivo e assustado, se mantinha ao meu lado, tentando compreender a situação.

Os outros jovens que estavam conosco, apesar de terem uma certa amizade, não estavam nada tranquilos. Eram jovens confinados por horas, dias, talvez semanas, em um espaço escuro e apertado. Eu sabia que precisava agir rápido, convencendo-os da importância de permanecerem juntos para sobreviverem até chegarmos ao Refúgio. Uma palavra errada, uma atitude equivocada, e a situação poderia fugir do controle completamente.

No entanto, alguns dos jovens não se convenceram e saíram correndo, desesperados para escapar daquele bunker ameaçador. Foi então que os homens armados, aliados do pastor, começaram a atirar.

Aqueles que tentaram fugir, caíram no chão, atingidos pelos tiros. Os poucos que ainda conseguiam se mover, abriram a porta de entrada e saíram cambaleando, mesmo feridos e sangrando.

Enquanto isso, do lado de fora, os Zumbis se aglomeravam em frente ao portão, que tremia e balançava, como se prestes a ceder a qualquer momento. As mulheres e crianças se escondiam, chorando e gritando de medo ao verem as criaturas famintas lá fora, prontas para devorá-los. O pânico tomava conta do lugar, enquanto eu me via em uma situação desesperadora, sem saber como escapar com vida dali.

Enquanto a noite definitivamente era tomada pelas infestações de Zumbis e Animais, o grupo de sobreviventes se apressava em recolher seus pertences e preparar sua fuga daquela Igreja que um dia fora seu refúgio. O medo e a incerteza do futuro os aguardavam lá fora.

Com a confusão instaurada e o sumiço do pastor Gelson, os sobreviventes se viram sozinhos e perdidos, sem um líder para guiá-los naquela grande tribulação que enfrentavam. Gelson havia sido a voz de comando para eles, um líder que inspirava respeito e até mesmo um certo fanatismo, como era possível perceber naquele cenário construído para adorá-lo naquela Igreja.

Mas agora, sem ele, a única opção era arriscar tudo e fugir daquele lugar que se tornara uma armadilha mortal.

Eles sabiam que as ruas estavam tomadas por Zumbis famintos e Animais selvagens, mas não havia mais nada a fazer a não ser tentar sobreviver.

Com as bolsas cheias de mantimentos e roupas, o grupo finalmente saiu da Igreja, adentrando a madrugada que definitivamente pertencia aos mortos-vivos e Animais ferozes. o grupo seguiu em frente, sem saber o que o destino lhes reservava.

Ao adentrar o bunker, percebi que meu filho estava ao meu lado, aparentemente bem, mas visivelmente ansioso e desejoso de ajudar na batalha contra os aliados de Gelson. No entanto, eu sabia que, naquele momento, seu papel era o de ser protegido, não o de lutar ao meu lado. Os aliados eram conhecidos por sua insanidade, ameaçando-nos com as atrocidades que cometeriam se entrassem no bunker. Meu filho, que há anos era treinado por mim e trabalhava no laboratório secreto, havia sido alertado sobre os perigos iminentes que Zumbis e Animais representavam para a humanidade. Ele assistia a vídeos dos experimentos, incluindo os que mostravam as vítimas sendo caçadas pelos Animais, a fim de se acostumar e aprender a sobreviver. Mas aquilo que acontecia nem eu estava tão preparado assim. Mas como adulto e experiente eu deveria fazer melhor e sem medo.

Eu sabia que era assustador saber que a humanidade enfrentaria algo tão terrível. Mas era importante que meu filho entendesse que as informações contidas naquela sala eram cruciais para nossa sobrevivência.

No entanto, os governantes não poderiam ter acesso ao inibidor das espécies, algo que detínhamos o direito e controle. Eles certamente tentariam se imunizar e deixar o restante da população padecer, ou até mesmo mentir sobre a existência de uma vacina. Eu sabia disso porque os doutores faziam parte da seita que tinha a maioria dos membros no governo. Eu precisava orientar meu filho naquela hora e prepará-lo caso não volte.

Pedi a meu filho que ficasse com a maleta e que esperasse no quarto, com as orientações, deveria também aplicar o inibidor AN e fechar a porta. Gean não aceitou bem a minha decisão, mas era essencial orientá-lo para que os poucos garotos que estava contigo também criassem coragem para sobreviver mais tempo.

Com a submetralhadora em mãos, atirei com uma rajada de balas na porta de saída para me aproximar rapidamente e me defender dos tiros incessantes. Encontrei o primeiro camarada e não hesitei em matá-lo. Encostado atrás da porta, tive que esperar um pouco, pois atiravam sem parar. A boa notícia era que a porta de aço do bunker segurava as balas com facilidade. As palavras ameaçadoras e desmotivadoras dos inimigos não me intimidavam. Eu avancei com rapidez e habilidade, utilizando os bancos da igreja como proteção. Nessa movimentação repentina, acertei outro dos aliados, deixando-o gravemente ferido. Seus gritos de dor ecoaram pelos cantos da igreja, fazendo com que os demais inimigos recuassem, desesperados para recarregar suas armas e resistir à ofensiva.

Um deles, que segurava a bolsa para distribuição das armas, estava sem proteção e aparentava grande desespero.

Enquanto os tiros ecoavam ao meu redor, eu me mantive alerta, aguardando o momento perfeito para agir. Com a arma em mãos, alternando entre o modo de tiro único, eu consegui acertar aquele camarada com a bolsa de armas com precisão, mesmo em meio à confusão.

No entanto, quando a munição acabou, fui forçado a lutar corpo a corpo com os agressores que se aproximavam. O primeiro, que já havia sido atingido pelo impacto da minha arma no rosto, agora sangrava profusamente do nariz quebrado.

Enquanto isso, o segundo inimigo investia contra mim, desferindo socos que me deixavam tonto. Caído no chão, me levantei rapidamente e agarrei sua camisa, jogando-o no chão com força.

Com um golpe de punho e um chute nas pernas, eu consegui imobilizar o terceiro adversário, que por sua estrutura magra e alta, acabou se desequilibrando e batendo a cabeça no chão com força, desmaiando.

Mas a luta não parava por aí. Eu continuava a ser atacado enquanto revidava com todas as minhas forças. Sentia a dor em meu rosto e nas mãos, mas não desistia.

Quando finalmente percebi que não conseguiria mais proteger a bolsa de armas, corri para os fundos...

Ao passar pela porta principal da igreja, me deparei com uma multidão em pânico tentando desesperadamente escapar dos Zumbis.

O som dos gritos das mulheres e crianças era ensurdecedor, enquanto o caos se instalava ao meu redor. Vi o portão cair à minha frente, e uma horda de Zumbis entrou no local, espalhando terror e desespero por toda a parte.

A cena era macabra e perturbadora. As pessoas tentavam lutar para se livrar dos Zumbis, mas eles eram implacáveis em seus ataques ferozes e brutais. Eram Zumbis do tipo gás, tornando tudo ainda mais assustador.

Até mesmo os filhos dos cientistas que estavam no bunker se juntaram aos sobreviventes na tentativa de escapar do pesadelo, mas não conseguiram evitar a violência dos Zumbis que os cercavam.

Em meio àquele caos, percebi a importância de agir rapidamente e tomar decisões corretas para garantir a sobrevivência.

Assim que meus olhos avistaram meu filho, um sentimento de alívio tomou conta de mim, mesmo sabendo que ele tinha me desobedecido em não ficar escondido. Chamei-o rapidamente e puxei-o para perto de mim, enquanto buscávamos uma maneira de sair da igreja o mais rápido possível. Nas mãos dele a maleta que deveria ser protegida... Nossos corações batiam acelerados e a respiração ofegante era uma consequência da tensão vivida até então.

Olhei para trás, e o cenário era aterrador. Os tiros cessaram e o som de gritos, lamentos e desespero era a trilha sonora daquele ambiente caótico. Vi os Zumbis se aproximando cada vez mais, com um ar faminto e sedento por carne humana. Era impossível pensar em um final feliz para aqueles que ficaram para trás.

Ainda abalados, corremos para a lateral da igreja, buscando uma rota alternativa de fuga. Olhando pelas grades de proteção do muro, pude ver as criaturas grotescas tentando nos agarrar, com seus membros putrefatos esticados pelas gretas. A sensação de medo me paralisava, mas eu precisava manter a calma e encontrar uma saída.

Foi então que nos deparamos com uma cena desesperadora: quatro homens tentando fechar o portão enquanto eram atacados pelos Zumbis. Suas expressões de dor e desespero eram de cortar o coração, mas eles não desistiam da luta. Era um sacrifício nobre, e nós torcíamos para que conseguissem fechar o portão a tempo.

O som de lutas e gritos vindos de dentro da igreja era assustador e arrepiante. Ouvíamos os gemidos dos Zumbis, misturados com os gritos de dor e desespero das pessoas que tentavam sobreviver. Decidimos que a única opção era esperar e torcer para que o portão fosse fechado o mais rápido possível, pois era nossa única saída e entrada. Naquele momento eu me sentia impotente e não queria de maneira nenhuma colocar meu filho em perigo e pertos daqueles tais Zumbis.

Os três homens suavam e tremiam enquanto tentavam levantar um dos lados do portão de aço. O metal era pesado e resistente, e mesmo com toda a força que eles tinham, não conseguiam erguê-lo completamente. A cada tentativa, o portão rangia, e eles sentiam a pressão dos Zumbis que se aproximavam cada vez mais.

Foi quando os primeiros Zumbis entraram. Com suas mandíbulas ensanguentadas e olhos opacos, eles avançaram sobre os homens, mordendo e arrancando pedaços de carne com suas presas afiadas. Os homens gritaram, se espernearam e lutaram com todas as suas forças, mas a dor era insuportável. Os dedos que seguravam o portão ficaram presos nas gretas de metal, e os Zumbis os arrancavam sem piedade.

Enquanto isso, um dos homens se desesperou e desistiu. Com as mãos mutiladas, ele correu gritando de dor em direção às portas da igreja que fora fechada no momento exato que o fracasso de fechar o local estava claro suficiente...Ele batia com suas mãos implorando para ser aberta e por um socorro. Os outros três olhavam com desespero enquanto o homem se afastava, deixando-os sozinhos para segurar o portão e enfrentar o ataque dos Zumbis.

Foi nesse momento que duas mulheres e um homem se aproximaram. Eles olharam para a cena com horror, mas logo se uniram aos outros três para tentar fechar o portão. Juntos, eles conseguiram erguer a última parte e amarrar as juntas com cordas e as correntes para que ficasse firmemente fechado.

Mas a luta ainda não tinha acabado. Tinha poucos Zumbis no pátio, e os três homens estavam gravemente feridos. Sem alternativa, eles decidiram se sacrificar lutando até a morte do lado de fora para evitar que mais Zumbis forçassem o portão. Os que estavam por ali deveriam ser enfrentados como restante.

A dor e a angústia desses camaradas foram expressas em voz alta, em um tom de choro e ódio. Eles tinham filhos e filhas, esposas e irmãos lá dentro da igreja, e estavam dispostos a dar suas vidas para protegê-los. O camarada que antes batia na porta escutou isso e se arrependeu de sua covardia. Ele se juntou aos outros para ajudá-los a fechar o portão e enfrentar os Zumbis que já estavam no pátio.

A luta foi intensa e sangrenta. Os homens usaram tudo o que tinham à disposição para tentar se proteger, mas os Zumbis eram muitos e estavam famintos. Infelizmente, dois dos homens foram devorados por mais de 15 Zumbis, enquanto os outros finalmente mataram os que estavam no pátio...

Depois eu e meu filho aparecemos e nada mais justo participamos de um minuto de silêncio para homenagear os que se sacrificaram para proteger aqueles que amavam e consequentemente a todos que estavam dentro da igreja...

Relato_26

Os Dois Aís.

A atmosfera ainda era densa e tensa, repleta de medo e incerteza. Enquanto tentávamos entrar na igreja, a porta antiga de madeira maciça parecia resistir com uma força sobrenatural aos nossos esforços. Mesmo depois de bater e forçar a entrada com toda a nossa força, não houve resposta. Os gritos e confusões vindos do interior da igreja apenas aumentavam nossa preocupação de que eles por lá estavam enfrentando Zumbis, ou quem sabe alguém que se transformou.

Lá dentro, a situação parecia cada vez mais desesperadora. Ouvíamos finalmente o som inquietante dos Zumbis, que pareciam estar em maior número do que os sobreviventes. Era a resposta que não esperávamos, mas era sim imaginada por todos.

As duas mulheres ao meu lado se preocuparam em ajudar os dois rapazes feridos e com pedaços da camisa rasgavam para ajudá-los que tinham ferimentos profundos, o sangue escorrendo em abundância, deixando-os debilitados e aflitos. Era um cenário de horror, onde as feridas deixavam sequelas permanentes.

Enquanto isso, eu tentava encontrar uma forma de avisar as mulheres sobre a entrada pela janela, que poderia ser uma saída. Mas a comunicação era difícil, já que não podia falar diretamente com todos lá dentro.

Agora infelizmente eu precisava fazer algo por lá rapidamente em questão de minutos.

O tempo era um fator crucial, já que aqueles camaradas transformariam em questão de minutos. E pelo jeito deles eu sabia que não iriam aceitar a ideia de serem mortos antes de se transformarem em Zumbis e atacar a todos nós.

O ambiente estava hostil e perigoso, somado à luta pela sobrevivência, criava uma sensação de pavor e tensão entre aqueles sobreviventes que pareciam estar aumentando a cada segundo. A igreja, que costumava ser um refúgio seguro, agora se transformara em um cenário de morte e desespero e suas esperanças foram destruídas arrancadas sem remoço.

Eu decidi ter uma conversa privada com meu filho para orientá-lo em como agir e enfrentar as situações perigosas que estávamos enfrentando. Era importante que eu entendesse seu nível de medo e coragem para ajudá-lo a ser mais eficaz em suas ações. Após isso, precisei escolher qual das duas mulheres tinha um forte instinto de sobrevivência, já que precisava convencê-las a manterem aqueles caras ao lado delas.

Não foi uma decisão fácil, pois o tempo estava se esgotando e não tínhamos um relógio para nos ajudar a medir. Mas, surpreendentemente, consegui convencê-las, deixando a decisão final nas mãos delas. Infelizmente, tudo isso foi em vão, pois os caras acabaram criando uma confusão, xingando e ameaçando matar o meu filho... Desesperado, comecei a defender-me com minha maleta, acertando pancadas nos agressores enquanto meu filho para logo me ajudar,

recolhia pedras do chão e jogava neles. Embora estivessem fracos devido à infecção, eles continuavam a avançar em nossa direção e até mesmo tentaram pegar minha maleta, achando que eu possuía o antídoto que poderia salvá-los.

Eu continuei lutando com tudo o que tinha, acertando golpes em seus corpos. Infelizmente, não pude detê-los quando eles começaram a se transformar em Zumbis e atacaram as duas mulheres que estavam próximas. Foi tão rápido, não iria adiantar nada se eu conseguisse socorrê-las, já estavam contaminadas.

Pelo menos um pequeno alívio vindo de dentro da igreja já me satisfez. O som dos tiros ecoava, indicando que alguém estava reagindo contra os Zumbis. Restariam sobreviventes ainda e pelas vozes que pude escutar doces e finas, eram de crianças pedindo ajuda para Deus.

De repente, um som estrondoso se fez ouvir na praça, e os Zumbis ao nosso redor ficaram agitados e começaram a se movimentar com mais intensidade. Foi quando vimos o helicóptero de Patrick surgir no horizonte, voando baixo e criando um rastro de ruído ensurdecedor atrás de si. Era uma cena espetacular, digna de um filme de ação.

Gritamos e acenamos freneticamente para chamar a atenção de Patrick, que parecia estar nos procurando. Com o barulho do helicóptero e os Zumbis se aproximando cada vez mais em frente do portão, ficamos preocupados em como sair daquela situação, porém, Patrick parecia ter tudo sob controle.

O helicóptero se aproximou da praça e voou até a metade do espaço, antes de acelerar rapidamente em nossa direção. A hélice girava freneticamente, cortando os Zumbis que se aproximavam com uma facilidade impressionante. O barulho das lâminas cortando o ar e os corpos dos Zumbis ecoava pela praça, enquanto os corpos mutilados se acumulavam mais e mais no chão.

Quando o helicóptero chegou ao portão da igreja, a hélice raspou no muro e no portão, provocando um show de faíscas e chamas que iluminou a noite escura. Por um instante, pensei que o helicóptero fosse se acidentar, mas Patrick conseguiu controlá-lo com habilidade e rapidez, evitando um desastre.

Já não se via mais Zumbis em grande parte da praça e bem na nossa frente, depois do portão da igreja um enorme caminho de sangue e corpos de várias espécies e tamanho mutilados. Incrivelmente assustador.

Com o caminho livre, pudemos finalmente abrir o portão e escapar daquela área infestada de Zumbis. Mas antes de partirmos, fizemos questão de trancar o portão novamente, colocando um cadeado nas correntes para evitar que os Zumbis invadissem novamente.

Foi uma experiência angustiante e emocionante, e só conseguimos escapar graças à habilidade de Patrick como piloto. A partir dali, sabíamos que precisávamos estar mais preparados para enfrentar decisões difíceis e as ameaças que encontrássemos em nosso caminho...

Por onde andávamos, a cena era desoladora. Era impossível evitar passar por cima dos corpos que se amontoavam pelo caminho, alguns por serem da espécie do gás, estavam mais fáceis de serem pisoteados e quebrar seus crânios...Eles se decompõem mais rápido e exalando um odor nauseante que fazia a gente querer vomitar. O medo era constante, como se a qualquer momento um deles pudesse se levantar e nos atacar.

O pior era saber que meu filho não estava imunizado para a contaminação dos Zumbis e do veneno dos Animais. A responsabilidade de protegê-lo me pesava como uma âncora, mas eu sabia que precisava ser forte e agir com precisão. Aliás, assim que estarmos em segurança no helicóptero com Patrick esse inibidor será de grande importância e valia.

Finalmente, o helicóptero chegou, descendo com destreza para evitar qualquer contato com os Zumbis. Era um alívio ver aquele veículo poderoso e seguro, que seria nossa salvação em meio àquele cenário de destruição.

Meu filho foi o primeiro a se dirigir à aeronave, mas antes de entrar, se virou para me entregar a maleta. Foi nesse momento que senti uma dor excruciante na perna esquerda. Olhei para baixo e vi o sangue escorrendo, o que me fez perceber que tinha levado um tiro.

A dor era insuportável, como se uma faca quente estivesse sendo fincada na minha coxa. A bala havia varado a carne e atingido a outra perna, bem no osso na lateral do joelho.

Eu me senti tonto, mas sabia que precisava agir rápido para pegar novamente a maleta.

Foi uma decisão arriscada, pois agora eu escutava os sons dos tiros vindo em minha direção e tentando também acertar a aeronave. Mesmo com a dor intensa, eu sabia que não podia perdê-la. E assim, com muito esforço, consegui.

Os dois membros de Gelson, conhecidos por sua brutalidade, surgiram sorrateiramente, ambos armados com pistolas, além do infame camarada do nariz quebrado que agora empunhava minha preciosa Escopeta. Eles começaram a disparar freneticamente em nossa direção, ameaçando não só nossas vidas, mas também a integridade do helicóptero.

O piloto Patrick, estava ciente de que a aeronave poderia sofrer sérios danos se continuássemos a ser alvos do fogo inimigo. Ele teve que se afastar, mas antes de partir, jogou-me um walkie-talkie e uma pistola .40, que eu agarrei com toda a força. Pelo menos com ele estava meu filho muito mais seguro e longe de tudo.

Eu corri com dificuldade pela praça, com as balas zumbindo ao meu redor, e me abriguei atrás de uma caçamba de lixo, tentando avaliar a situação. Eu sabia que precisava agir rápido, pois minha vida é que estava em perigo. Observando meus inimigos, percebi que um deles usava pequenos obstáculos para se proteger, enquanto o outro se escondia atrás do chafariz. Meu instinto de sobrevivência gritava para revidar e eu comecei disparar com a pistola dada por Patrick.

Depois de um confronto tenso, um dos agressores se escondeu atrás do chafariz, enquanto o outro usava mais obstáculos em sua vantagem. Aproveitei a oportunidade e liguei o walkie-talkie, pedindo ajuda a Patrick. Ele me informou que pousaria em um prédio próximo para me ajudar. Eu precisava encontrar uma forma de me proteger e cuidar do ferimento causado pela bala que havia me atingido. Foi então que tive tempo para pressionar o ferimento na minha coxa.

Zumbis se aproximando. Instintivamente, percebi que poderia usar o cinto que estava na cintura da calça de um deles para fazer um torniquete e estancar o sangramento. Aproveitando a distração causada pelos tiros daqueles camaradas, atirei e matei esses Zumbis rapidamente, usando o corpo de um deles como escudo enquanto me arrastava por trás de um banheiro químico.

Com cautela, cobri o ferimento com um pedaço de camisa e fiz um torniquete improvisado com a couraça do cinto. Embora a dor fosse intensa, consegui amenizá-la com o último opioide que restava na minha maleta. Sabia que precisava me manter alerta e preparado para qualquer eventualidade.

Foi então que fui surpreendido por mais dois Zumbis, mas graças a algumas garrafas que estavam jogadas por ali, consegui me defender dos ataques.

Em um momento de desespero, segurei um deles com as mãos e usei um pedaço da garrafa para cortá-lo e fincá-lo na cabeça para matá-lo de vez.

Enquanto tentava me afastar do outro, percebi que não poderia gastar mais balas ou ficar atirando contra os membros de Gelson que me caçavam. Era uma situação complicada e perigosa, mas eu sabia que precisava encontrar uma forma de escapar dali.

Finalmente, os problemas dos caras com os Zumbis se tornaram uma oportunidade para eu escapar. Quando vi um Animal se aproximando enquanto atravessava uma pequena estrutura coberta por um telhado, percebi que tinha que agir rápido. Com apenas 8 balas no pente da minha pistola, decidi tentar correr, já que a dor não me afetava mais. Meu plano era passar pelos caras, atraindo o Animal para eles, o que eu sabia que funcionaria, pois o Animal, ao ver duas vítimas, provavelmente desistiria de me perseguir.

No entanto, assim que fiz isso, os caras ficaram furiosos e começaram a correr atrás de mim. Em seu desespero, um deles pegou a arma de doze e o outro deixou as outras caírem. Corri para a rua ao lado esquerdo da praça, escapando.

Enquanto corria, olhei para trás e vi o Animal pegar o primeiro cara com a arma, usando suas garras da pata esquerda para cortar seu corpo. Embora ele não tenha sido decapitado, o homem sangrava muito, gritando e não se movendo mais. Ele já estava morto.

O segundo cara, sem nenhuma arma para se defender, não conseguiu retornar à igreja e, próximo ao portão, foi pego pelo Animal.

O Animal rosnava ameaçadoramente, e eu podia ver sua saliva escorrendo pelos dentes afiados. Com uma só bocada, o Animal arrancou sua cabeça e a mastigou, com o sangue escorrendo entre seus dentes grandes...Foi uma cena aterrorizante, mas eu sabia que tinha que continuar correndo e me manter vivo a todo custo.

Com os olhos arregalados e a respiração ofegante, eu continuei correndo sem olhar para trás. Depois de ter testemunhado as cenas violentas na igreja e em todo o lugar que eu passei, eu não conseguia me livrar da sensação de medo e perigo iminente.

O pátio da igreja, antes um lugar de paz e tranquilidade, agora estava manchado com respingos de sangue e destroços. Gelson, com suas roupas ensanguentadas e ferimentos aparentes, tinha aparecido no portão da igreja, desferindo um ataque desesperado contra o Animal que ameaçava a todos. Com suas mãos trêmulas, ele tinha descarregado todas as balas de sua arma e depois entrando novamente para dentro. Vendo aquilo de longe era uma confirmação de que ele e o restante de seus membros sobreviveram..., mas por ter mandado seus aliados me caçarem, eu comecei a ter empatia de sua pessoa.

Enquanto caminhava próximo a rodoviária, sentia um cheiro forte de urina e fezes queimadas. Era difícil suportar aquele odor repugnante que se misturava com o aroma dos cactos de vidro das garrafas de cervejas quebradas...

Os corredores por lá estavam desertos e o som de meus passos ecoavam e paredes sujas de sangue seco e grafites obscenos, tornavam um local totalmente vandalizado. Aquele terminal rodoviário abandonado parecia ter sido atingido por uma tempestade, com lixo espalhado por todo lugar e objetos aleatórios. A paisagem era desoladora, repleta de sinais de abandono e negligência...Bom eu precisava de um lugar para cuidar de meus ferimentos e descansar um pouco. E por lá eu arrisquei mesmo assim.

As lojas abandonadas pareciam ter sido invadidas por uma multidão desesperada em busca de alimentos e mantimentos. As prateleiras estavam vazias e o que restava era apenas uma pilha de caixas e papéis amassados no chão. Algumas vitrines foram quebradas e as mercadorias espalhadas pelo chão.

Quando finalmente cheguei nas lojas próximas, via as portas quebradas, os produtos desordenados e espalhados pelo chão, as prateleiras vazias - tudo isso testemunhava a ganância e a desesperança que tomavam conta da população em meio à crise. As poucas opções de alimentos disponíveis pareciam ter sido deixadas de lado pelos saqueadores, talvez por serem menos valiosas.

Foi nesse momento que percebi que, em tempos difíceis, a empatia e a solidariedade são mais importantes do que nunca. Ajudar uns aos outros e trabalhar juntos para superar as adversidades é o caminho para um futuro melhor.

Eu estava exausto e com fome, mas não podia baixar minha guarda. Eu olhei ao redor, em busca de qualquer loja que pudesse ter um kit de primeiros socorros. Mas o deserto em que me encontrava parecia ter sugado toda a vida e tudo o que restava eram as ruínas das lojas abandonadas. Ainda assim, decidi vasculhar as lojas, uma por uma, na esperança de encontrar pelo menos alguns itens úteis.

A primeira loja estava completamente destruída, com vidros quebrados espalhados pelo chão e prateleiras vazias. Na segunda loja, encontrei uma pequena caixa de primeiros socorros, mas ela estava vazia. Frustrado, continuei minha busca, andando e olhando ao lado as ruas desertas, com os olhos atentos para qualquer sinal de vida.

Finalmente, na sétima loja, encontrei alguns objetos avulsos que poderiam me ajudar. Havia uma garrafa de álcool em um barzinho, um rolo de esparadrapo, uma tesoura e uma agulha com linha de costura. Eu sabia que não era o kit completo de primeiros socorros, mas era melhor do que nada.

Encontrei um lugar mais apropriado ali dentro do terminal para realizar o procedimento e comecei a tratar meus ferimentos. A bala estava quase superficial e não foi difícil removê-la, mas precisei tomar cuidado para evitar infecções. Desinfetei a tesoura e a área em torno dos ferimentos com o álcool e comecei a costurá-los cuidadosamente. Depois, apliquei o esparadrapo para proteger os pontos.

Enquanto eu terminava de tratar meus ferimentos, ouvi um barulho estranho. Olhei para cima e vi um helicóptero voando baixo, sobrevoando a área. Meu coração disparou quando percebi que era o helicóptero de Patrick. Eu precisava entrar em contato com ele, mas o walkie-talkie só permitia comunicação em curta distância. Foi então que vi outros dois helicópteros surgindo no horizonte. Reconheci-os imediatamente como os mesmos que estavam na ponte, quando o gás se espalhou. Eram os doutores procurando alguma coisa.

De repente, percebi que algo estava errado. Os doutores e seus Agentes AFORTLHES haviam encontrado Patrick sobrevoando. Eu tentei me comunicar com ele pelo walkie-talkie, mas sem sucesso. Eu precisava encontrar outra maneira de entrar em contato. Foi então que me lembrei do rádio comunicativo que estava dentro do bunker da Igreja. Não tinha outra escolha a não ser voltar para lá o mais rápido possível.

De repente, sem aviso prévio, fui surpreendido por um dos aliados de Gelson, que surgiu correndo em minha direção, atirando sem piedade. As balas zuniam pelo ar, acertando a maleta em minhas mãos e as paredes ao redor, criando pequenas explosões de poeira e estilhaços. Por um instante, fiquei sem saber o que fazer, mas minha adrenalina logo tomou conta e agi por instinto. Rapidamente, voltei correndo e pulei por cima do balcão de uma lojinha de conveniência do Terminal Rodoviário...

As marcas das balas ficaram impressas na maleta e nas paredes ao redor, mas nada foi danificado. O camarada continuou correndo e atirando em minha direção, e eu sabia que precisava agir rápido para me manter vivo.

Foi então que avistei um Animal vindo em minha direção a toda velocidade. Aquele cara me pagou com a mesma moeda ao atraí-lo para me pegar. Descarreguei toda a munição da minha pistola, acertando poucas balas no Animal que não foram suficientes para matá-lo ou detê-lo, mas pelo menos consegui deixá-lo mais lento. Mesmo assim, ele pulou com suas garras para fora, tentando me ferir, mas eu consegui escapar entrando em meio às prateleiras que iam sendo derrubadas. Corri pelo corredor central, com o coração acelerado e a respiração ofegante.

Apesar de minha experiência e de conhecer vários truques para escapar, estava nervoso e com medo de morrer, dadas as dificuldades que estava enfrentando. Foi então que uma ideia surgiu em minha mente. Voltei correndo para aquela pequena mercearia onde tinha encontrado a maioria dos medicamentos e peguei alguns vidros de perfume, jogando-os pelo chão enquanto o Animal entrava na loja e tentava me atacar com suas garras e pulos. Felizmente, consegui ser mais rápido e escapar pelos fundos, tentando fechar a porta, mas sem sucesso. Mesmo assim, continuei com meu plano e dei a volta, entrando novamente no mesmo local, mas desta vez fiquei agachado e escondido, bem quietinho, onde os perfumes haviam sido derramados.

Minha presença foi mascarada, e o Animal, confuso com o cheiro forte, acabou saindo dali e não apareceu mais.

Eu sabia que era apenas uma questão de tempo até poder voltar para aquela igreja, mas antes disso, precisava avaliar minha situação e garantir que meus ferimentos principalmente na perna estavam bem para uma possível correria até lá...

Relato_27

Um último Aí.

Para conseguir entrar novamente na Igreja, tive que colocar em prática minha habilidade em escalada e pular as grades pontudas que a cercavam. A sensação de metal cortando minha pele era desconfortável, mas eu estava determinado a chegar ao interior da igreja a todo custo. Depois de alguns minutos, consegui entrar pela janela que já estava aberta, aproveitando a oportunidade para entrar silenciosamente. Mas, para meu espanto, me deparei com uma cena chocante. O pastor Gelson estava de pé no altar, com sua verdadeira bíblia em mãos. Os corpos das pessoas mortas estavam espalhados pelos bancos e corredores, criando uma atmosfera macabra que me deixou com o coração apertado. Mesmo com a sensação de náusea que me invadia, continuei caminhando em direção ao pastor. Conforme eu me aproximava, Gelson percebeu minha presença e seus olhos se voltaram para mim. Não havia mais motivos para desejarmos vingança um contra o outro, afinal, ele já havia perdido tantas pessoas. E ele sabia disso. Não precisei dizer nada para expressar minha tristeza.

O pastor estava abalado e sua voz era autoritária enquanto ele perguntava o motivo da minha volta. Ele até mesmo chegou a dizer que não entregaria o antidoto, que estava guardado em um local que eu nuca iria abrir...

Eu não entendia o que ele queria dizer com isso, mas percebi que suas palavras eram carregadas de uma dor profunda.

Enquanto tentava convencer Gelson a me ajudar, um vulto apareceu pela janela. A escuridão dificultava a identificação do recém-chegado, mas logo percebemos que era Nádio, carregando uma mochila nas costas e uma Escopeta nas mãos.

Não sabia se Nádio estava disposto a atirar em Gelson, então decidi me precaver e explicar tudo o que havia acontecido. Contei a ele sobre a desobediência e o pecado que resultaram naquela tragédia, mostrando-lhe as consequências de nossos atos...Houve silencio de todos e então pedi que me autorizasse a usar o rádio do Bunker...Gelson então foi na frente e Nádio nos acompanhou.

Nós três nos apressamos em direção ao bunker, desviando dos corpos que jaziam pelo caminho. As cortinas rangiam quando as empurrávamos, criando um ar pesado e sombrio ao nosso redor.

Atravessamos o labirinto daquele corredor repleto de sangue por todos os lados, alguns corpos eram levados para fora por dois membros de Gelson criando rastros de sangue. Eles eram os mesmo que estavam na sala de comunicações. Por lá, eu logo fui ao rádio sintonizar, apertei botões, sincronizei os canais de acordo com as frequências do Walk take, torcendo para que Patrick pudesse ouvir minha voz...Depois de um momento com chiadeiras e inquietações, uma voz finalmente responde

"Patrick, é você?" Perguntei, segurando minha respiração.

"Sim, é o Patrick. Graças a Deus vocês estão bem." A voz dele soou fraca e rouca.

Patrick nos contou sobre sua fuga da perseguição dos doutores, e a aterrissagem forçada que deixou sua aeronave danificada. Ele e meu filho tiveram que lutar contra os AFORTLHES, armados até os dentes, e pareciam ter se saído bem, apesar dos riscos.

Mas o que ele nos disse a seguir me deixou gelado. A verdadeira data do Dia D estava marcada para acontecer em breve, às 07:00 da manhã. Todos os 26 laboratórios farmacêuticos H.A.V.Es com passagens no subsolo para acesso aos secretos laboratórios de pesquisas seriam responsáveis pelo grande vazamento do gás HELLARCs na atmosfera, provocando uma guerra biológica que traria caos e medo não só no país e sim ao mundo inteiro. A Nova Ordem estava se iniciando, e ninguém estava mais a salvo. Era o começo do fim, e eu sabia que precisávamos agir rápido se quiséssemos ter alguma chance de sobreviver. Eu tinha noção que algo grande iria acontecer, mas por tudo que fiz até aquele momento pelas provações, pelas chances claras que tive para ser morto e devorado, jamais estaria preparado para ouvir aquilo e sentia meu coração disparar, tentando assimilar as palavras de Patrick. Mas antes que pudéssemos tomar qualquer decisão, a transmissão foi abruptamente encerrada, deixando-nos no escuro, perplexos e cheio de dúvidas.

O pastor Gelson escutou cada palavra dita mesmo ainda com ruídos da transmissão e entendeu a grave situação. Lembro-me que ele dizia:

“Aì daquela nação. Daqueles pobres coitados que serão pegos de surpresas em um piscar de olhos todos serão abalados para sempre” ...

Em um instante de fúria, Nádio apontou a arma para nós dois e atirou primeiro no pastor, mas por sorte, errou o tiro. Com rapidez, consegui contê-lo e desarmá-lo. Foi então que Gelson confessou algo que seria crucial para entender toda a situação.

Gelson tinha conseguido interceptar tudo o que eu havia relatado no site sobre o laboratório H.A.V.Es responsável pela guerra biológica que estava ocorrendo em diversos lugares. Ele estava obcecado em ser o primeiro a denunciar e, com isso, acabou impedindo que as informações fossem publicadas e divulgadas para que o mundo pudesse se precaver. Tudo estava impresso juntamente com todas as suas investigações, incluindo as localizações e nomes dos responsáveis. Se tivesse sido divulgado antes, talvez a tragédia pudesse ter sido evitada.

Gelson se sentiu ainda mais culpado por ter contribuído para que as informações não fossem divulgadas e isso o perturbou profundamente.

Eu me perguntei quem teria ajudado Gelson a interceptar e manipular o relato, mas nunca saberia. Apesar de tudo, pelo menos tive acesso a todas as páginas do relato e suas investigações.

O conteúdo era riquíssimo em detalhes, contendo fotos e desenhos das estruturas dos laboratórios, totalizando cerca de 500 páginas. Por ali fomos recolhendo e escolhendo informações importantes para se levadas. Fotos, descrições, mapas, tudo foi recolhido e colocado em duas pastas. Com o objetivo de levar o documento para as pessoas certas, decidimos que o único confiável e capaz de sobreviver era Nádio. Ele havia encontrado outros sobreviventes e tinha motivos maiores para se manter vivo, além de estar imunizado. No entanto, orientei-o sobre os 10 dias de quarentena que deveria cumprir antes de deixar a cidade. Ainda havia muito o que fazer para mudar o rumo dos acontecimentos, mas tínhamos esperança de que todos aqueles documentos pudessem fazer a diferença nas mãos das autoridades competentes.

Após explicar tudo sobre o inibidor das espécies e entregar a seringa correta para ser juntada e aplicada, Nádio finalmente havia se confessado e estava com as duas amostras. Foi então que decidi que era hora de contar a ele todos os detalhes sobre o inibidor e entregar-lhe a seringa correta para que pudesse se juntar a nós na luta contra a ameaça das criaturas.

Nádio estava claramente satisfeito com as amostras, mas eu sabia que precisávamos ser cuidadosos com elas e que elas só teriam valor se fossem usadas da maneira certa. Por isso, decidi ficar com a minha própria maleta e ficar somente com o inibidor AN para aplicá-lo em Gean meu filho, assim que tivesse a chance.

Nádio ficou também ciente que o pastor tinha um inibidor das espécies de Zumbi e que eu concordei em deixá-lo com ele mesmo passando por tudo. Sei que ele não estava totalmente satisfeito com minha decisão, mas eu sabia que precisava ser cauteloso e responsável com esse importante tarefa de encontrar uma cura segura para a ameaça que enfrentávamos.

Eu sabia que precisava de garantias e, por isso, optei por ter três chances de receber as amostras. Nádio e Gelson sabiam a localização do prédio do Refúgio de cientistas podendo entregá-las a qualquer momento, o que me permitiu ter alguma paz de espírito ao saber que havia uma opção caso algo acontecesse algo de ruim comigo.

"Este relato será fundamental para que eu seja absolvido e possa ter de volta a confiança das pessoas ao meu redor. Eu também espero poder ajudar com outras tarefas importantes por aqui."

Para garantir que pudesse me comunicar com Patrick, decidi levar o Rádio Comunicativo de Gelson e ainda o convidei para se juntar a nós e tentar escapar daquelas cidades juntos. Eu ainda me lembro nitidamente daquele momento em que perguntei as horas para ele. Era exatamente 05h20min da madrugada. Depois disso, ele se recusou a nos acompanhar e pediu para que fôssemos embora imediatamente. Foi quando, juntamente com Nádio, escapamos da igreja pela janela e seguimos para o outro lado do muro, onde havia uma saída no muro arrebentado pelo veículo dele, uma Picape.

Para minha surpresa, ele me entregou sua Escopeta e munições, apesar de ainda possuir outras armas e ter mais duas pessoas no seu carro, um homem e uma mulher.

Naquele momento, eu sabia que precisava continuar lutando pela minha sobrevivência. Decidi buscar um local para descansar e refletir sobre tudo o que tinha vivido até então. Era importante pensar em uma estratégia para sair da cidade antes das 07 horas, para evitar o bloqueio das estradas pelos exércitos.

Com a Escopeta em mãos, eu me sentia preparado para enfrentar qualquer desafio que pudesse surgir no caminho. Ainda tinha muita esperança de conseguir entrar em contato novamente com Patrick e encontrar uma forma de aplicar logo o inibidor AN, desta vez em meu filho Gean, antes que fosse tarde demais...

Continuando meu caminho pela cidade, encontrei uma rua movimentada, com carros abandonados, alguns tombados em acidentes, e outros com portas abertas e capôs levantados, mostrando que foram saqueados.

Havia lixo acumulado nas calçadas e uma grande quantidade de folhas secas que se misturavam com o lixo. Era como se o tempo tivesse parado e a cidade tivesse sido abandonada de repente.

Continuei a caminhar pela cidade deserta, olhando para todos os lados, pronto para enfrentar qualquer ameaça que pudesse surgir. Acabei me deparando com alguns Zumbis que estavam bloqueando a esquina. Tive que afastá-los com alguns golpes da minha arma...

Eu não queria utilizá-la muito, para evitar atrair mais inimigos e assim manteria a área segura.

Percebi que ainda havia luzes de postes acesas em algumas casas e prédios de 3 andares nas redondezas, mas decidi explorar uma oficina de carros que parecia estar em um terreno grande. Subi em uma árvore para verificar melhor e constatei que aquele lugar era perfeito para se abrigar. Apesar da pouca iluminação, já havia amanhecido e era uma questão de tempo para ter uma visão melhor das coisas.

Do alto, pude ver que havia várias carcaças de carros velhos, galões de querosene, muros altos e muitos objetos espalhados. Aquela oficina seria uma ótima oportunidade para tornar o local mais seguro em uma possível invasão, tanto por Zumbis quanto por Animais.

O único problema era o portão feito de madeira, que estava bastante velho e poderia ser facilmente derrubado. Como não sabia quanto tempo ficaria naquele lugar, decidi reforçá-lo.

Apesar dos ferimentos no meu joelho e perna, e não doerem mais, poderiam se agravar em caso de uma torção numa queda alta...

Em frente daquela oficina eu quebrei a fechadura e trinco do portão para entrar, mas consertei-o imediatamente. Com alguns fios que encontrei no local consegui um tempo depois, fazer algumas gambiarras emendando fios que ali tinham e conectando nas tomadas e lâmpadas. Por enquanto por minha sorte, ainda funcionava energia naquela região.

E é claro que eu não poderia deixar o ambiente todo iluminado era só para poder ligar o Rádio Comunicativo E aos poucos eu ia ajustando a frequência correta para então receber novamente a comunicação com Patrick...

- Fala aí Patrick...Ta me ouvindo?
- Ouço sim. mas com chiado...estamos muito longe...
- Eu queria ter certeza de que tudo que você me contou era o que irá acontecer em todo o país.
- Pode apostar que sim. Estou com muito medo de não sobreviver até o Refúgio. Estamos em perigo ainda.
Eu não decolei, pois estamos escondidos... tentando escapar agora dos guardas costas dos Doutores.
Quase fomos mortos...
- Meu filho ainda está contigo?
- Sim. Estamos quase fora dos limites da cidade. Eu achei melhor garantir que ele esteja longe daí. E eu poder voltar para resgatá-lo sozinho...Seu filho é corajoso demais e está me ajudando a enfrentá-los...
- Fez bem. Você está fazendo a coisa certa. Obrigado!
- Sabe que farei tudo para nos manter seguros. Vocês são da minha família...você está longe da igreja?
- Não. Estou uns 200 metros de distância. Escondido.
-...Gene, tenho que confessar, não sei se conseguiremos levar os antídotos para o Refúgio.
- Então...eu estou de posse ainda. Não teria como perdê-los de dentro da maleta...só para garantir eu reverti o procedimento dos gestos e digitais vamos fabricar a vacina por lá. Eles serão os únicos capazes.
- Que bom...isso é importante, vamos conseguir voltar e tirá-lo daí, ok?

A conexão da rede
estando instável foi encerrada no momento em que se precisava de mais informações, no vídeo conferência...

PERSONAGENS

GENE: 39 ANOS, CIENTISTA DO LABORATÓRIO H.A.V.Es. 02. RESPONSAVEL POR MANIPULAÇOES GENÉTICAS.

GEAN: 17 ANOS, FILHO DE GENE E VOLUNTÁRIO PARA ESTUDAR OS DIVERSOS COMPORTAMETOS HUMANO PERANTE A SITUAÇÕES ADVERSAS DENTRO DO LABAORATÓRIO H.A.V.Es.02.

PATRICK: 38 ANOS, PILOTO DE HELICÓPTERO E FUNCIONÁRIO DO LABORATÓRIO H.A.V.Es. 02.

AM: 49 ANOS, IRMÃ DE GENE E ZIA. FUNCIONÁRIA DO LABORATORIO H.A.V.Es. 02. SUA FUNÇÃO ERA ANALIZAR TODOS RESULTADOS DE ESPERIMENTOS E SUGERIR MELHORIAS.

ZIA: 39 ANOS, IRMÃ DE GENE E AM. FUNCIONÁRIA DO LABORATORIO H.A.V.Es. 02. SUA FUNÇÃO ERA PESQUISAR OS COMPORTAMENTOS DAS VÍTIMAS QUE ERAM ENFRENTADAS PELOS ANIMAIS NO CATIVEIRO. P.C.Vs. (Pesquisas de Comportamentos das Vítimas)

DR. LEIKO GUESA: JAPONÊS DE 56 ANOS, CIENTISTA E UM DOS DONOS DOS LABORATÓRIOS H.A.V.Es. SENDO UM DOS FUNDADORES DE VARIOS PRÉDIOS DE MANIPULAÇÃO FARMACEUTICOS ESPALHADOS PELO PAÍS E EXTERIOR.

DR. SARAU GAWA: AMERICANO DE 64 ANOS, CIENTISTA E UM DOS DONOS DOS LABORATÓRIOS H.A.V.Es. SENDO UM DOS FUNDADORES DE VARIOS PRÉDIOS DE MANIPULAÇÃO FARMACEUTICOS ESPALHADOS PELO PAÍS E EXTERIOR.

CHICO: 51 ANOS, FUNCIONÁRIO DO LABORATORIO H.A.V.Es. 02 E RESPONSAVEL POR CUIDAR DO FILHO DO CIENTISTA GENE NA CIDADE BJN.

GELSON LEAL: 66 ANOS, PASTOR DA IGREJA I.P.E. DE BJN. FUNDADOR DE UM GRUPO DE RESISTÊNCIA.

TIRÇO: 40 ANOS, O SEGUNDO EM COMANDO DO GRUPO DO PASTOR GELSON. ERA TAMBÉM O RESPONSAVEL POR DISTRIBUIR ARMAMENTOS.

NÁDIO: 27 ANOS, SOBREVIVENTE BJI

Zumbis Contaminados pelo Gás HELLARCs

Olhos Vermelhos, Grandes e Esbugalhados: *Os Zumbis afetados pelo gás HELLARCs têm olhos distintivamente vermelhos, com tamanho aumentado e uma aparência esbugalhada, refletindo a influência direta da contaminação.*

Ausência de Pelos: *A pele dos Zumbis contaminados é completamente desprovida de pelos, uma característica que contribui para a aparência grotesca e deformada que adquirem.*

Pele Totalmente Deformada: *A pele dos Zumbis é extremamente deformada, com manchas, feridas, e irregularidades visíveis. Isso contribui para sua aparência assustadora e deteriorada.*

Movimentos Rápidos e Nervosos: *Esses Zumbis não se movem de maneira lenta e desajeitada como alguns outros tipos, mas sim de forma rápida e nervosa, aumentando sua ameaça e agressividade.*

Devoram Humanos Vivos: *Possuem uma natureza predatória e uma ânsia voraz por carne humana, atacando e devorando suas vítimas ainda vivas.*

Sede Insaciável por Carne Humana: *A fome por carne humana é constante e insaciável, levando-os a procurar ativamente por presas.*

Habilidade de Localizar Humanos Vivos: *Demonstram uma habilidade aguçada para localizar humanos vivos através do olfato ou sons, detectando-os a distâncias consideráveis.*

Capacidade de Contaminação: *Podem transmitir a contaminação para humanos vivos através de mordidas, contato com saliva ou sangue contaminado. Essas vítimas transformam-se em outro tipo de Zumbi com raras exceções, após a infecção.*

Comportamentos Anormais pela Fome: *Quando privados de alimentação por um período prolongado, os Zumbis ficam cada vez mais nervosos. Com o passar do tempo, podem exibir comportamentos extremos, como agitação intensa e até automutilação, como bater a cabeça contra a parede em um estado de frenesi.*

Zumbis Transformados por Mordida ou Contato com Saliva ou Sangue Contaminado

Olhos Vermelhos e Esbugalhados: *Assim como os Zumbis contaminados pelo gás HELLARCs, estes também apresentam olhos vermelhos e esbugalhados, indicativos claros de sua condição de zumbificação.*
Ausência de Pelos: *A pele desses Zumbis também é desprovida de pelos, contribuindo para sua aparência cadavérica e perturbadora.*
Pele Totalmente Pálida: *A pele desses Zumbis tem uma palidez extrema, exibindo tons brancos ou acinzentados, o que acentua sua aparência morta e doentia.*
Movimentos Normais e Nervosismo: *Diferentemente dos Zumbis contaminados pelo gás HELLARCs, eles se movem de forma mais comum, porém, mantêm um estado de nervosismo constante, o que os torna imprevisíveis.*
Alimentação de Humanos Vivos ou Mortos: *Demonstram um comportamento alimentar voraz, atacando tanto humanos vivos quanto recém cadáveres para satisfazer sua fome insaciável por carne humana.*
Sede Insaciável por Carne Humana: *Assim como os Zumbis anteriores, têm uma fome incontrolável por carne humana, sendo esta a sua principal motivação.*
Habilidade de Localização: *Mantêm a habilidade de detectar humanos vivos através do olfato ou de sons a certa distância, o que facilita sua busca por presas.*

Capacidade de Contaminação Pós-Morte: *Mesmo após a morte devido às mordidas, a vítima se transforma nessa espécie e ainda pode transmitir a infecção, aumentando assim o número de infectados.*
Alterações Comportamentais pela Ausência de Alimentação: *Se ficarem privados de alimentação por um período prolongado, tornam-se mais lentos e letárgicos. Essa falta de energia os torna menos ágeis e mais fáceis de serem evitados ou contidos, embora ainda sejam perigosos.*

Animais Geneticamente Modificados

Olhos Grandes e Avermelhados: *Possuem olhos proeminentes e avermelhados com brilho tênue no escuro conferindo-lhes uma aparência intimidante e singular.*

Pele Amarronzada Sem Pelos: *Sua pele é de uma tonalidade amarronzada e desprovida de pelos, revelando uma superfície lisa e semelhante à pele.*

Quatro Patas com Garras Venenosas: Têm quatro patas dotadas de garras venenosas retrateis, o que os torna ainda mais perigosos no ataque às presas.

Bocarra com Dentes Grandes: *Possuem uma boca com dentes relativamente grandes, adaptados para a alimentação carnívora e para a capacidade predatória*.

Altura de 1 metro e meio quando em pé: *Quando se erguem nas patas traseiras, atingem aproximadamente um metro e meio de altura, o que os torna consideravelmente imponentes em relação ao tamanho médio, usando isso para o bote em suas vítimas.*

Rápidos e Espertos*: São ágeis e têm uma inteligência acima da média para a busca e caça de presas, utilizando estratégias para capturar suas vítimas.*

Sentido Aguçado de Cheiro de Carne Humana: *Demonstram uma capacidade sensorial aguçada para detectar o cheiro de carne humana a grandes distâncias, o que os torna eficientes na localização de presas.*

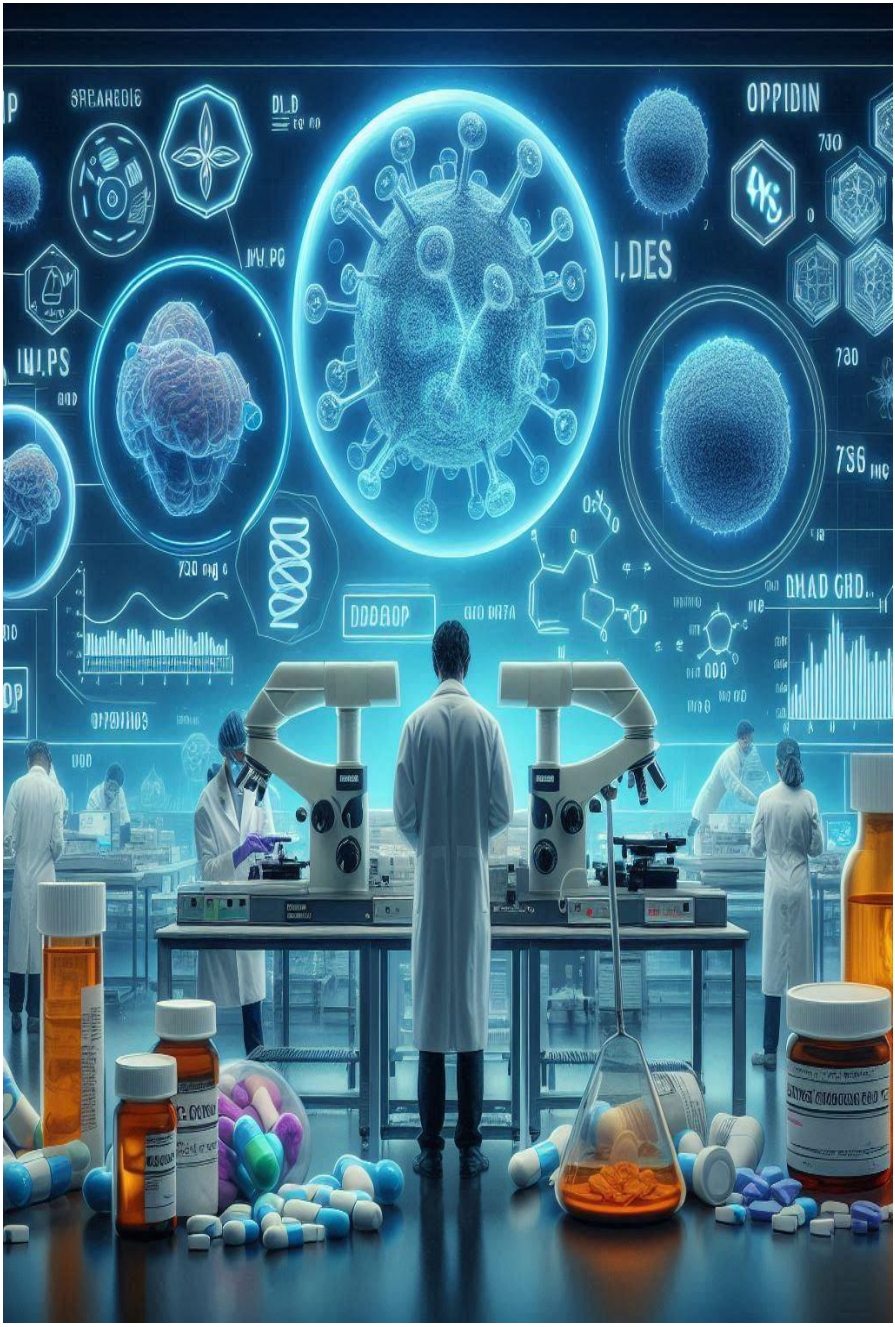
Devoram Humanos Vivos: *Têm um comportamento predatório e devoram humanos vivos para se alimentar.*

Agressividade Crescente na Ausência de Alimentação: *Ficam mais agressivos à medida que passam tempo sem se alimentar. No entanto, se prolongarem esse período, podem se tornar lentos e cansados, culminando na morte por inanição.*

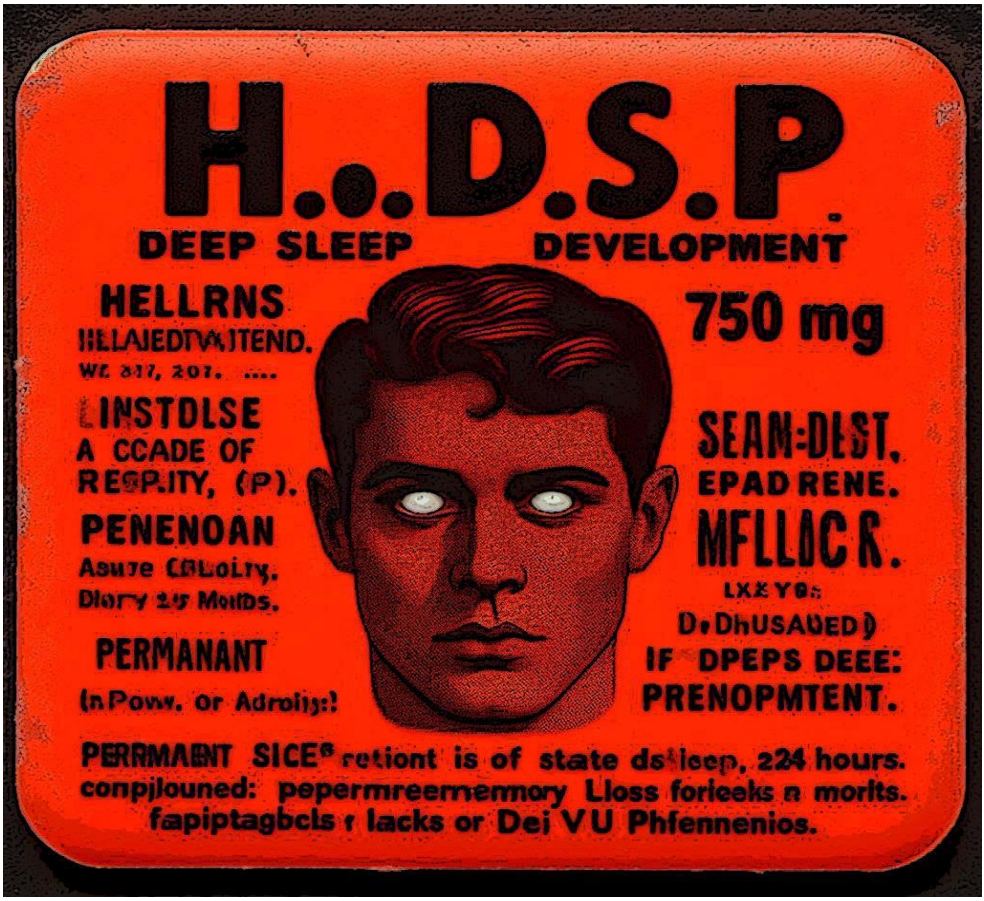
Predileção por Arrancar e Comer a Cabeça das Vítimas: *Demonstram um comportamento peculiar de arrancar e se alimentar especificamente do cérebro das vítimas, talvez por alguma modificação genética que os faça buscar essa parte do corpo humano.*

Possíveis Variações de Comportamento devido à Criação em Laboratórios: *Por terem sido criados em laboratórios, alguns exemplares podem apresentar comportamentos mais lentos e letárgicos por questões genéticas, diferenciando-se do comportamento agressivo predominante na maioria dos Animais geneticamente modificados.*

Medicamentos Desenvolvidos pelos Laboratórios H.A.V.Es.

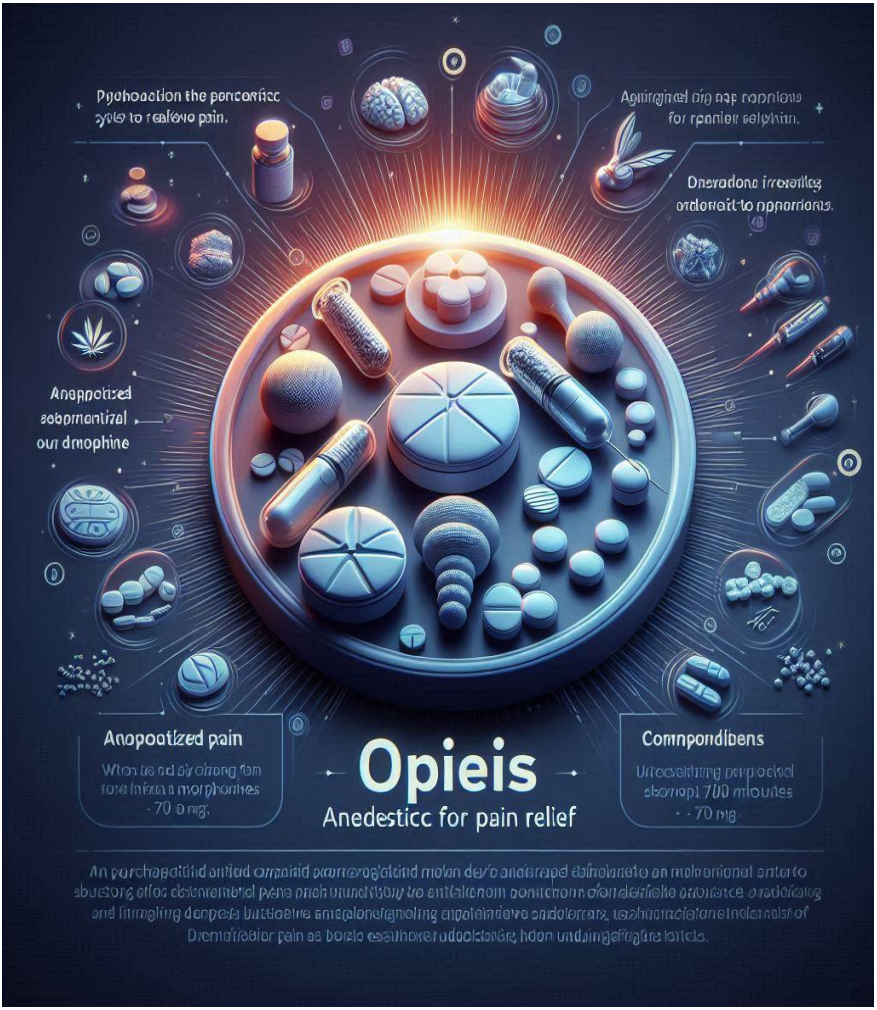


H.D.S.P. (HELLARCs, Desenvolvimento do Sono Profundo) - *750 mg:*



Descrição: *Comprimido avermelhado, meio achatado.*
Efeito: *Induz o indivíduo a um estado de sono profundo entre 8 e 12 horas.*
Efeitos Colaterais Importantes:
Perda da noção da realidade, comportamento agitado e louco. Perda permanente da memória de semanas ou meses, acompanhada por flashbacks ou fenômenos de déjà vu.

Opioides - Anestésico para Alívio de Dor: - *750 mg:*



Descrição: *Composto psicoativo que age no sistema nervoso para aliviar a dor, contendo substâncias não identificadas.*

Efeito: *Atua de forma semelhante à morfina, porém com uma mistura de substâncias de outros medicamentos. Alivia a dor localizada em cerca de 7 minutos e dias, mas seus componentes são ainda indetectáveis.*

Inibidores das Espécies:

Podemos deduzir que os "Inibidores das Espécies" são substâncias ou dispositivos projetados para neutralizar ou interromper os efeitos de uma espécie específica de agente biológico, neste caso, o vírus HELLARCs, fornecendo imunidade ou proteção contra os efeitos nocivos associados a essa espécie a longo prazo.

Eles podem agir de várias maneiras, como bloquear a interação entre o agente patogênico e as células hospedeiras, impedir a disseminação do agente no corpo ou neutralizar os efeitos danosos causados pelo agente.

Ampola Hz.

Descrição: Ampola com cores peculiares, misturando vermelho e preto. É capaz de impedir que o gás HELLARCs contamine o sangue, interrompendo o processo de deformidade da pele e seus efeitos colaterais.

Concede imunidade permanente ao portador do vírus HELLARCs, porém o indivíduo permanece como portador do vírus. Requer uma seringa específica fabricada exclusivamente pelos Laboratórios H.A.V.Es. para aplicação. Deve ser aplicado na região do pescoço, onde se localiza a veia carótida, antes da exposição ao gás.

Efeitos e Consequências:

O usuário experimentará alguns tipos de efeitos colaterais durante menos de um ano, mas eles persistirão pelo resto da vida. Vale ressaltar que o inibidor concede imunidade permanente ao portador do vírus HELLARCs, o que significa que uma vez administrado, o indivíduo estará protegido contra os efeitos do vírus. No entanto, é importante observar que o portador permanece infectado com o vírus, o que implica que eles podem transmiti-lo a outros indivíduos, mesmo sem sofrer os sintomas associados.

Ampola An.

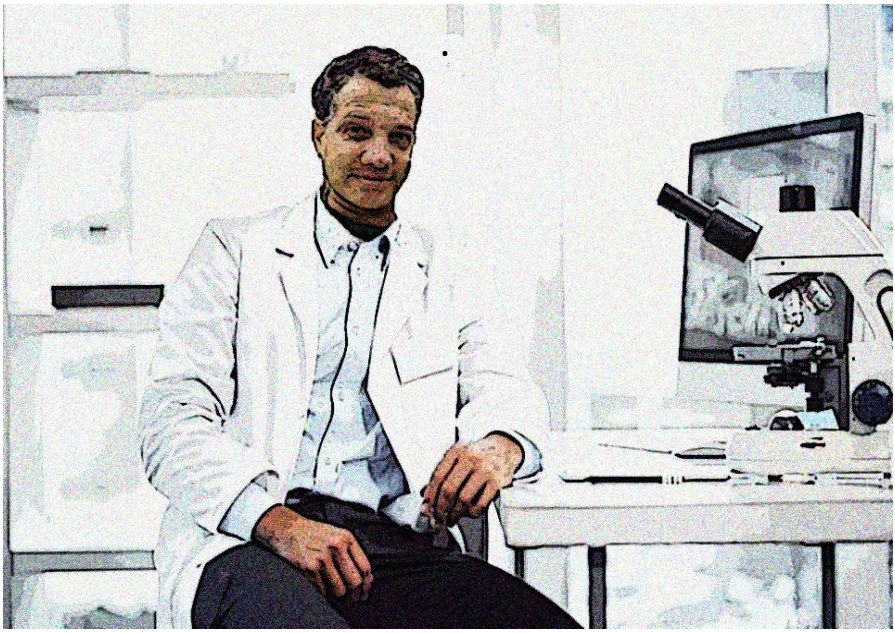
Descrição: Apresenta um tom vermelho vivo semelhante ao veneno de um animal. Imuniza rapidamente o portador ao entrar em contato com o sangue.
Requer uma seringa específica fabricada somente pelos Laboratórios H.A.V.Es. para aplicação.
Deve ser aplicado antes ou depois da contaminação, na região da perna, onde se localiza a veia femoral.
Recomenda-se a aplicação em menos de três minutos para evitar danos irreparáveis.

Efeitos e Consequências:

O antídoto, embora exista, é ineficaz contra os efeitos devastadores desse veneno. Mesmo se administrado imediatamente após a exposição, é incapaz de reverter os danos causados aos órgãos internos caso o tempo estimado acabe ultrapassando, mas isso pode ser uma tarefa quase impossível. A quem diga que esse inibidor consegue reagir ao inibidor Hz, quando se encontram no sistema sanguíneo causando uma reação estranha, assustadora, mas vital ao corpo humano.

UM BOOK
DAS RARIDADES
DO
LABORATÓRIO H.A.V.ES.02

O Cientista Genezi Barbosa, em sua sala no Laboratório H02



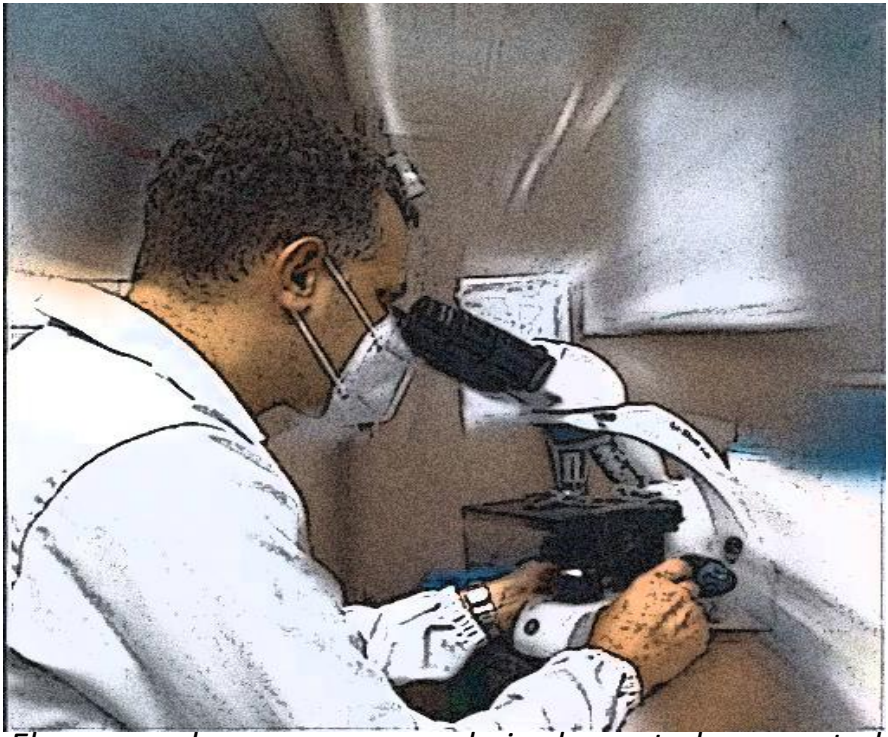
Sempre trabalhando e se dedicando ao máximo. Organizado e pontual. Ser individualista e ateu nunca lhe atrapalhou em suas pouquíssimas amizades, mas não se dava bem em seus relacionamentos.

Genezi não gostava de seu nome, mas teve sorte que Gene era mais fácil de se lembrar.

Alguns buscavam também nas horas vagas, incentivos e referencias no trabalho ao visitarem as três estatuas representando os doutores e a dele próprio. Elas ficavam dentro da cúpula bem no meio do pátio, localizado no quarto andar. Palavras muito bem escritas nos pedestais em cada uma delas, significavam os pensamentos presente e futuros de cada um naquele momento da inauguração do segundo Laboratório a ser construído.

Anos depois, Gene tinha mudado seus conceitos e por isso não mais admirava e fazia de tudo para que ela fosse retirada de lá em forma de protesto pelos comportamentos dos doutores, pesquisas e experimentos ocultos não divulgadas mais para todos.

Ele e juntamente com várias pessoas evitara de estar na cúpula, e isso prevaleceu por anos...



Ele era um dos poucos a ser admirado por todos e por tudo que fazia. Os Seus resultados fascinantes muito bem elaborados para divulgação, eram consideradas como a bíblia da ciência.

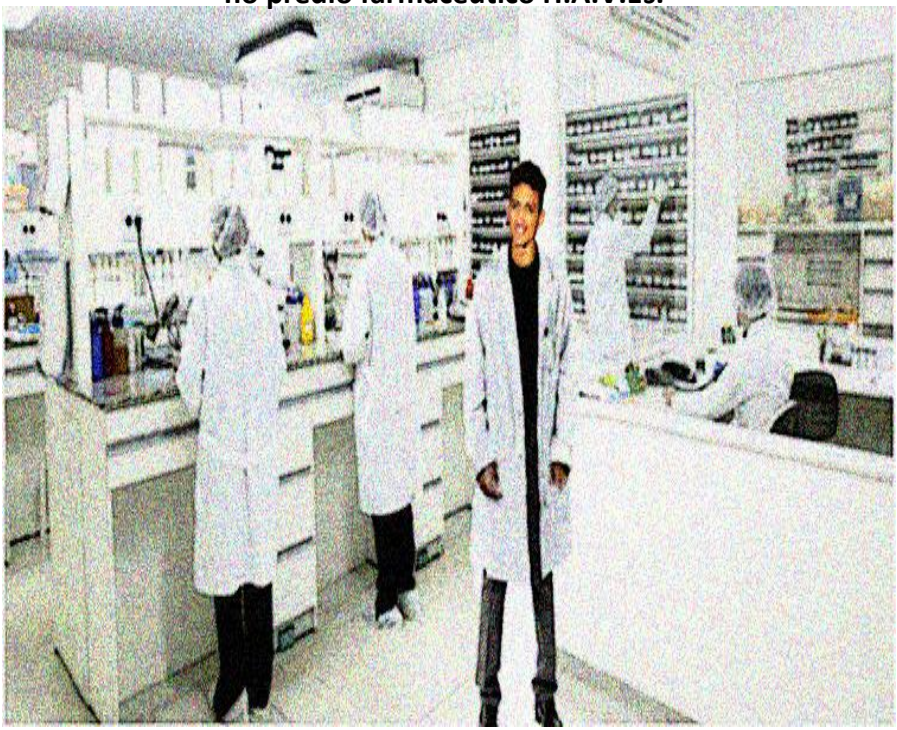
Muitos funcionários e inclusive os Doutores Leiko Guesa e Sarau Gawa, tentavam estudar através de seus conhecimentos uma certa descoberta do gene mutante encontrado numa determinada raça de cão que ele próprio não divulgava absolutamente a ninguém, pois as suas descobertas lhe fazia ser mais cuidadoso no que divulgava e também a ter mais preocupação em ser esquecido futuramente não ganhando seus devidos créditos como criador.

Então, resolvia guardar a sete chaves tudo que ia pesquisando e criando durante os longos 6 anos confinado.

Nunca pensou em fugir ou dar uma saidinha que era ocultamente permitido pela sua qualificação.

Gene era o queridinho de todos, mas os Doutores iam menosprezando-o e por isso, ele ganhava muitos aliados entre todos os laboratórios criando seu próprio grupo fechado para compartilharem entre si, tais documentos, pesquisas e experimentos secretos.

Gean, filho de Genezi, comemora seu primeiro remédio manipulado no prédio farmacêutico H.A.V.Es.



Rapaz responsável e inteligente, mas com personalidade forte. Era difícil ouvir dele admitindo um erro, sempre estava certo.

Ele também despertava inveja dos outros estagiários, pois sendo o único entre eles a ter uma certa liberdade de escolha de trabalho. Não gostava de comemorar absolutamente nada, nem mesmo seu aniversário. Nessas horas poderiam encontrá-lo estudando e planejando seu futuro.

Uma de suas características herdada do pai, era ser individualista. Gean tirava nota sempre mais altas que os outros estagiários, mas ele não queria o lugar de ninguém. Se fez sua própria profissão no Laboratório sendo assim ninguém era qualificado para tirá-lo daquele cargo.

Os Doutores até conversavam com ele sempre avaliando seus trabalhos e entendendo que ele não precisava de ajudantes, e sim de uma sala só sua. Era algo que futuramente iria ser cedido podendo ser até transferido para o mais importante laboratório de todos o H.A.V.Es.027*.*
Seu pai chegou a ser convidado, mas depois foi negada sua transferência.

As irmãs, Zia e AM, responsáveis por pesquisar, analisar e cuidar dos alimentos na estufa da cúpula no quarto andar.

O lugar era grande e maravilhoso, trazendo sempre paz e harmonia...elas adoravam o tipo de trabalho feito dentro da estufa de alimentos. O local ficava dentro da cúpula logo depois do pátio. Era aberto para quaisquer um fazer um tour, mas sempre acompanhado por guias. Elas eram as principais e importantes no que se diz a respeito de cultivo. Por lá tendo várias variedades de plantas e alimentos que eram somente destinados a todos. Apesar que unidas sempre traziam resultados satisfatórios, trabalhavam quase sempre em funções e andares diferentes. Tendo qualidades e características iguaizinhas. Eram proativas, simpáticas, muito comunicativas. Ser esse tipo de pessoa atrairiam muitas invejas certo?

Mas por incrível que pareça ganharam respeitos de todos os funcionários e isso era cerca de 180 pessoas, por causa da grande amizade e confiança que tinham com os Doutores Leiko e Sarau.

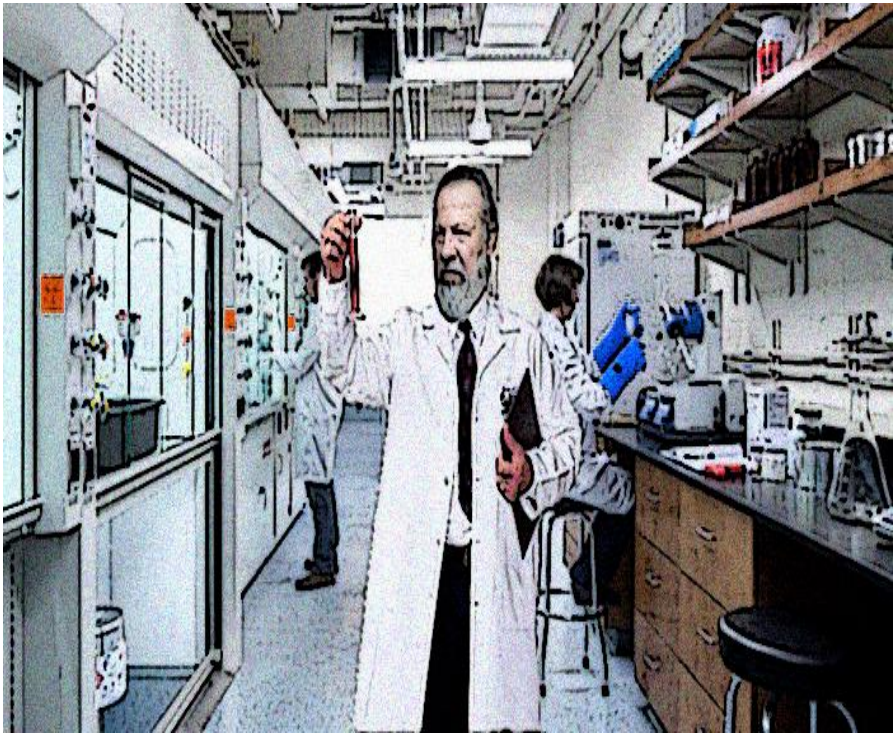
Nem Gene que estava desde o princípio conseguiu tanta moral assim.

Marcando presença, o Dr. Leiko Guesa em uma das salas do quinto andar do laboratório H02.

O doutor era muito dedicado tendo uma vasta sabedoria. Era perfeccionista e presencial. Sua moral e respeito lhe tornou um verdadeiro mestre lhe dando tanta fama e poder que era conhecido por todos os 27 Laboratórios.
As vezes sendo chato demais chegou a banir muitos funcionários sendo conhecido entre as fofocas como, "o carrasco".
Através dele é que se deu início a punições severas e a obrigar a todos estarem sempre estudando para realização de provas para que somente aqueles que tivessem nota altas fosse capaz de ocupar vagas em suas perceptivas funções banindo sei lá pra onde, os reprovados, surgindo então vagas para estagiários.

Uma das consequências encontradas entre os funcionários era a omissão de suas atividades, pesquisas e resultados para quaisquer um que não seja os doutores criando uma epidemia de individualismo engessando o crescimento e enfraquecendo os menores.

Essa foto merece entrar em primeiro lugar no book das raridades. O Dr. Sarau Gawa segurando a ampola Hz, no quinto andar do Laboratório H02.



Um homem ranzinza

que não tolerava erros. Não gostava de conversar com funcionários, um verdadeiro hierárquico. Todos o odiavam, mas ele era fundamental e importante para que todos que cometessem erros ou não conseguissem ter sucesso nos experimentos, pudessem ter uma segunda chance com mais foco e intensidade e com isso causando o confinamento das equipes sendo isoladas por tempo indeterminado. Ele tinha o poder de decidir quaisquer coisas sem consentimento de ninguém, nem mesmo de seu socio e cofundador o Doutor Leiko Guesa.

Sua característica marcante era querer saber como se faz, estudando para compreender os experimentos e realizá-los e enfim, ele próprio ter sucesso, mas divulgando seus resultados para todos, nos boletins informativos passados nas várias tvs que ele mesmo fez questão de instalá-las.

O ótimo e corajoso piloto de Helicóptero
Patrick.

Ele era um cara proativo e sempre com a mania de controlar a todos em sua volta. Sarcasmo era uma das suas características principais. Não suportava que alguém falaste mal de seus amigos.

Sendo um dos privilegiados a sair e voltar para o laboratório, ele tinha uma certa amizade com os Doutores assim que os encontravam pelas cidades. Tinha muito trabalho não divulgado e até uns contestados por seu melhor amigo, Gene.

Patrick demostrava muita fidelidade ao seu amigo e aos Doutores. Ele era conhecido entre todos como "cachorro doido"

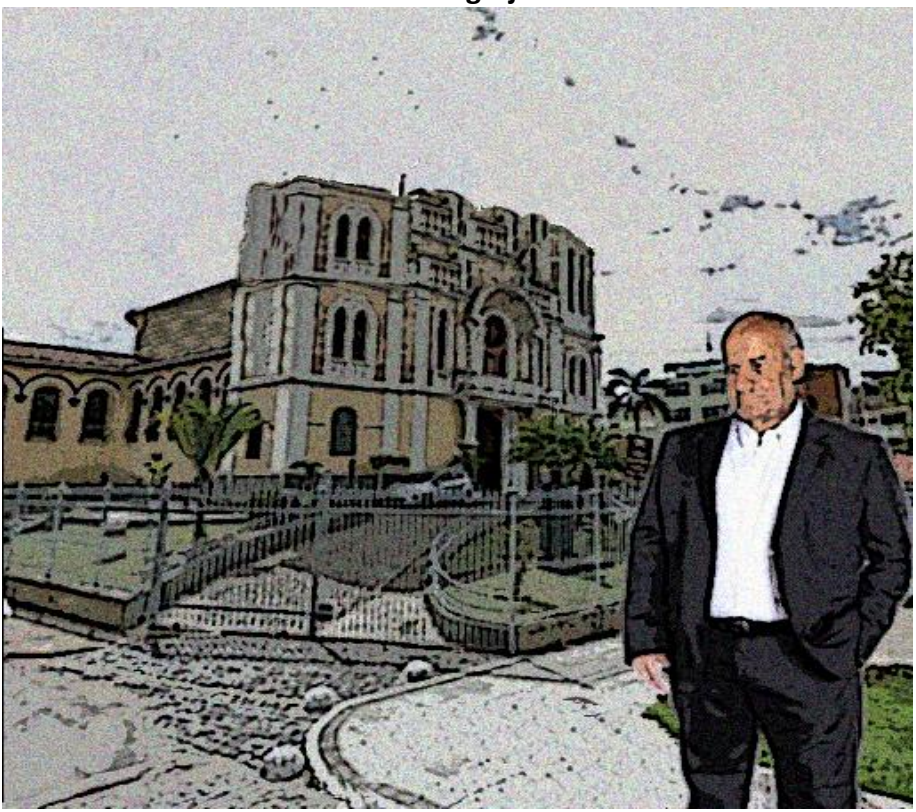
pois tinha atitudes agressivas não tolerando certas situações, mas calculista nas horas difíceis e não demostrando medo de nenhuma ameaça.

Ele também se preservava e preferia divulgar as coisas secretas contando a sua família e amigos

o que ocorria dentro dos Laboratórios. Ele era o único que tinha duas salas para trabalhar. Ele também ajudava os fiscais nos defeitos dos aparelhos eletrônicos de rádios e videomonitoramento. Era também o único além de cientistas, a ter sua própria maleta com antídotos contra o veneno dos Animais. Infelizmente ele era afetado pelo efeito colateral e tinha dias que surtava.

Para amenizar isso,
tomava um certo remédio.

Eis aqui, o Pastor Gelson Leal,
de frente da Igreja I.P.E.



O pastor Gelson sempre quis ter sua própria igreja realizando seus próprios conceitos e tendo ela como legitimo dono criou-se
A ***I****greja de* ***P****reparação* ***E****spiritual,*
totalmente reformulada com financiamento de seus membros e infelizmente o ato teve consequências criando-se muitas desavenças e inimigos dos líderes da antiga religião.
Os fiéis que eram quase 200, mais que a metade os abandonou, restando somente 33 pessoas que ainda viam esperanças no que ele pregava.
Ele ainda continuava a ajudar os mais necessitados pelas ruas das cidades,

resgatando alguns fazendo-os ser os pequenos
entre os grandes, lhes tornando fortes.
Eles o admiravam pelo jeito de pregar
a palavra conquistando
alguns fiéis que ficaram mais próximo do pastor.
Conhecido como Leal, ele cultuava seu lema:
"A verdade que irá lhe libertar"

O senhor Chico, relatando ao Tirço seus segredos e informações sobre seu trabalho.

O senhor Chico era funcionário do Laboratório H.A.V.Es. e responsável por cuidar ou proteger
filhos de cientistas que passavam a morar com ele na Cidade. Ele fazia serviços a mando dos Doutores e somente tinha acesso ao prédio farmacêutico H.A.V.Es. Também era um amigo incomum do cientista Gene e estava responsável por preparar sua casa para o dia D, recebendo instruções e recursos para manter o local seguro para abrigar tanto sua família quanto Gene, as suas irmãs e seu filho Gean...Chico tinha sido descoberto e desmascarado por Tirço nas informações adquiridas nas invasões passadas, mas Gelson o queria em seu grupo e conseguiu convencê-lo a se aliar ao contá-lo sobre os remédios manipulados dados as populações os tornando dependentes e
cobaias dos experimentos...
Isso foi a resposta sobre os comportamentos bizarros, os surtos e loucuras que ocorriam pelas cidades...

Então Chico se sentiu revoltado por saber a origem da doença de sua mulher e filha se dedicando agora o máximo para se vingar de todos.

Em uma das suas tarefas, ele ficou responsável por drogar Gean para poder extrair mais informações sobre o prédio farmacêutico e o laboratório subterrâneo.

*Foi usado o remédio **H.D.S.P.** fornecido pelo informante de Tirço até então desconhecido. Com a certeza de que as Cidades seriam contaminadas pelo gás HELLARCs e infestações de Animais genéticos predadores de humanos, eles estavam comprometidos a denunciar todos os envolvidos e também*

preparados para sobreviverem a qualquer custo.

Imagem capturada pela câmera da ponte BJI-BJN, mostra o Tirço carregando uma bolsa supostamente contendo armas.

Tirço era dono de um hotel bem antigo que ao ser reconhecido como patrimônio da cidade lhe rendeu muita fama por quase todos os moradores. Ele se tornou um grande admirador do Pastor Gelson e um amigo pessoal sendo fundamental e responsável pelo dinheiro doado para se reformar a igreja e tentar conquistar mais fiéis...

Era muito comprometido e influenciador nas escolhas das pessoas. Ele sempre demostrava ser, extrovertido, prestativo e muito fiel.

Não tinha muitos amigos e sempre se via andando sozinho pelas cidades ou com seu carro que era bem conhecido. Foi ele que fornecia armas, veículos e recursos para seu antigo grupo de investigações. Esse grupo encontrou muitas informações secretas e acontecimentos ocultados pela mídia e autoridades.

Depois de várias invasões no prédio farmacêutico H.A.V.Es.,
todos os membros foram perseguidos e mortos,
desaparecendo sem vestígio.
Restando somente Gelson, Tirço, Chico e alguns fiéis,
resolveram ficar anonimatos e se dedicar somente na
construção de um bunker dentro da Igreja
guardando tudo que eles tinham descoberto e é claro
futuramente forneceria abrigo a todos,
quando chegaste o dia D.

BIOHAZARD